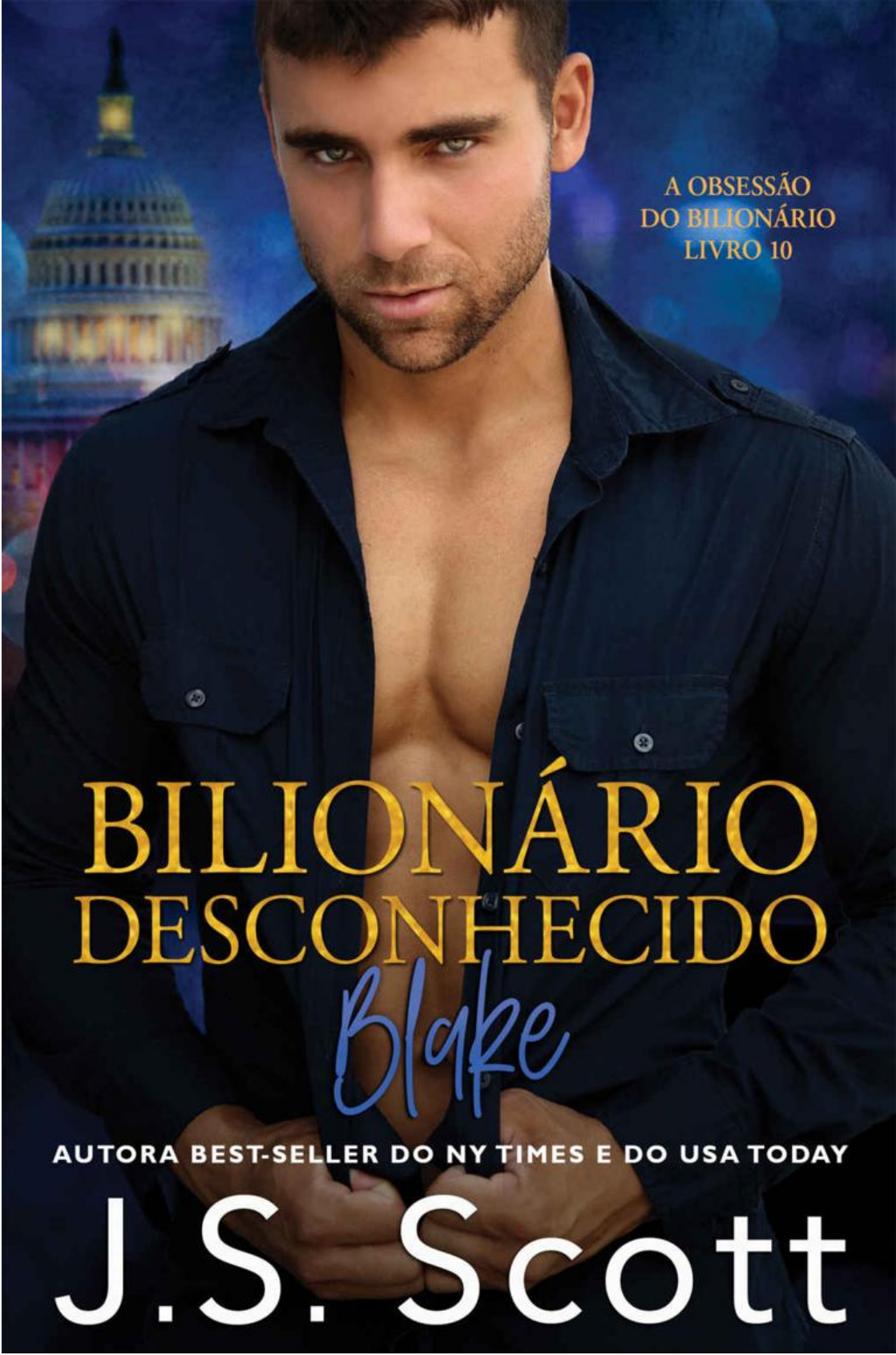


Bilionário
Desconhecido ~
Blake (A Obsessão
do Bilionário Livro

J. S. Scott



A OBSESSÃO
DO BILIONÁRIO
LIVRO 10

BILIONÁRIO DESCONHECIDO

Blake

AUTORA BEST-SELLER DO NY TIMES E DO USA TODAY

J.S. Scott

*Bilionário
Desconhecido*

A OBSESSÃO DO BILIONÁRIO
Blake

J. S. SCOTT

Bilionário Desconhecido

A Obsessão do Bilionário - Blake

Copyright © 2017 de J.S. Scott

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste documento pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia por escrito.

Capa de lorijacksondesign.com

ISBN: 979-8-415117-17-8 ((Impresso)

ISBN: 978-1-951102-80-7 (E-Book)



[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)



Prólogo



Blake

Véspera de Natal, Doze Anos Antes

O que diabos eu estava fazendo?

Basicamente, eu estava congelando, procurando uma fugitiva no meio de uma tempestade de neve na véspera de Natal. O que realmente me deixava furioso era o fato de que ela era uma garota mimada de dezoito anos de quem eu nunca gostara, para começo de conversa.

O apelido que eu lhe dera quando éramos crianças fora Cruela Cruel desde que conseguia me lembrar. E eu a chamara por aquele nome tantas vezes que quase não me lembrava de que seu nome real era Harper Lawson.

Ela era a segunda filha mais velha da família Lawson, amigos de longa data da família Colter.

É por isso que estou aqui fora congelando em plena véspera de Natal.

Havia muito pouco que eu *não faria* pela minha mãe. Mas, naquele momento, desejei não amá-la tanto. Eu nunca conseguira tolerar ver minha mãe chateada. E, como a mãe da garota mimada era a melhor amiga da minha, obviamente que mamãe estava preocupada.

Podem me chamar de idiota, mas eu me ofereci para aquela tortura só para não ver o estresse no rosto da minha mãe.

Eu não vira Harper Lawson em anos, apesar de ela morar em outra cidadezinha relativamente próxima de Rocky Springs, Colorado, onde nós

morávamos. Eu estava nas férias da universidade e Harper acabara de terminar o ensino médio. Por sorte, mamãe parara de tentar forçar um

relacionamento entre eu e as garotas Lawson mais novas na época do ensino médio quando finalmente contei a ela como detestava Harper por ser má. A irmã mais nova dela, Danica, era muito mais simpática, mas eu não tinha muito contato com ela. Eu encontrara os irmãos Lawson algumas vezes, mas, como frequentávamos escolas diferentes, mal os conhecia.

Somente Harper me irritara profundamente. Ela sempre fizera de tudo para ser uma criança ditadora e ostentara a riqueza dos pais como se isso a tornasse melhor que os outros. Não importara o fato de os Colters também serem ricos. Ela fora igualmente antipática com todas as pessoas com quem entrara em contato durante a infância.

A julgar pela minha aventura gelada pela neve, ela não mudara absolutamente nada.

Fiz uma careta quando minhas botas de borracha abriram caminho pela neve profunda na calçada, achando difícil acreditar que Harper talvez estivesse no abrigo para desabrigados de Denver que eu procurava durante uma das piores nevascas que víamos em muito tempo.

Pelo jeito, Harper fugira depois que seus pais finalmente tinham colocado um freio nos gastos sem fim de dinheiro que não fora ela quem ganhara. Eles tinham tirado dela os cartões de crédito, o carro novo que ganhara ao terminar a escola e a maior parte das compras extravagantes que fizera porque ela não tinha desejo nenhum de ir para a universidade.

Obviamente, ela achara que, como os pais eram ricos, não precisava de educação. Os planos dela provavelmente se concentravam em se tornar uma *socialite* rica para o resto da vida.

Merda! Eu odiava garotas ricas que pensavam assim. Eu me esforçara muito na universidade e nenhum dos filhos da família Colter tivera esse tipo de atitude. Todos nós trabalhávamos na carreira escolhida ou planejávamos nosso futuro. Tínhamos muito dinheiro, mas nenhum de nós sequer considerara a ideia de não trabalhar.

Eu ouvira dizer que todos os irmãos Lawson estavam frequentando a universidade. Mas, pelo jeito, Harper não queria trabalhar duro assim.

Eu estava meio surpreso pelo fato de os pais dela nunca terem reconhecido como a filha era egocêntrica.

Quando os Lawsons perceberam como Harper era incrivelmente mimada e que ela nunca planejara ir para a universidade, finalmente decidiram cortar o dinheiro. Harper imediatamente fugira de casa. Bem,

tecnicamente, ela *não era* fugitiva. Tinha dezoito anos, portanto, não era mais criança. Mas certamente agia como uma.

Quem diabos fugiria de casa só porque a mamãe e o papai tinham tirado dela o carro e os cartões de crédito?

— Ela ainda é uma garota mimada — resmunguei irritado enquanto continuava a andar com dificuldade na neve. O frio começava a penetrar o casaco de inverno e a calça jeans. — Se mamãe não estivesse tão preocupada, eu teria ficado em casa, aquecido e confortável, celebrando o Natal com a minha família, em vez de me preocupar com os problemas de outra pessoa. — Infelizmente, Aileen Colter se preocupava com todo mundo. Minha mãe era uma das pessoas mais atenciosas que eu conhecia e era o elo que mantinha a família unida desde a morte do meu pai anos antes.

Ela era tão amiga da mãe de Harper que ficou horrorizada ao pensar na jovem sozinha, perdida na nevasca. Eu era muito mole e o olhar triste no rosto da minha mãe me fizera entrar em um helicóptero de Rocky Springs para Denver com uma tempestade aproximando-se só para encontrar uma garota irritante que não sabia viver sem seu veículo de luxo e seus cartões de crédito.

Finalmente encontrei o abrigo improvisado, grato pelo calor ao entrar pela porta.

Havia corpos por toda parte, a maioria dormindo em colchões no chão com um cobertor. Por causa do tempo, eu sabia que a maioria dos abrigos estava sobrecarregada.

Observei as pessoas no chão. Algumas dormiam, mas muitas estavam sentadas com o cobertor enrolado no corpo.

Meu coração ficou apertado quando vi aquelas pessoas com roupas esfarrapadas e senti o cheiro de corpos sem banho.

Isto é o melhor que poderiam esperar na véspera de Natal? Só o fato de entrar naquele lugar me lembrou de como eu tivera sorte. Os Colters eram absurdamente ricos e, como meu pai já falecera, essa riqueza fora distribuída para os filhos dele e para a minha mãe.

Aos vinte e dois anos de idade, eu já era rico, mas nunca, nem por um momento, considerara *não* trabalhar ou não obter um diploma universitário.

Meu pai fora um homem com excelente educação e eu sabia que ele queria o mesmo para todos os filhos. Meu irmão gêmeo, Marcus, assumira o legado de meu pai, enquanto os demais estavam ocupados planejando o

próprio destino e frequentando a universidade. Marcus tinha a situação mais complicada, tentando assistir às aulas e acompanhar o que acontecia com os negócios internacionais de nosso pai. Eu sabia que, assim que meu irmão gêmeo se formasse, ele viajaria o mundo.

E droga... eu sentiria falta dele.

— Posso ajudar? Receio não termos mais vagas. — A voz feminina era baixa e cheia de compaixão.

A mulher de meia idade sorriu para mim, um sorriso empático que eu não merecia.

— Não, senhora — respondi em tom reconfortante, querendo que ela soubesse que não teria que me alojar para passar a noite. — Estou procurando uma pessoa. Não preciso ocupar uma de suas camas.

Colocando a mão no bolso do casaco, peguei a fotografia mais recente de Harper, da formatura ela. — Você a viu?

A mulher pegou a fotografia e examinou-a com atenção. — Parece um pouco familiar, mas não consigo lembrar dela. Recebemos muitas pessoas jovens. — Peguei a fotografia e guardei-a novamente no bolso. — Você se importa se eu der uma olhada? — *Jesus!* Torci para que a dica que recebera sobre Harper estar ali não estivesse errada.

A mulher deu de ombros. — Pode procurar sua amiga à vontade. Seria bom ver uma pessoa a menos ficar sozinha no Natal.

Assenti e comecei a andar pela sala grande, com os olhos varrendo todos os rostos desesperados que ocupavam o espaço. Finalmente, cheguei a uma garota solitária e tive que olhar para ela duas vezes, quase descartando a noção de que talvez estivesse olhando para Harper.

A jovem tinha os mesmos cabelos loiros e provavelmente tinha a mesma idade. Mas tudo o mais nela parecia... errado. Cheguei mais perto dela e de sua posição, sentada no chão e apoiada na parede de concreto, com os braços enrolados em volta do corpo como se estivesse com frio.

Quando me aproximei, percebi que ela estivera chorando. — Harper?

— Eu disse o nome dela em voz alta a alguns metros de distância. Ela imediatamente virou a cabeça para olhar para mim.

Ela franziu a testa e limpou as lágrimas ao responder: — Colter?

Assenti, incapaz de afastar o olhar da expressão torturada nos olhos verdes dela e do desespero que vi neles.

Jesus! Era realmente Harper, mas ela não parecia em nada com a fotografia sofisticada. Ela vestia uma calça *jeans* maltrapilha e um suéter, em vez de roupas de grife. Ela não usava joias, nem mesmo o pingente e os anéis de diamante que eu sabia que seus pais não tinham tirado dela. E o rosto angelical estava completamente sem maquiagem. Os cabelos loiros caíam sobre os ombros com ondas naturais muito mais atraentes do que o penteado sofisticado da fotografia.

Eu me ajoelhei ao lado dela. — Estou aqui para levar você para casa.

Sua família está muito preocupada.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não posso voltar para lá.

— Você pode — disse eu firmemente. — O problema é que talvez tenhamos que ficar em Denver esta noite. Não sei se conseguiremos voltar para Rocky Springs com este tempo. Mas, pelo menos, podemos liberar esta cama para que alguém mais possa usá-la.

Ela assentiu lentamente e ficou de pé. — Isso seria bom. Há tantas pessoas precisando de um lugar quente onde ficar agora. Irei com você.

Peguei a mão dela simplesmente porque ela parecia muito perdida.

Levei-a em direção à porta do abrigo, dando à mulher que cuidava do lugar uma doação grande. Depois que Harper pegou um casaco que não seria quente o suficiente para o clima do lado de fora, empurrei-a porta afora.

Eu a levei por alguns quarteirões até o quarto de hotel que meu irmão Marcus reservara antes do começo da minha procura por Harper.

Subitamente lembrei-me de que fora o único quarto disponível em Denver.

Por causa da tempestade de neve e dos feriados, todos os hotéis estavam lotados.

Ao entrarmos no quarto do hotel um tanto decadente, informei a ela: —

Teremos que dividir o quarto. Foi o único disponível que conseguimos encontrar.

Ela deu de ombros. — Não faz mal.

— Harper, vai ficar tudo bem. Assim que o helicóptero puder decolar, levarei você de volta para casa. — Eu não gostava dela, mas sua expressão derrotada começou a me fazer sentir pena.

— Mamãe, papai e meus irmãos mais velhos vão me dar uma bronca enorme — disse ela em tom direto. — Queriam que eu fosse embora.

Apesar de o quarto estar quente o suficiente, ela estremeceu.

Comecei a fazer café ao responder: — Eles não queriam que você fosse embora. Queriam que crescesse.

A cafeteira emitiu um barulho antes de começar a passar o café. Não havia muita coisa no espaço pequeno. Uma TV pequena e a cafeteira com os apetrechos estavam sob um balcão marrom barato. Havia também uma cama tamanho *king* com a colcha mais horrorosa que eu já vira. Além de duas mesinhas de cabeceira, não havia outros móveis no quarto, exceto uma mesinha minúscula com duas cadeiras de madeira muito velhas.

Fiquei um pouco preocupado em verificar o banheiro. Eu fizera o *check-in*, deixara a mochila no quarto e saíra quase imediatamente para procurar Harper. Espiei com cuidado. Não era um banheiro de hotel sofisticado, mas tinha um chuveiro e um vaso sanitário. Fiquei aliviado ao perceber que parecia razoavelmente limpo.

Quando o café ficou pronto, servi duas canecas e entreguei uma a Harper. — Tome. Não sei como gosta do café.

— Obrigada — respondeu ela baixinho. Em seguida, começou a beber o café preto ao se sentar em uma das cadeiras de madeira. — Como você acabou sendo convencido a me procurar? Quase não o reconheci. Não o vejo desde que éramos crianças.

Sentei-me à frente dela, coloquei a caneca sobre a mesa, tirei o casaco e removi o chapéu. — Quase todo mundo na cidade estava procurando você.

Seus pais estavam com receio de que você tivesse sido sequestrada ou tivesse se perdido na tempestade.

— Fico surpresa por eles se importarem — respondeu ela devagar.

Abri a boca para perguntar se ela achava que eles teriam parado de se importar porque tinham tirado seus cartões de crédito e dado uma bronca sobre ser uma garota mimada. Fechei-a novamente ao perceber lágrimas escorrendo dos belos olhos cor de esmeralda.

— Eles se importam — respondi simplesmente. Subitamente, senti vontade de reconfortá-la, o que era algo altamente incomum em mim em se tratando de Harper. Eu queria principalmente... evitá-la.

— Acho que entendo isso agora. Sinceramente, depois de ver como outras pessoas sofrem horrivelmente, senti-me uma grande escrota por deixar meu lar quente e confortável — admitiu ela abertamente. — Mereci tudo o que meus pais e meus irmãos me disseram.

— Você ficou no abrigo o tempo todo? — Eu sabia que ela desaparecera alguns dias antes.

— Sim. Peguei um ônibus para Denver, mas só tinha um pouco de dinheiro. Depois, começou a tempestade e eu não tinha para onde ir.

A tristeza na voz dela fez meu coração ficar apertado. — Sua mãe disse que você ainda usava suas joias. E que foi vista pela última vez vestindo um terninho de grife.

— Dei minhas joias para uma família que foi recusada no abrigo —

confessou ela em um sussurro. — Eles não tinham nada e precisavam de um lugar para ficar. A garotinha estava com frio e dei a ela o meu cobertor.

Era a última coisa que eu esperava ouvir de Harper e encarei-a atônito.

Recuperando-me rapidamente, perguntei: — E suas roupas? — Seda —

respondeu ela com desgosto. — Eu estava com tanto frio que vasculhei as doações no abrigo e encontrei algo mais quente para vestir.

Franzi a testa. — Harper, você está bem?

Ela olhou para mim e balançou a cabeça devagar. — Eu nunca tinha visto quantas pessoas sem-teto há por aí, tantas famílias que não conseguem nem manter a própria casa. Eu nunca tinha nem pisado nesta parte de Denver. É tão... triste.

— Então você deu tudo o que tinha para ajudar uma família grande a sobreviver? Você mesma poderia ter penhorado suas joias — sugeri, surpreso por ela não ter feito isso.

— Eu não podia fazer isso. Elas foram presentes dos meus pais.

Portanto, decidi ficar aqui até que decidisse alguma coisa. Mas, quando conheci aquela família, vendo o quanto estavam desesperados, não podia dizer a eles que fossem de volta para o frio. Torço para que tenham encontrado um lugar para dormir.

Ela soou tão triste que respondi rapidamente: — Tenho certeza de que encontraram. Só ontem à noite que tudo lotou.

Eu não sabia se isso era verdade, mas como poderia deixar que ela se preocupasse se o sacrifício que fizera ajudara aquela família a encontrar um lugar? A julgar pelo que a mãe dela me dissera sobre as joias de Harper, poderiam ter conseguido dinheiro suficiente para suas necessidades por um bom tempo. Eu mal conseguia acreditar que Harper, a garota egoísta, má e mimada com quem fora forçado a socializar na infância era a mesma pessoa para quem olhava naquele momento.

Ela suspirou ao segurar a caneca de café com as duas mãos. — Espero que estejam bem. — Você está diferente — disse eu de repente, sem censurar as palavras.

Harper me lançou um sorriso triste antes de beber um gole do café. Em seguida, colocou a caneca de volta sobre a mesa. — Talvez eu tenha crescido. Neste momento, eu me odeio.

— Por quê?

— Porque, antes de chegar àquele abrigo, nunca me dei ao trabalho de olhar em volta e ver o restante das pessoas ao meu redor. Cresci em um mundo privilegiado e fiquei nele. Acho que meus pais me fizeram um favor.

Quando vejo todas as pessoas que realmente se importam com famílias sem-teto e as outras que desabaram em tempos difíceis, percebo como

sempre fui escrota.

A explicação sincera e a autodepreciação dela me afetaram de uma forma que fez com que meu coração ficasse apertado pela forma como Harper fora subitamente jogada na realidade. Claro, talvez ela tivesse precisado crescer. Mas tinha apenas dezoito anos e, depois de ser abrigada pelos pais por tanto tempo, o desespero que testemunhara tinha que ser algo traumático. De certa forma, era também culpa dos pais dela. Meu pai falecera anos antes, mas minha mãe sempre mantivera nós, os Colters, muito cientes de nossa obrigação de nos importarmos com os menos favorecidos. Isso fora gravado em cada um dos Colters desde que éramos crianças.

Fôramos voluntários em cozinhas de sopa.

Todos nós tínhamos várias instituições de caridade que apoiávamos com entusiasmo. Doávamos brinquedos de Natal.

E nenhum de nós deixara de ter ciência do sofrimento no mundo. O que diabos os pais de Harper tinham na cabeça? Claro, eram ricos, mas proteger os filhos das partes mais difíceis da vida não ajudara Harper em nada.

— Se você sabe que o que fez era errado, não é escrota — garanti em voz rouca. De verdade, admirei o fato de ela ter aberto os olhos e o coração para as pessoas necessitadas.

Também fiquei muito chocado ao saber que ela se importava.

Eu não encontrara Harper desde que éramos crianças, mas ela crescera e tornara-se uma bela mulher. E ela era muito mais atraente quando era sincera... como acabara de acontecer.



— Obrigada — disse ela pensativa. — Mas não acho que eu mereça seu esforço de me fazer sentir melhor sobre mim mesma.

Ao beber meu café, achei que ela realmente precisava de um pouco de animação. Parecia bastante chocada e deprimida.

— Preciso telefonar para a sua família. Quer falar com eles?

Uma expressão de pânico invadiu os olhos dela. — Ainda não. Por favor. Sei que preciso encará-los e assumir o que fiz. Mas só preciso de um pouco de tempo.

Assenti, entendendo a confusão dela. — Sem problemas. Avisarei a eles que está segura e levarei você para casa assim que puder.

Levantei-me, tirei o celular do bolso e dei alguns telefonemas.

Mais tarde naquela noite...

Eu estava deitado na cama com Harper, perguntando-me se ela estava dormindo. Durante a noite, ficara cada vez mais difícil ignorar a atração que sentia pela nova mulher que eu conhecera naquele dia.

Como era véspera de Natal, eu a convenci a ir a um bar local, um dos poucos que estava aberto, e ficar comigo por algum tempo depois de jantarmos. Ela me contou mais sobre sua experiência com os sem-teto e como se sentira assustada ao se ver sozinha, sem nada além do abrigo para mantê-la aquecida e segura.

Eu me vi falando muito sobre o meu passado, dividindo com ela coisas sobre as quais não falara em muito tempo.

Eu não tinha dúvidas: Harper *tinha* mudado. Eu contara aos pais dela o que achava pelo telefone e eles se culpavam por alguns dos problemas que tinham com a filha. Eu também telefonara para a minha mãe só para lhe dizer que a amava e que esperava estar de volta ao seio da família no dia seguinte.

Sinceramente, eu gostara tanto do tempo com Harper naquela noite que não me importava muito com a volta para casa. Todos os meus irmãos estariam lá até depois do Ano Novo e vi-me querendo ficar na companhia de Harper mais do que deveria.

Em cada momento, cada segundo que passei com ela, meu pênis estivera duro como pedra, recusando-se a ignorar a química que começava a explodir entre eu e Harper. A atração era cada vez mais forte. Quando a vi

vestindo uma das camisetas extras que eu levava para Denver, quase perdi o controle.

Ela precisara de algo com que dormir. Eu lhe dera a minha camiseta.

E isso fora um erro imenso. Pele demais.

Fantasias demais.

Vezeas demais pensei naquelas pernas esguias nuas em volta da minha cintura enquanto ela estremecia com o clímax.

Eu precisava trepar com Harper, mas estava determinado a ignorar essa vontade. No entanto, meu cérebro se recusava a deixar a atração de lado e meu pênis foi um fracasso total. Ele estava duro como pedra, mesmo com os membros nus dela agora sob as cobertas. Mas, que merda, eu ainda conseguia vê-los na mente. *Ela estava pensando em mim?* Até onde eu sabia, ela estava dormindo.

— Está acordado? — sussurrou ela.

Ignore, Colter. Não responda. Faça de conta que está dormindo.

— Sim — respondeu ele de forma irresponsável.

— Posso ficar mais perto de você? — perguntou ela em tom suplicante.

Ela ainda estava com medo e ainda estava presa em Denver. Estava vulnerável e eu sabia que deveria apenas conversar com ela. Mas algo dentro de mim não deixaria que terminasse por aí.

— Venha cá — disse eu firmemente, abrindo os braços para acolhê-la.

Ela chegou mais perto e, para minha surpresa, passou uma das pernas sobre meus quadris, agarrando-se a mim como seu eu fosse um abrigo na

tempestade. Ela repousou a cabeça no meu peito e passou os braços em volta dos meus ombros. Seu corpo estava totalmente contra o meu.

A perna dela estava logo acima de um pênis muito rígido. Ao passar os braços em volta do corpo trêmulo de Harper, só o que eu queria era fazê-la feliz de novo.

Bem... eu também queria trepar com ela. Mas meu instinto de protegê-la também era muito forte.

— Obrigada — disse ela em uma voz baixa e contente. — Você está tão quente. — Sem dúvida, eu estava em chamas. Conseguia sentir os mamilos dela sob o algodão fino da minha camiseta e aquela perna sobre os meus quadris alimentava fantasias sexuais que eu não tinha como controlar.

— Melhorou? — perguntei, com a voz quase estalando de desejo.

— Muito — disse ela com voz feliz ao se aconchegar contra mim. —

Não se mexa! — Minha voz foi dura e odiei-me por isso. Ela ergueu a cabeça. — Qual é o problema?

Era possível que Harper fosse *tão* ingênua? Fui sincero com ela. —

Quero ficar aqui com você. Quero abraçar você. Mas, caralho! Quero tanto trepar com você que mal consigo me controlar. Se começar a se aconchegar a mim, vou acabar perdendo o controle. Você é uma bela mulher, Harper.

— Também sinto atração por você — admitiu ela em um sussurro. Ela falou como se tivesse acabado de reconhecer o desejo e a inocência dela me deixou meio louco.

— Já estive com um homem? — Encontros. Beijos. Nada muito além disso.

— Por quê?

— Nunca senti esse frio na barriga estranho como acontece quando estou com você. Nunca quis nada mais com nenhum dos caras com quem saí.

Engoli em seco ao perceber que ela era virgem.

Minha!

Eu queria que aquela mulher pertencesse a mim de uma forma que nunca tivera com outros homens antes.

— Espere até encontrar o homem certo — aconselhei, querendo desesperadamente dizer que eu *era* esse homem.

Mas provavelmente era apenas uma questão de hormônios. Eu tinha vinte e dois anos e queria trepar com a maior frequência possível. Fazia meses. Eu não tinha uma namorada, mas havia muitas mulheres com quem trepar no campus. Recentemente, eu estivera ocupado estudando para as provas finais. Talvez meu pênis estivesse reclamando apenas porque eu não o usara muito nos últimos dias.

Hesitantemente, Harper entrelaçou as mãos nos meus cabelos e esticou-se para dar um beijo muito doce nos meus lábios. — É só isso. Esta foi a única vez em que me senti assim. Eu quero você.

Eu a rolei para baixo do meu corpo em um movimento ágil. — Pelo amor de Deus, não diga isso – resmunguei, com o coração batendo com força ao sentir as curvas suaves sob mim. — Meu controle não está muito bom no momento, Harper.

Essa declaração estava um pouco longe da realidade. Eu estava respirando com tanta força que meu peito doía.

— Então deixe o controle para lá. Tenho dezoito anos. Quero saber como é estar com um homem — disse ela em tom insinuante, enterrando novamente os dedos nos meus cabelos e puxando minha cabeça para baixo.

E, de forma simples assim... perdi o controle.

Eu conseguia ver o rosto dela no quarto iluminado apenas pelo luar e concentrei-me em seus lábios, aproximando-me para devorá-la como desejara fazer a noite inteira.

Beijei-a como se precisasse disso para continuar a viver, que era exatamente como eu me sentia.

Harper pareceu derreter sob mim, gemendo suavemente contra meus lábios, um som de prazer que só me deixou mais desesperado para ser o primeiro cara – o único – a possuí-la.

Ergui-me do abraço carnal e apaixonado, apoiando o peso nos braços e ofegando como um cão cansado. *Jesus! Que merda estava acontecendo comigo?*

— Eu. Não. Consigo. Fazer. Isto! — Cada palavra era dolorosa, dilacerando minhas entranhas.

— O quê? Por quê? — Harper soou confusa.

Ela também soou muito excitada, o que quase me matou.

— Você é virgem. Não consigo fazer isto.

— Sou virgem porque eu nunca quis ficar com um cara. Eu não estou me guardando para o casamento nem nada disso. É só que... nenhum cara até hoje me deixou excitada o suficiente para querer ir adiante.

Resmunguei. — Não me diga uma coisa dessas.

— É verdade — argumentou ela. — Por favor. Continue a fazer com que eu me sinta bem. Gostei disso.

Eu queria que ela se sentisse tão bem que nunca mais desejaria outro cara. Nunca mais!

Rolei para o lado dela e lentamente corri a mão por sua coxa, reprimindo um som feroz ao chegar à calcinha de seda delicada que estava encharcada com os fluidos de Harper. — Você está tão molhada.

— Sinto dor — gemeu Harper suavemente.

— Eu sei, querida, está tudo bem — Deslizei o dedo sob o elástico e desci-o pela fenda dela. O calor sedoso de Harper quase me deixou louco.

— Vou fazer com que a dor vá embora — prometi ao tirar a calcinha dela, jogando-a ao lado da cama.

— Promete? — perguntou ela em tom hesitante.

Sentei-me e segurei a bainha da minha camiseta. — Prometo. Mas preciso que fique nua.

Ela ergueu os braços em uma demonstração de confiança, deixando que eu tirasse a camiseta de seu corpo. Quando a camiseta se juntou à calcinha descartada, eu a observei sob o luar.

As curvas suaves e os seios generosos me deixaram com a boca seca e meu pênis pressionou o zíper da calça *jeans*. Eu estava nu da cintura para cima, mas resolvera ficar de calça ao me deitar para não assustá-la.

— Você não vai tirar a roupa? — questionou ela.

Ah, não, claro que não. Não agora. Eu estaria dentro de você em um piscar de olhos. — Ainda não. — Então o que está fazendo?

— Olhando para você — respondi com sinceridade. — Eu nunca quis uma mulher deste jeito antes. É meio que uma primeira vez também para mim.

— Você não é virgem — retrucou ela.

— Certamente não — concordei com um sorriso. — Mas você... é diferente, Harper.

— Porque nunca estive com um homem antes? Balancei a cabeça negativamente. — Não. Porque você é você.

Eu não consegui explicar como me sentia. Ora, nem mesmo eu compreendia completamente.

Minhas mãos estavam um pouco trêmulas quando segurei os seios dela, provocando os mamilos com os polegares. Os mamilos já estavam rígidos, mas ficaram ainda mais quando abaixei a cabeça e chupei cada um deles, tentando ir devagar com Harper.

Ela arqueou as costas e agarrou minha nuca para me puxar para mais perto. — Isso — disse ela em tom suave.

A pele dela era quente e sedosa, e eu não conseguia parar de tocar nela.

Ouvi quando ela prendeu a respiração no momento em que descii com a língua pelo seu abdômen, provocando-a o máximo possível.

Lembre-se de que ela é virgem, Blake. Lembre-se!

Meu pênis pulsava de desejo quando finalmente consegui colocar a cabeça entre as pernas dela, exatamente onde eu queria estar. O cheiro dela

me deixou intoxicado quando deslizei a língua entre suas dobras, abrindo ainda mais suas coxas quando encontrei o clitóris inchado.

— Ai, meu Deus. O que você está fazendo? — perguntou Harper.

A voz dela soou excitada, não incomodada. Portanto, ignorei a pergunta, enfiando a língua mais fundo para que pudesse fazer mais pressão sobre o minúsculo feixe de nervos que eu sabia que a faria gozar.

Lambi ferozmente a boceta dela, ouvindo gemidos de prazer enquanto consumia a excitação dela, ficando inebriado com o gosto e os sons de Harper.

Enfiando o dedo médio em sua boceta, fiquei chocado ao perceber como ela era apertada, mas isso não me impediu de imaginá-la em volta do meu pênis. Ela começou a balançar os quadris quando enfiei mais um dedo, tentando expandir um pouco a boceta apertada que me receberia em breve.

Para dentro e para fora. Para dentro e para fora. Minha língua continuava a provocar o clitóris sensível enquanto meus dedos a penetravam gentilmente.

Eu me senti triunfante quando ela agarrou meus cabelos e puxou minha cabeça com mais força entre suas coxas. Os gemidos dela ficaram cada vez mais altos.

— Por favor, quero gozar — disse ela ofegante.

Adorei ouvi-la implorar, mas eu também queria muito atender ao pedido dela.

Ela esfregou a boceta no meu rosto e continuei a usar intensamente os dedos e a língua, dando-lhe a pressão de que precisava para gozar.

— Issso! — gritou ela quando seu corpo estremeceu. Ela agarrou meus cabelos de forma dolorosa ao gozar, com seu canal apertando meus dedos com força.

Continuei a lambar a pele trêmula enquanto ela desfrutava do clímax.

Quando percebi que as ondas de prazer tinham parado, deitei ao lado dela.

Ela passou os braços em volta de mim e apertou-os ligeiramente. —

Não acredito que você fez isso. Achei que a maioria dos homens odiava.

Não respondi. Eu a beijei, deixando que sentisse o próprio gosto nos meus lábios. — Como alguém pode odiar algo que tem o gosto tão bom? —
provoquei.

— Foi incrível — disse ela, sem fôlego. — Nunca gozei assim. —

Então alguém já fez você gozar — disse eu em tom brincalhão, apesar de não gostar muito da ideia de outro homem tocando nela.

— Não, mas eu me masturbo — disse ela em tom direto. — Todo mundo se masturba. — Sorri, adorando muito a ideia de Harper dando prazer a si mesma. — Eu também — comentei com voz rouca. — Mas não substitui.

— Eu não saberia — disse ela em tom sugestivo.

— Mas saberá — disse eu ao me ajoelhar na cama para abrir o zíper da calça *jeans*.

— Não, deixe que eu faça isso — comentou Harper ao se sentar e afastar minhas mãos. — Deixe-me tocar em você.

Era óbvio que eu queria que ela explorasse o quanto quisesse.

Entretanto, eu não conseguiria aguentar aquelas mãos macias no meu pau por muito tempo. Coloquei a mão no bolso e tirei uma camisinha que estivera carregando na carteira havia meses. Talvez tivesse sido algo subconsciente ou apenas uma esperança, mas eu a colocara no bolso da frente antes de sairmos para comer.

Harper colocou as mãos nos meus ombros e desceu-as suavemente pelo meu peito. — Você é tão lindo — disse ela com voz maravilhada.

Ai, caralho, é o meu fim. O som da inocência na voz dela ia me fazer gozar.

— Adorei como você está em boa forma, mas sem o tipo de músculo de fisiculturistas — continuou Harper ao terminar de abrir o zíper da minha calça. — Artes marciais — disse eu, com a mente completamente concentrada no que ela fazia com as mãos. — Pratico desde que era criança.

— Ela desceu minha calça até o meio das coxas sem muita dificuldade e meu pênis foi finalmente libertado.

— Ai, meu Deus — disse ela com a mesma voz maravilhada. — Ele é... grande. — Sou todo grande — expliquei, quase me sentindo mal por ter um pênis maior do que a maioria.

Ela tentou passar os dedos em volta de mim, mas não conseguiu dar a volta. Depois disso, ela acariciou a pele macia do meu pau e correu o polegar sobre a cabeça sensível, espalhando uma gota de umidade.

Tive que morder o lábio para me impedir de detê-la. — Se continuar tocando em mim, não vou sobreviver, querida — disse eu com voz rouca.

Começando pela base, Harper correu os dedos até a cabeça do pênis e de volta até embaixo. Eu sabia que era algo deliberado. Ela estava tentando me provocar. E, meu Deus, estava funcionando.

— Chega — resmunguei a prendê-la sob mim e segurar seus pulsos sobre a cabeça. — Sua provocadora — acusei.

— Nunca provoquei nada — respondeu ela com curiosidade e humor na voz.

— Não consigo esperar mais, Harper. Agora. — Sim, por favor.

Rapidamente coloquei a camisinha e voltei para Harper, saboreando a sensação da pele macia e quente sob mim.

Acariciei a pele na parte de dentro das coxas dela, fazendo-a se contorcer. — Não há maneira fácil de fazer isto. Você provavelmente sentirá um pouco de dor.

Minhas entranhas doíam de desejo e meu pênis implorava para ser enterrado fundo dentro dela, mas a última coisa que eu queria era machucá-la. — Não me importo — respondeu ela firmemente. — Trepe comigo.

Agora.

Sorri ao ouvir a exigência dela e abaixei a boca até a dela. O abraço ficou inflamado em questão de segundos, com a língua de Harper exigente ao duelar com a minha. Interrompi o beijo, mordi de leve o pescoço dela e corri a língua sobre a pele sensível.

Eu me posicionei e penetrei-a com uma investida forte. Todos os músculos do meu corpo estavam tensos enquanto eu me forçava a ficar imóvel, aguardando que os músculos dela lentamente se estendessem para acomodar meu tamanho. Eu nunca estivera com uma virgem, mas achei que era melhor acabar logo com a dor inicial.

Eu senti a resistência e a carne cedendo quando penetrei o local que nenhum outro penetrara.

Foi a coisa mais incrivelmente maravilhosa que eu já sentira. Até ouvir o grito de dor dela.

— Harper! Fale comigo. Você está bem? — perguntei ansioso, esfregando de leve meu rosto no pescoço dela.

— Seu pau é grande demais — reclamou ela ofegante.

Eu não consegui me segurar e ri. — Nunca ouvi essa reclamação antes, querida.

— Então serei a primeira a reclamar — respondeu ela com expressão altiva.
— É grande demais.

Parte da vitalidade de Harper retornara e eu não podia dizer que não estava feliz com isso. Movi os quadris só um pouco. — Você não dirá mais isso de agora em diante.

— Direi — argumentou ela, mas o tom de sua voz mudara de dor para incerteza.

Continuei a morder de leve o pescoço dela ao recuar o corpo e gentilmente me enterrar nela novamente. — Não dirá — disse eu com um gemido profundo, adorando quando os músculos internos dela se fecharam sobre meu pau.

Harper passou os braços em volta do meu pescoço ao responder: —

Então me mostre.

— Está bem agora? — *Caralho! Tomara que ela esteja bem agora.*

— Acho que sim.

Ela apertou os braços um pouco mais em volta do meu pescoço. Entrei em um ritmo fácil, tentando muito ser gentil quando tudo o que queria era trepar com ela até que nós dois estivéssemos exaustos e saciados.

— Que gostoso — murmurou ela ao erguer instintivamente as pernas e passá-las em volta da minha cintura.

Minha fantasia transformada em realidade!

O desejo devorou minhas entranhas à medida que eu entrava e saía dela, ignorando a vontade de me mover depressa e com força, garantindo que ela soubesse que era minha. Pois, após aquela noite, com certeza nunca mais conseguiria deixar que ela fosse embora.

— Mais depressa — disse ela com urgência na voz. — Não se segure.

Por favor. — Não quero machucar você — resmunguei com o maxilar cerrado.

— Você vai me machucar se não trepar comigo mais depressa. Preciso de você. — Só o que eu precisava era ouvir aquelas três palavras: *Preciso de você*.

Segurei as nádegas dela e dei exatamente o que ela queria, exatamente do que eu precisava desde o momento em que começara a ter fantasias sobre Harper.

Investi nela até que minha cabeça começou a girar, com o desespero carnal superando a razão. *Harper Lawson era minha e ninguém nunca mais a tiraria de mim.*

Nossos corpos se moveram em sincronia. Ela se esfregou contra mim à medida que meu pau entrava no canal apertado e escorregadio. Nossos corpos suados deslizaram juntos eroticamente até que ela estremeceu sob mim, perto do orgasmo.

Colocando um braço entre os dois corpos, acariciei o clitóris com pressão suficiente para que ela gozasse. — Goze para mim, Harper. Quero que goze.

Senti a pressão acumulando, meu corpo pronto para explodir. Ela jogou a cabeça de um lado para o outro e gritou incoerentemente.

O alívio invadiu meu corpo quando senti o clímax começar, com as unhas dela enterradas nas minhas costas, marcando-me. A ferocidade e a paixão de Harper fluíram de volta para mim e continuei a investir sem parar, deixando que o orgasmo dela provocasse o meu enquanto a boceta apertava meu pau.

Ela enterrou as unhas nas minhas costas quando um orgasmo feroz sacudiu meu corpo. Agarrei os cabelos dela para que parasse de sacudir a cabeça e beijei-a com uma intensidade primitiva que não consegui controlar, desesperado para marcá-la como minha de alguma forma.

Ficamos deitados em uma confusão de braços e pernas, tentando recuperar o fôlego. Rolei para o lado, mas mantive-a perto de mim, com os braços apertados em volta do corpo trêmulo enquanto tentava acalmar a respiração.

Depois de algum tempo, tive que me afastar dela para ir ao banheiro e retirar a camisinha. Franzi a testa ao perceber o sangue, sangue de Harper, na superfície de borracha.

Joguei a camisinha no lixo, sentindo vergonha e orgulho de ela ter me dado algo tão absolutamente precioso.

Eu? Blake Colter?

Ninguém nunca desistira de algo por mim e isso me fazia querer manter Harper perto ainda mais.

Limpando-me rapidamente, voltei para a cama, encontrando Harper adormecida, com a respiração profunda e regular. Subi na cama com cuidado e deitei ao lado dela, tentando não acordá-la.

Ergui a cabeça, apoiando-a na mão, e observei-a enquanto dormia. Seus cabelos cobriam parte do rosto, mas ela pegara no sono com um sorriso doce no rosto angelical.

E, meu Deus, como ela era linda. Ela parecia... ser minha.



Entrei sob a coberta e Harper instintivamente me procurou, deslizando uma perna entre as minhas e repousando a cabeça no meu peito.

Passei os braços em volta dela, segurando-a de forma protetora enquanto ela dormia. Logo depois, peguei no sono, sem me mexer enquanto meu corpo exausto cedia à escuridão do sono.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você? — perguntei a Harper ansiosamente quando paramos em frente à casa dela.

A tempestade passara durante a noite e conseguimos voltar para casa de helicóptero. Ela morava na cidade mais próxima de Rocky Springs, portanto, fomos da pista de pouso na propriedade dos Colters para a casa dela.

Ela balançou a cabeça negativamente bem devagar. — Não.

Certamente será emotivo e é algo que preciso fazer com meus pais.

— Então me telefone — disse eu insistentemente, já tendo anotado meu número e colocado no bolso dela. Eu também gravara o número do meu celular no telefone dela, meio que brincando ao dar o nome “Meu Novo Namorado”.

— Sim. Obrigado por ontem e pela noite passada. — Ela desafivelou o cinto de segurança e inclinou-se para a frente para me dar um beijo doce. —

Nunca me esquecerei.

— Não é suficiente — resmunguei, puxando-a para um abraço mais longo e mais sensual.

— Telefonarei em breve — disse ela sem fôlego. — Espero que sim — respondi em um tom intenso.

Observei enquanto ela saía do carro, vestindo mais uma das minhas camisetas sob o casaco e uma calça *jeans*.

— Ei — chamei no momento em que ela se preparava para fechar a porta do passageiro.

— O que foi? — perguntou ela curiosa. — Feliz Natal, Harper.

Ela abriu um sorriso trêmulo antes de responder: — Feliz Natal, Marcus.

Demorei um momento para absorver o comentário dela. Quando consegui, ela já correra para a porta e entrara em casa. — Marcus? Ela



achou que estava trepando com meu irmão gêmeo? — perguntei em voz alta.

Furioso e magoado, comecei a andar em direção à casa dela, mas parei, pois sabia que ela estaria ocupada com os pais. Era uma situação que poderíamos resolver com facilidade. Mas fiquei incomodado com o fato de que, na primeira vez em que ela usou o meu nome, fora o nome errado. Não que fosse culpa dela. Talvez, por eu ter sido o primeiro homem dela, estivesse sentindo-me possessivo. *Muito possessivo.*

Meu irmão, que nascera poucos minutos antes de mim, era exatamente igual a mim, mas eu certamente não queria que Harper me chamasse pelo nome dele.

Merda! Eu realmente preciso dizer isso a ela. Não quero que continue achando que estive com o meu irmão.

Engatei a marcha e acelerei, sabendo que teria que resolver a situação rapidamente e torcendo para que ela me telefonasse logo.

Harper

— Adoro as liquidações depois do Natal — disse eu à minha irmã, Danica, enquanto andávamos pela Rua Principal no dia seguinte.

Eu tivera uma longa conversa com meus pais e termináramos com muitas lágrimas de cura. Eles confiaram em mim ao devolverem meu carro e meus cartões de crédito. E eu estava determinada a valorizar o que tinha.

Eu iria para a faculdade e sabia agora exatamente o que queria fazer com o meu futuro.

— Você não parece muito interessada nas compras — acusou Dani. —

Há algum problema?

Antes que conseguisse me conter, contei tudo o que acontecera entre eu e Marcus Colter.

— Telefone para ele — insistiu Dani. — Ele provavelmente está doido para ouvir sua voz. — Eu vou, só preciso organizar as ideias.

— Harper? Danica?

Minha irmã e eu nos viramos para ver quem nos chamara. Sorri ao perceber que fora Aileen Colter, a mãe de Marcus. — Olá. Que bom ver você de novo — disse eu enquanto estávamos paradas em frente à loja de artigos de couro da qual ela acabara de sair.

Depois de um abraço breve, Aileen olhou em volta e finalmente suspirou. — Eu queria que cumprimentassem meu filho, Marcus, mas parece que ele está... ocupado.

Meu olhar seguiu o dela e caiu diretamente em Marcus Colter. Vestindo terno e gravata, ele não se parecia em nada com o dia anterior. Demorei um momento para perceber que ele flertava e beijava uma bela morena.

— Obviamente — resmunguei baixinho. — Ele parece extremamente... ocupado.

— A nova namorada que ele conheceu na universidade — explicou Aileen. — Que ótimo — respondi sem entusiasmo algum.

Eu me senti enjoada e a única coisa que queria era me enfiar em um buraco e não sair mais dele.

— Ele tem namorada? — perguntou Dani.

— Sim. Ela é simpática. Espero que ele fique com ela por algum tempo. Marcus troca de namorada com muita frequência. Não acho que ele tenha tempo suficiente para conhecê-las.

Eu não conseguia afastar o olhar do casal, lembrando de como ele fora doce comigo no dia anterior.

— Não vamos nos preocupar com eles. Tenho certeza de que o verei em outro momento. — Virei-me para a minha irmã. — Dani, precisamos ir embora. — Eu sabia que havia pânico na minha voz, mas não consegui reprimi-lo.

Dani me lançou um olhar de compreensão. — Estou pronta. — Foi bom ver você, Aileen.

Minha irmã e eu fomos para o meu carro e entramos rapidamente. Não olhei para trás, com medo de que acabaria vendo Marcus beijando outra mulher de novo um dia depois de ter tirado a minha virgindade.

Eu estava ofegante ao agarrar o volante, mal ouvindo Dani quando ela disse furiosa: — Ele é um imbecil. Não consigo acreditar que ele tenha ficado íntimo de você quando já tinha namorada.

— Está tudo bem — disse eu ao ligar o carro. — Afinal de contas, ele não me fez promessa nenhuma.

— Não está tudo bem e você sabe disso — respondeu ela insistentemente.

Fiquei parada por um momento, olhando para o carro estacionado à minha frente, com as mãos ainda trêmulas do choque de ver Marcus com



outra pessoa. Meus sentimentos por ele eram novos demais, frágeis demais... importantes demais. — Você tem razão — respondi com a voz trêmula. — Não estou bem.

Comecei a chorar, com soluços por causa da traição sacudindo o corpo ao apoiar a testa no volante. Minha irmã tentou me reconfortar enquanto eu liberava toda a minha dor.

Blake

Esperei oito dias para que Harper me telefonasse.

Nenhum telefonema. Nenhuma visita.

Nenhuma notícia. Nada.

Nem uma única palavra da mulher que sacudira meu mundo na véspera de Natal.

Eu tinha que voltar para o campus. Mas, primeiro, queria descobrir o que acontecera. Eu precisava saber se ela estava bem.

Eu dera a ela o espaço que me pedira. Mas não pretendia mais manter distância.

Eu sabia que estava mentindo para mim mesmo sobre só querer saber como ela estava. A verdade era que eu precisava ver seu belo rosto de novo.

Eu queria lhe dar um beijo de adeus e dizer que tinha o meu apoio se precisasse da minha ajuda.

O macho primitivo dentro de mim queria tomá-la de alguma forma...

antes que eu fosse embora do Colorado. Eu queria garantir que ficaríamos juntos, mesmo que houvesse uma distância entre nós por algum tempo.

Toquei a campainha da casa dela, um pouco nervoso sobre como ela agiria ao me vir ali.

Sim, eu sabia que ela precisava de tempo para resolver as coisas com os pais. Mas, sinceramente, eu não esperava que ela demorasse tanto tempo para me telefonar. Isso me deixava um tanto nervoso.

A porta abriu e olhei com esperança para a mulher que atendeu a campainha. Meu entusiasmo morreu quando reconheci a irmã dela, Dani.

Eu sempre considerara Danica como a irmã “simpática”. Quando nos encontrávamos na infância, ela sempre era mais simpática e bondosa que Harper.

Porém, o desdém no rosto dela ao me olhar de cima abaixo me deixou preocupado.

— O que você quer? — perguntou ela em tom hostil, como se eu fosse seu maior inimigo.

— Vou voltar para o campus. Eu queria ver Harper antes de ir embora.

— Ela não está aqui. E, acredite, a última pessoa que ela gostaria de ver é você — respondeu ela com raiva.

Franzi a testa. — Por quê?

— Você partiu o coração dela, seu idiota — respondeu Dani com a voz gelada. — Mentiu para ela. Deveria ter contado a ela. Encontramos sua mãe na cidade. Ela nos contou a verdade.

Ai, merda.

Minhas entranhas se contorceram quando percebi que minha mãe provavelmente dissera a Harper que não fora Marcus quem se oferecera para ir até Denver para tentar encontrá-la. Não fora Marcus quem trepara com ela. Não era Marcus que estava louco por ela.

— Eu queria dizer a ela...

— Guarde para si mesmo — respondeu Dani com um rosnado protetor.

— Ela não quer ver você de novo. Ela superará você e encontrará alguém honesto. Ela mudou e precisa de um cara que a aprecie.

— Eu me importo...

— Mentira! Não se mente para uma mulher com quem você se importa.

— Eu não menti. Só que ela não perguntou — disse eu na defensiva, imaginando como pudera considerar Dani como a irmã Lawson mais gentil.

— Ela não deveria *ter* que perguntar — retrucou Dani furiosa. — Ela merece alguém melhor do que você. Volte para o campus e trepe com todas as mulheres lá. Mas deixe minha irmã em paz.

Tive que recuar quando Dani bateu a porta na minha cara.

Considereei bater na madeira até que ela voltasse e dissesse onde Harper estava naquele momento. Porém, considereei o fato de que eu não *tinha* verificado se ela sabia exatamente quem estava tirando sua virgindade. Eu sabia que Marcus e eu éramos idênticos. Só não me ocorrera que talvez ela não soubesse que eu era... eu.

— Merda! — xinguei em voz alta ao andar de volta para o carro, furioso comigo mesmo por não ter entrado em contato com ela antes. Eu

deveria saber que alguma coisa estava errada e que cada dia que passava aumentava ainda mais o problema.

Entrei depressa no carro para evitar os ventos congelantes e dei a partida.

Ela fora virgem e talvez tivesse sido um choque descobrir que o cara que achara ser seu primeiro era, na verdade, um cara totalmente diferente.

Ela superaria?

Em algum momento, ela me telefonaria, entendendo que o que fiz não fora intencional?

Pisei no acelerador, deslizando um pouco ao fazer o retorno na rua congelada.

Eu nunca fora tão irracional como naquele momento e jurei para mim mesmo que a esperaria. Se ela não me telefonasse, eu tentaria telefonar. Eu sabia ser muito cabeça dura e queria tanto Harper que a esperaria... nem que levasse uma eternidade.

Voltei para o campus porque era preciso, sem nem considerar que demoraria doze anos para que visse o belo rosto da minha virgem de Natal novamente. E que, quando finalmente nos encontramos, seríamos pessoas muito diferentes e que as coisas nunca mais seriam as mesmas.



Capítulo 1



Harper

Doze Anos Depois...

—Não ligo a mínima se o grupo debandou. Junte-o novamente. Preciso que resgate minha irmã — disse eu irritada a Marcus Colter.

Sinceramente, eu precisara de todas as minhas forças para me aproximar de Marcus depois de todos aqueles anos, mas meu amor pela minha irmã mais nova era muito mais importante do que meu orgulho. E daí que tivéramos *algo* mais de uma década antes? A vida de Danica estava em risco, eu desesperadamente queria que ela sobrevivesse e isso tornava o fato de Marcus ter partido meu coração no passado *quase* irrelevante.

— Não é assim que funciona — retrucou Marcus em tom estoico ao tomar mais um gole do álcool cor de âmbar que ele bebia. Eu raramente bebia e não era exatamente conhecedora de bebidas alcoólicas.

— *Poderia* funcionar assim. Preciso que você faça mais uma missão.

— Havia uma nota de desespero na minha voz que odiei, mas não havia como recuar.

Eu nunca implorara nada a ninguém e era especialmente difícil de engolir o fato de ter que fazer isso para tentar coagir Marcus Colter. Eu me esforçara muito para terminar a faculdade para nunca mais ter que depender do dinheiro dos meus falecidos pais. Eu nunca mais queria ficar sem um teto ou sem as necessidades básicas da vida e tentava ajudar as pessoas que não tinham essas coisas.

Portanto, rastejar para Marcus Colter depois de todos aqueles anos sem vê-lo não era algo fácil para mim. Eu tivera que me forçar a procurá-lo e implorar a ele era totalmente contra a minha natureza.

Não era que eu voltara a ser a *prima donna* que fora antes de fazer dezoito anos. Na verdade, eu me tornara muito independente. Meus irmãos agora me chamavam de “irmã silenciosa” e Dani de “encrenqueira”. Mas eu tinha quase certeza de que isso tinha muito a ver com a profissão que eu e minha irmã tínhamos escolhido. A minha era geralmente algo que eu fazia praticamente sozinha. Danica *tinha* que falar com as pessoas sobre assuntos controversos.

Somente minha família conseguia fazer com que eu deixasse o orgulho completamente de lado, que tentasse esquecer que Marcus me destruía doze anos antes quando mal me tornara adulta.

— Sua irmã estava perfeitamente ciente dos riscos — disse Marcus sem a menor empatia.

Minha irmã mais nova, Danica, *estivera* ciente dos riscos quando se tornara correspondente estrangeira, mas era tão apaixonada pelo trabalho que simplesmente não se importava. Agora, ela fora capturada por terroristas e, depois de várias semanas implorando ajuda do governo, eu não tinha mais opções. Pelo jeito, nosso governo federal nem estava ciente de que ela fora sequestrada até que eu o abordasse. E eles estavam hesitantes em dar passos apressados.

Merda, os federais eram qualquer coisa, mas *não* rápidos nem intempestivos. Eu sabia muito bem que minha irmã poderia morrer sem algum tipo de intervenção rápida e parecia que a ajuda não viria de Washington.

Não era um ente querido deles que poderia ser morto a qualquer momento.

Não era a irmã, a filha ou a amiga deles que poderia estar sofrendo torturas inimagináveis naquele momento.

Não fora um deles que acordara suando frio ao sonhar com o que poderia estar acontecendo com a irmã em território hostil.

Imbecis!

Tentei controlar o medo e a raiva ao comentar: — Sim, ela sabia dos riscos. Mas isso não significa que ela queira ou mereça morrer. Só estou pedindo a você mais uma missão. — Eu estava desesperada e Marcus não

parecia nem um pouco comovido, portanto, decidi mencionar um assunto que jurara não levar à tona. — Como você tirou a minha virgindade e voltou para Rocky Springs com sua namorada como se isso nunca tivesse acontecido, achei que seria o mínimo que poderia fazer. — Ai, merda, eu estava jogando minha *última* carta decente, tentando fazer com que Marcus se sentisse culpado o suficiente para reunir novamente seu grupo OPR, Organização Privada de Resgate, para mais uma missão. Eu não estava pedindo para que se reunissem de novo para sempre.

Eu sabia que não era possível. Só precisava que ele fosse e resgatasse uma prisioneira, minha irmã mais nova, mais uma vez.

Eu nem quisera trazer à tona meu passado com Marcus. Era a última coisa que eu queria discutir. Pelo amor de Deus, o incidente acontecera doze anos antes. Mas eu estava frenética e meu medo por Dani me fazia ajoelhar e implorar, se necessário.

Por sorte, eu não sentia absolutamente mais nada por aquele homem.

Antes de chegar à casa de Marcus em Rocky Springs, eu tivera medo de que ainda sentiria aquela fagulha de atração que sentira tantos anos antes, uma chama tão quente que tivéramos uma noite juntos, minha primeira vez que eu nunca esquecera. Um evento que, mais tarde, partira meu coração.

Agora, eu não sentia nada pelo homem a quem implorava que resgatasse minha irmã... exceto impaciência. Para ser franca, achava a atitude calma dele muito irritante, já que eu estava tão tensa que mal conseguia respirar.

— Pode repetir o que disse? — pediu Marcus em tom suave.

Eu o encarei friamente. — Não, não vou dizer isso *de novo*. Você sabe exatamente o que aconteceu.

Se ele está tentando me distrair para fazer com que eu me esqueça do meu objetivo, não vou morder a isca.

— Relembre-me — pediu ele.

Como se ele não se lembrasse do que acontecera?

Se isso fosse verdade, eu passara muito tempo magoada quando o alvo daquela dor achara o incidente tão insignificante que não conseguia se lembrar das circunstâncias.

— Esqueça. Eu nem deveria ter tentado pedir a sua ajuda — respondi com o tom cheio de desgosto.

Imbecil! Talvez tivesse acontecido muito tempo antes, mas era de se pensar que me apresentar aos prazeres do sexo seria pelo menos *um pouco* memorável.

Não importa, Harper.

Eu tinha que manter a calma. O que acontecera entre eu e Marcus doze anos antes não importava naquele momento. O único motivo pelo qual eu mencionara aquilo fora para tentar fazer com que ele se lembrasse de nossa conexão e tivesse motivação suficiente para salvar minha irmã mais nova.

Só o que eu queria era minha irmã de volta. Eu a queria em segurança ao meu lado. Eu me preocupava com Dani todas as vezes em que ela saía do país. E, depois de muitos anos preocupada com a segurança dela, meu pior pesadelo se transformara em realidade.

Dani fora levada, sequestrada. Era mantida refém em algum lugar da Síria por um grupo rebelde desconhecido. Um resgate naquele lugar hostil fora recentemente concluído pelas Forças Especiais, mas Dani não estava no grupo de reféns resgatados.

Aquilo fez com que os militares tivessem ainda mais certeza de que ela não era prisioneira.

Meu irmão, Jett, recebera alguns pedidos de resgate e estávamos mais do que dispostos a pagar aos sequestradores para tê-la de volta. Não nos importávamos se era outro grupo de rebeldes em outro local, um pequeno grupo de guerrilheiros que o governo dos EUA nem sabia que existia.

Minha irmã estava em perigo e não importava quem eram os lunáticos que a tinham capturado. Mas, quando chegara o momento do encontro para trocar Dani pelo dinheiro, os rebeldes não tinham aparecido. Nem Dani.

Eles já a tinham matado?

Não tinham conseguido atravessar a fronteira para encontrar meu irmão?

Tinham achado que era uma armadilha e decidiram cancelar o encontro?

Tinham entendido errado?

Não tivéramos a oportunidade de descobrir.

A comunicação fora interrompida e eu temia que minha irmã estivesse perdida para nós para sempre.

Fora quando Jett, meu irmão, sugerira tentar Marcus e a OPR. Tendo sido membro da equipe de resgate de elite privada que Marcus Colter

liderara, meu irmão sabia melhor do que ninguém como eles eram bons.

Durante os vários anos da existência da organização, nunca tinham fracassado em encontrar um refém... a não ser que já estivesse morto.

Infelizmente, a existência do grupo fora exposta, bem como todas as pessoas da equipe. Com a identidade deles e o trabalho privado comprometidos, o grupo fora desfeito. Meu irmão fora um dos feridos na última missão, e a única fracassada, que os deixara expostos ao mundo.

— Eu não disse exatamente que *não* ajudaria — respondeu Marcus finalmente. — Não faça joguinhos comigo, Marcus. Ou você resgatará Dani ou não resgatará — disse eu furiosa. Aquele homem brincara com os meus sentimentos no passado e eu não deixaria que isso acontecesse de novo.

Eu estava mais velha e muito mais sábia.

— Como eu disse, não é tão simples assim. Nem seu irmão nem um outro membro muito importante da equipe, o piloto, pode entrar em combate. Os dois eram especialistas essenciais do grupo. Porém, talvez eu consiga substituí-los para tentar este resgate.

Eu o observei, prendendo a respiração ao perceber o olhar contemplativo em seu rosto.

Merda! Ele ainda era lindo, mesmo *sendo* um idiota. Não que eu sentisse a química que tivéramos anos antes, mas, de terno feito sob medida e gravata, os cabelos perfeitamente no lugar e uma sombra de barba formando-se no maxilar forte, Marcus Colter *era* esteticamente bonito.

Era uma pena os olhos cinzentos dos Colters parecerem mortalmente frios.

— Por favor — implorei finalmente. — Preciso ter Dani de volta viva.

— Se eu recuperá-la, ela precisará ficar nos Estados Unidos —

resmungou ele. — Eu a vi em praticamente todos os locais perigosos onde estive. Ela é uma chatice para mim.

— Vocês dois se encontraram? — perguntei, interessada em como eles tinham interagido.

Marcus tinha uma expressão de dor no rosto ao responder: — Vezes demais. Se houver uma área no mundo em que existem problemas, sua irmãzinha estará sempre lá.

Eu sabia que Marcus era viajante internacional, mas não percebera que ele encontrara Dani. — É o trabalho dela. Ela é uma repórter fantástica — defendi.

Marcus soltou um suspiro muito masculino. — Ela deve ter vontade de morrer, sei lá. — Sorri porque ele soou muito como meus irmãos mais velhos. Todos odiavam a profissão que Danica escolhera, mas ninguém conseguira segurá-la. Eu também não gostava, mas entendia que não tinha como impedi-la de perseguir sua paixão. Isso tiraria totalmente a vida dela.

— Então você irá? — perguntei ansiosamente.

— Assim que eu conseguir reunir uma equipe — concordou ele, esfregando o queixo como se já estivesse pensando em como organizar o grupo.

— Obrigada — disse eu sem fôlego. — Ficarei devendo uma a você.

— Acho que me entregar sua virgindade foi o suficiente — respondeu ele de forma dura.

— Achei que não se lembrava — acusei, encontrando o olhar de aço quando ele se recostou contra a mesa de escritório em sua casa.

— Talvez eu esteja recordando — disse ele em tom distraído.

— Lamento que não tenha sido importante o suficiente para você se lembrar imediatamente — respondi em tom sarcástico. Na verdade, fiquei magoada por ele não se lembrar de algo que fora tão significativo para mim.

Mas ele obviamente não se importara o suficiente nem mesmo para se lembrar do encontro.

Ele me observou de cima abaixo com um sorriso ligeiramente malicioso. — Ah, tenho certeza de que foi memorável.

Eu não tinha certeza do que ele quisera dizer, mas, ao continuar sustentando o olhar dele, fiquei aliviada por ainda não sentir absolutamente nada.

Minhas lembranças eram tudo o que restara do que acontecera entre nós. *Aquele* Marcus não era o mesmo jovem que eu conhecera tantos anos antes. Ah, ele ainda era bonito, mas tinha um toque duro e brutal que me deixava ligeiramente desconfortável. Não conseguia imaginá-lo como o mesmo cara que sorrira para mim como um garoto e que me fizera sorrir em um momento em que eu estivera tão infeliz.

Por um breve momento, lamentei o fim do jovem que ele fora.

Mas então percebi que eu também mudara no decorrer dos anos.

Ele era produto da vida adulta que levava e o mesmo acontecia comigo.

Obviamente, éramos pessoas muito diferentes agora. De muitas formas, a desconexão dele fez com que eu me sentisse... livre.

— E como você acabou formando um grupo de resgate? — perguntei com curiosidade.

Antes da morte dos meus pais em um acidente de carro sete anos antes, minha mãe me contava tudo o que acontecia com os Colters.

Não que eu me importasse, pois não era próxima de nenhum deles.

Ok... talvez eu *escutasse*, mas ela falava muito pouco sobre Marcus porque ele normalmente estava afastado. Eu ouvira falar mais sobre Tate, Chloe e Zane. De vez em quando, ela mencionava Blake, mas só se tornara membro do senado depois da morte dos meus pais. Ele servira um mandato como deputado, mas desistira depois para concorrer ao cargo de senador ao atingir o requisito de idade mínima.

Blake Colter era provavelmente um dos homens politicamente mais ambiciosos que eu já vira e era um senador excepcionalmente bom pelo que ouvira dizer. Eu não o via desde que éramos crianças, mas ainda me sentia

mal sobre a forma terrível como o tratara na infância. Eu não fora nada gentil, mas, por outro lado, fora escrota com praticamente todo mundo.

Marcus finalmente respondeu: — Você está perguntando por que um bando de bilionários se reuniu para fazer algo decente? — perguntou ele secamente. — Não. Não estou nem um pouco surpresa. Afinal de contas, Jett estava envolvido. Só estou curiosa sobre como aconteceu. Quero dizer, você viaja a negócios porque tem muitos interesses internacionalmente.

Mas o que o levou a realmente pensar em fazer coisas perigosas em países estrangeiros?

— O que fez com que você se tornasse arquiteta e desse seus serviços de graça para construir abrigos para os sem-teto? — retrucou ele. — Não é exatamente o que uma mulher rica faria.

Ótimo! ele transformara a minha pergunta em outra pergunta. Era uma excelente tática de evasão, mas eu não pretendia dizer isso a ele.

— Faço outros trabalhos — respondi na defensiva. — E acho que você sabe por que faço isso.

Marcus ergueu a sobrancelha, mas ele não perguntou mais nada sobre a minha ocupação. — Fiz isso porque entendo muito da política e da cultura em outros países. Acredite ou não, eu tenho coração. A julgar pelo tom tenso dele, eu não sabia ao certo se havia realmente um órgão batendo dentro do peito do homem, mas respondi: — Mas são operações secretas. E

você foi o organizador. Como isso acontece quando você é apenas um homem de negócios verificando suas operações no exterior?

Marcus deu de ombros. — Tive toda a ajuda necessária da minha equipe. Não foi tão difícil assim.

A resposta deliberadamente vaga dele me irritou. Porém, se ele não queria falar sobre sua vida particular, eu não insistiria. Eu precisava dele para uma coisa: resgatar minha irmã.

Ele tirara minha virgindade doze anos antes e não precisávamos exatamente ficar íntimos de novo. Só precisávamos nos dar bem.

Eu me mexi desconfortavelmente em meu lugar a vários metros dele, mudando o peso de uma perna para outra. — Então, tem alguma ideia de quando poderá partir?

— Precisamos de informações primeiro — explicou ele. — Falarei com Jett e verei onde ele acha que ela pode estar e quem a mantém prisioneira enquanto providencio as coisas. Não demorará muito. Um dia, no máximo dois. — Naquele momento, até mesmo vinte e quatro horas pareciam uma eternidade, mas assenti, concordando. *De verdade, que opção eu tenho?*

Além do mais, a resposta dele fazia sentido. Não havia como uma equipe pequena entrar em um país perigoso sem reunir informações e criar um plano. A última coisa que provavelmente queriam era atrair atenção.

— Por favor, traga-a de volta viva — implorei, com lágrimas começando a se formar nos meus olhos.

Ele assentiu rapidamente. — Farei o possível.

Virei-me para sair do escritório dele e, quando cheguei à porta, ele chamou: — Harper?

Virei-me por um momento para olhar para ele. — Sim?

— Lamento pelo que aconteceu. Quero dizer, não lamento por ter acontecido, mas eu nunca quis magoar você.

Eram águas passadas para mim, portanto, respondi: — Não é nada demais. Eu só queria que você tivesse me dito que tinha namorada. Você me magoou na época, mas já superei há anos.

Aquela não era exatamente a verdade, mas eu amolecera um pouco desde que entrara pela porta minutos antes. Surpreendentemente, eu não sentira nem um traço da atração que sentira por ele tantos anos antes.

— Ainda peço desculpas pelo que aconteceu. Eu era jovem e idiota —

disse ele em tom sombrio.

— Não é preciso. Eu realmente superei — respondi em tom direto ao abrir a porta do escritório e sair rapidamente, fechando-a atrás de mim.

Cheguei ao lado de fora antes de abrir um sorriso largo. Eu conseguira e finalmente *superara* Marcus Colter.

Não precisava mais especular.

Não havia mais sombras sobre a minha cabeça.

Não precisava mais me perguntar se seguraria uma vela por ele para sempre. Eu estava livre.

Se não estivesse tão preocupada com a minha irmã, estaria em êxtase.

Corri para meu SUV BMW alugado, com um sorriso idiota nos lábios ao entrar e ligar o veículo. O inverno se arrastava e não saía do Colorado, deixando as temperaturas ainda baixas.

Ao esfregar as mãos para esquentá-las, falei em voz alta: — Acabou.

Marcus faz parte do passado.

Talvez o Colter mais velho fora o sonho de cada jovem mulher, mas não era mais o *meu* sonho e eu estava muito feliz por isso.

Por quanto tempo eu me odiara por ainda pensar nele, apesar de ele ser um idiota completo, um mulherengo que mal se lembrara de uma noite que eu nunca conseguira esquecer?

Ah, sim, eu tentara desprezá-lo, mas, de vez em quando, não conseguia evitar lembrar do sorriso irresistível dele, de sua paciência e de sua gentileza naquela noite. Antes que eu descobrisse que tudo que achara que era real como adolescente idealizadora não fora nada mais do que uma atuação muito boa da parte dele para ter uma noite de sexo.

Esperei que o veículo aquecesse, estremecendo um pouco até sentir o banco ficar quente e o ar quente proveniente das ventilações.

Ver Marcus agora que estávamos mais velhos não me fez sentir nem um rastro daquele antigo calor. Pelo jeito, ele desistira de se esconder atrás de um falso charme.

Eu nunca mais teria que me perguntar se sentiria a mesma coisa que sentira doze anos antes.

Eu não sentia.

A única coisa que sentira fora impaciência para tirar minha irmã do perigo.

Um dia ou dois.

Eu conseguiria esperar.

— Por favor, fique viva — sussurrei para mim mesma. Eu não conseguiria viver se algo acontecesse com minha melhor amiga e irmã mais nova. Dani e eu fomos muito próximas durante a maior parte da vida e mais ainda depois da morte de meus pais. Ela era só um ano mais nova que eu, o que era uma diferença de idade muito pequena, mas nunca deixei de pensar nela como minha irmã menor. Eu ainda a protegia e ela ainda cuidava de mim.

Por algum motivo, senti-me ligeiramente melhor sabendo que Marcus tentaria resgatá-la. Eu podia não gostar dele, mas sabia como ele e sua equipe eram bons, graças a Jett sendo aberto sobre seu envolvimento com a operação. Eu só esperava que conseguissem encontrar a localização de Dani para levá-la de volta rapidamente.

Suspirei, engatei a marcha e voltei para o *resort* Colter, onde reservara um quarto para que pudesse encontrar Marcus Colter e conversar com ele.

Estranhamente, eu nem o odiava mais.

Eu não sentia absolutamente nada, exceto esperança de que ele conseguisse me ajudar a encontrar Dani.

Era um alívio completo o fato de Marcus Colter não me afetar mais emocionalmente.

O cara que tirara minha virgindade era agora como um estranho para mim. E eu estava estranhamente bem com isso.



Capítulo 2



Marcus

Não era necessário nenhum cientista para descobrir a suposta conexão entre eu e Harper. Ou, melhor... *algum outro cara* e Harper, pois eu obviamente não dormira com ela. Eu não quisera fazer muitas perguntas, mas tinha certeza de que quem tirara a virgindade de Harper fora, na verdade, meu irmão gêmeo, Blake. Quem mais teria feito isso?

Talvez devesse ter contado a verdade para Harper imediatamente, mas eu não era o tipo de homem que tomava decisões apressadas. Blake obviamente tivera seus motivos para fazer o que fizera.

Obviamente, anos antes, meu irmão senador se passara por mim. A pergunta era... por quê?

Meu irmão odiava ser eu. Ora, eu não podia culpá-lo. Algumas vezes, eu também odiava. Blake sempre fora o cara legal, o que fazia todo o possível para ajudar qualquer pessoa. Eu? Eu era um idiota egoísta e sabia disso. Já aceitara. Mas nem sempre gostava disso.

De muitas formas, viajar o mundo me deixara mais duro, menos empático. Se eu tivesse deixado cada situação triste que via me atingir, nunca teria sobrevivido. Se eu fosse como Blake, teria morrido com o coração sangrando anos antes. Portanto, eu parara de me preocupar com coisas que

não podia controlar e começara a trabalhar em projetos em que poderia fazer alguma diferença. Se isso me tornava um idiota... que fosse.

Se isso me tornava frio, era algo com que eu conseguiria lidar. O que eu *não* podia fazer era deixar que as coisas horríveis que vira me destruíssem.

Saí do escritório e subi a escada correndo, mais do que pronto para tirar a roupa de trabalho. Eu mal chegara de uma viagem de negócios ao Japão quando Harper Lawson aparecera, obviamente chateada e frenética.

Enquanto trocava de roupa e vestia calça *jeans* e um suéter pesado, repassei nossa conversa. Eu aprendera a guardar informações na memória e lembrava de cada palavra. Talvez eu tivesse dado a impressão de que estava hesitante em resgatar Dani. Porém, na verdade, eu teria ido atrás da correspondente maluca de qualquer forma.

Eu não exagerara quando dissera a Harper que vira a irmã dela em quase todos os locais perigosos que visitara.

Não é surpresa o fato de Danica sempre ter me odiado. Ela acha que tirei a virgindade da irmã dela e, logo depois, pulei na cama com outra mulher.

Não que eu alguma vez tivesse sido agradável com alguém, mas nunca fora excepcionalmente rude com a irmã de Harper... até que ela me dissesse alguns insultos indevidos nas primeiras vezes em que a vira. Depois disso, passáramos a insultar um ao outro com a maior frequência possível. Eu tinha que admitir que ver Danica Lawson sem palavras ou furiosa se tornara um prazer para mim. Brigar com ela era quase tão bom quanto fazer sexo.

Bem, talvez não *tão bom*, mas era muito divertido. E pouquíssimas coisas ainda me divertiam.

Ela me chamara de escroto arrogante... um insulto que provavelmente continha uma pontinha de verdade.

Eu dissera a ela que era perigosa e sem cérebro, pois sabia que isso a deixaria furiosa.

Sinceramente, ela provavelmente era uma das mulheres mais astutas que eu já conhecera. Porém, ela me irritava insanamente por estar em todos os lugares dos quais deveria fugir como louca.

Eu não poderia dizer a Harper que era um agente especial da CIA.

Ninguém sabia disso, exceto minha família. Eu nunca me considerara um espião... não exatamente. Eu preferia pensar em mim mesmo como coletor de informações que, por coincidência, ia a muitos locais no exterior e tinha uma tonelada de informantes nesses mesmos destinos.

Eu não era nenhum James Bond. Eu realmente *tinha* negócios praticamente em todos os locais para onde ia. Mas eu fazia o que fazia para a CIA porque estava cansado de ver meus amigos no exterior morrerem em

países destroçados pelas guerras simplesmente por morarem ou trabalharem nesses locais. Meu grupo OPR, agora desfeito, fora criado porque eu tivera amigos no passado que tinham precisado ser resgatados, vários homens de negócios ricos que tinham sido sequestrados por um grupo de rebeldes. Eu reunira um grupo inusitado, mas perfeito, de ex-agentes da CIA, fuzileiros navais e agentes do FBI com todas as especialidades necessárias para a missão de resgate dos meus amigos. Eles tinham sobrevivido e, depois disso, fora solicitado que resgatássemos outros em diversos países.

Tínhamos operado pelo máximo de tempo possível até que nossos disfarces foram expostos em uma missão fracassada que nunca deveria ter acontecido.

O irmão de Harper, Jett, fora gravemente ferido. Outro membro também quase perdera a vida. Nossa única opção fora acabar com as operações. Com nossas identidades conhecidas e o grupo deixando de ser secreto, era perigoso demais para seus membros. Além do mais, eu sabia que, se não conseguíssemos operar silenciosamente, não seríamos tão efetivos.

Agora, eu teria que tentar mais uma vez ir a um lugar no qual poucas pessoas queriam estar.

O que diabos Dani estava fazendo na Síria?

Ela podia ser corajosa e destemida, mas não era burra. Eu sabia que a base dela era a Turquia, mas nunca achara que ela cruzaria aquela fronteira.

Nem mesmo que consideraria a ideia.

Ah, sim, eu *ia* levá-la para casa. Mas agora, mais do que nunca, precisava da ajuda de Blake mais uma vez. Por sorte, ele estava em casa em um recesso longo de inverno e eu teria que pedir que me desse cobertura.

Ninguém poderia saber que eu partira. Estar longe em um destino desconhecido seria uma grande indicação de que eu estava em um resgate.

Enquanto estivesse em Rocky Springs, ou enquanto as pessoas pensassem que estava lá, eu não poderia estar fora do país.

Balancei a cabeça ao calçar os sapatos, peguei a carteira que estava no bolso da calça do terno e guardei-a no bolso traseiro da calça *jeans*.

Eu precisava falar com Blake e tinha que ser imediatamente.

Quanto mais cedo conseguisse organizar tudo, mais cedo eu conseguiria trazer aquela doida de volta ao país.



Fiquei imaginando se, de alguma forma, eu conseguiria cassar o passaporte dela permanentemente. Passei a mão pelos cabelos com frustração, mais preocupado do que provavelmente deveria com uma mulher que prontamente arriscava a vida para fazer seu trabalho.

Sim, ela soubera dos riscos do trabalho. Eu nunca duvidara disso. Mas pensar nela nas mãos de rebeldes que não teriam um pinga de remorso se a matassem fez com que eu me mexesse um pouco mais depressa. Eu estava no carro a caminho do rancho de Blake em questão de minutos.

— Quando foi que você trepou com Harper Lawson? — perguntei ao meu irmão enquanto preparava um drinque na sala de estar da casa dele.

Eu chegara ao rancho de Blake em tempo recorde. Eu adorava veículos velozes e escolhera um dos mais velozes que tinha.

— O quê? — Blake olhou para mim com a testa franzida ao se sentar em um sofá.

Percebi que meu irmão gêmeo estivera andando pelo rancho. A calça *jeans* era velha e desbotada e ele vestia um suéter velho que deveria ter sido jogado no lixo no final da faculdade.

Eu realmente não conseguia entender o que ele achava tão fascinante nas vacas.

— Você me ouviu — disse eu calmamente, sentando-me em uma cadeira reclinável à frente dele. — Ela me procurou hoje em busca de ajuda.

A irmã dela, Dani, foi... detida. Por algum motivo, Harper tem a impressão de que tirei a virgindade dela em algum momento. E, por isso, ela me odeia.

O que diabos você fez? — Blake não era conhecido por ser encenqueiro nem mulherengo.

Na verdade, eu não conseguia me lembrar da última vez em que ele tivera uma namorada.

Se não estivesse em Washington cuidando de suas responsabilidades como senador, ele estava ali no rancho, tentando criar linhagens novas e aprimoradas de gado.

— Anos atrás — resmungou ele. — Ela mal tinha chegado à idade adulta.

Ergui uma sobrancelha ao ouvir o tom irritado dele. Meu irmão não era do tipo que transava com uma virgem e fugia. — O que aconteceu?

— Lembra-se do ano em que ela fugiu de casa?

Eu assenti. Sim, eu *lembrava*. Eu tivera uma namorada nova na época e a última coisa que quisera era ir embora para Denver no meio de uma tempestade e deixar a bela mulher para trás. A namorada não durara muito

tempo. Ora, eu nem me lembrava do nome dela. Por outro lado, nenhuma delas naquela época durava mais do que um ou dois meses. Blake se mexeu de forma desconfortável. — Tivemos que passar a noite juntos depois que a encontrei em Denver por causa da tempestade. Fizemos sexo. Fim da história.

Interessante. Ele não quer falar sobre o que aconteceu com Harper.

Balancei a cabeça negativamente. — Não é *bem* o fim da história. —

Por que ela acha que fui eu?

— Não fingi ser você. Ela simplesmente *supôs* que eu era você.

Quando fui vê-la antes de voltar para o campus, ela tinha ido embora.

Nunca tive a oportunidade de dizer a verdade a ela.

— Você nunca mais a encontrou?

— Não — respondeu Blake em tom amargo. — Tentei telefonar durante meses, mas ela nunca atendeu. Acho que ela finalmente trocou de número ou de telefone, pois depois de algum tempo a mensagem era de que estava desligado.

— A irmã dela me odeia. Harper me odeia. Suponho que isso tudo tenha a ver com você brincando com Harper.

— Eu não estava brincando com ela. Ela partiu. Não se despediu.

Nunca entrou em contato comigo. Como eu deveria contar a ela?

— Bem, você está prestes a ter outra chance. Tenho que ir nesta missão, Blake. Ninguém pode saber que saí do país.

— Ah, não, nem pensar. Depois da sua última missão com a OPR, achei que tivesse parado.

— Então quer que eu deixe Dani na Síria à mercê de rebeldes? —

perguntei em tom casual, surpreso ao perceber quanta emoção via em Blake, mesmo *sendo* algo negativo. Falar sobre mulheres normalmente era a última coisa que ele queria fazer. E eu certamente nunca vira meu irmão gêmeo tão abalado por causa de uma mulher.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Se alguma coisa acontecer com Dani, isso provavelmente mataria Harper. Mas você nem tem mais uma equipe.

— Encontrarei uma — respondi em tom confiante. Eu já tinha uma boa ideia de quem poderia usar para substituir os dois membros que faltavam da equipe e sabia que os rapazes iriam em mais uma missão, especialmente considerando que iríamos procurar Danica Lawson. A maioria deles pelo menos *sabia* da existência dela, mas eu tinha certeza de que quase todos a conheciam pessoalmente, como acontecia comigo. Ela era conhecida pelas reportagens em áreas perigosas e não havia exatamente uma tonelada de correspondentes estrangeiras mulheres. Ela era uma das poucas que existia.

— Como diabos vai conseguir entrar no país? Jesus, Marcus... será muito perigoso.

Lancei um meio sorriso ao meu irmão gêmeo. — Já estive em situações piores. Primeiro, preciso localizar Danica.

— Ajudarei você de todas as formas que puder — concordou Blake relutantemente. — Como estava Harper? O toque de vulnerabilidade na voz dele me fez estudar meu irmão cuidadosamente. Percebi como ele estava nervoso. — Furiosa. Preocupada. Só o fato de ter trazido à tona o fato de eu ter roubado a inocência dela há mais de uma década me mostrou que está desesperada.

— Não foi *você* — resmungou Blake. — Fui eu.

Hmmm... ele estava mais do que só um pouco irritado sobre aquele assunto.
— Eu sei. Teria me lembrado daquele incidente se realmente tivesse sido eu. Ela é uma bela mulher. — Sim, eu sabia que estava provocando Blake, mas a reação irritada dele depois de todos aqueles anos me deixou atônito. Ora, ele agia como se tudo tivesse acontecido no dia anterior.

— Você encostou nela? — perguntou ele em voz grave.

— Não. Mas e se tivesse? Vocês dois não estão exatamente juntos.

Blake me lançou um olhar mortal. — Não. Não mexa com ela.

Reprimi a vontade de sorrir para ele. — Não vou fazer isso. Mas eu agradeceria se limpasse meu nome.

— Lamento — respondeu Blake em tom grave. — Não achei que ela voltaria aqui porque os pais dela morreram ou que eu teria que encontrá-la novamente. Nem achei que você a encontraria. — Ele fez uma pausa antes de perguntar: — Por que você simplesmente não disse a verdade a ela?

Você devia saber que tinha sido eu.

Dei de ombros. — Não é responsabilidade minha. Eu não tinha todos os fatos e não queria deixá-la ainda mais furiosa. Só para que você saiba...

não sei exatamente o que aconteceu, mas parece que ela me viu com a minha namorada da época logo depois que vocês dormiram juntos. Ela acha que você a usou por uma noite e depois voltou para a sua namorada.

— Merda — explodiu Blake. — Não é de surpreender que ela não falasse comigo nem atendesse o telefone. Eu deveria ter ido atrás dela e contado a verdade. Mas só supus que ela estava arrependida do que aconteceu ou só não estava interessada em falar comigo. Eu não sabia que ela tinha visto você com outra mulher.

— Se faz com que se sinta melhor, ela superou você. Além do mais, eu não estava com *outra* mulher. Eu só estava trepando com a minha namorada naquela época.

Blake levantou o copo que estivera segurando e engoliu o uísque inteiro em um só gole. — Não importa. Eu a esqueci há muito tempo. Foi só uma noite.

Eu achava que devia ter sido uma noite incrível para que meu irmão ainda reagisse como se o incidente tivesse acontecido recentemente. Blake era

meu irmão gêmeo idêntico e, às vezes, sentíamos as emoções um do outro. Por muito tempo, quase perdêramos aquela ligação. Mas minhas entranhas se contorceram quando vi sua expressão atormentada, conectando-me com ele em um nível que não acontecia havia muito tempo.

— Você nunca a esqueceu.

Ele deu de ombros. — Não havia muito a fazer a não ser esquecê-la.

Blake nunca esquecera Harper. Eu estava convencido disso. — Ela está muito bem e faz uns trabalhos incríveis.

Eu não sabia muito sobre Harper Lawson, mas não era segredo que ela dedicara a vida para projetar prédios exclusivos. Além do mais, ela era mais conhecida pelas contribuições na luta a favor dos sem-teto. — Eu sei. Vi algumas coisas sobre ela no decorrer dos anos — disse Blake em tom direto.

Aposto como ele seguiu a carreira dela. Eu não me importava com o que meu irmão dizia... ele ainda sentia alguma coisa por causa do breve caso que tivera com Harper, não importava quanto tempo atrás isso tivesse acontecido.

Eu me levantei ansioso, pois ainda tinha muito a fazer. — Esteja pronto para fazer a troca amanhã.

Blake se levantou e sua voz estava rouca ao me chamar: — Marcus? —

Sim?

— Tenha cuidado. Não será uma missão fácil. Eu sorri. — Já tentei coisas piores.

— Isso não faz com que eu me sinta melhor — resmungou ele.

Eu só ri, secretamente contente por meu irmão gêmeo se preocupar comigo. Ele era o único que sabia sobre a OPR e apenas porque eu lhe pedira que tomasse o meu lugar algumas vezes durante as últimas missões.

Mas eu sabia me cuidar.

Eu não contara muito à minha família sobre o meu envolvimento com a CIA. Eles só sabiam o básico e, quando me davam cobertura durante minhas trocas de identidade com Blake, achavam que era por causa de algo que eu fazia para CIA. Eu não pretendia contar à minha mãe sobre a OPR.

Ela já se preocupava o suficiente com a minha segurança enquanto eu viajava, especialmente depois que descobrira que eu reunia informações para o governo enquanto estava fora.

Eu disse a Blake: — Contarei a todo mundo sobre a troca no jantar com mamãe hoje à noite. Terei que telefonar para Zane. Ele não está na cidade.

— Eu sei — confirmou Blake. — Falarei com Zane, mas você terá que contar para mamãe que vamos trocar de novo.

— Contarei a ela hoje à noite — resmunguei, nada contente em deixar minha mãe preocupada. Ora, ela deveria estar aposentada, sentada na varanda e apenas aproveitando a vida. Mas ela ainda se preocupava mais do que a maioria de nós com a administração do *resort*.

— Amanhã... você será eu. Partirei bem cedo — relembrei em tom grave. Logo depois, saí da sala.

Eu sabia que dissera a Harper que demoraria um ou dois dias para providenciar as coisas, mas precisava partir tarde da noite ou bem cedo na manhã seguinte. Eu poderia começar a preparar o encontro com a equipe agora mesmo. Se pretendia tirar Danica Lawson de dentro da fogueira, teria que fazer isso antes que ela se queimasse demais.



Capítulo 3



Harper

Bebi um gole do vinho que Aileen Colter me dera quando entrei na casa dela, sentindo-me constrangida por invadir um jantar em família.

Eu não era família.

Não pertencia àquele lugar.

Para ser sincera, eu nem era amiga próxima dos Colters. Apesar de minha mãe e Aileen terem sido melhores amigas durante a maior parte da vida, eu não conhecia bem aquela família. E não vira nenhum deles desde o funeral dos meus pais. Aileen comparecera, mas seus filhos estavam na faculdade ou fora da área na época.

Eu me lembrava de ter visto Aileen e conversado com ela no enterro dos meus pais, mas não conseguia me lembrar de uma palavra sequer da conversa. Eu estivera muito triste, chocada demais por meu pai e minha mãe terem desaparecido subitamente. Um motorista bêbado sete anos antes acabara com a existência de duas pessoas que eu amara do fundo do coração. Ainda havia momentos em que eu mal conseguia acreditar que eles tinham partido.

Eu encontrara Aileen mais cedo no *resort* e ela me convidara para o jantar. Naquele momento, eu achara que isso seria preferível a ficar sofrendo sozinha no meu quarto. Porém, quando a única filha de Aileen, Chloe, chegara com o marido, Gabe, eu me sentira... desconfortável. Não era que eu não *gostasse* de Chloe, só não a *conhecia*, nem ao marido dela.

Eu supusera que Aileen estaria sozinha. Quando ela me convidara, eu também não soubera que Marcus deveria aparecer.

Não importa. Quaisquer sentimentos que eu tinha medo que ressurgissem quando o visse não existem mais.

Relaxe um pouco ao me lembrar do confronto mais cedo com o Colter mais velho.

Aileen falou com voz genuinamente contente. — É tão bom ver você de novo, Harper. Só lamento que muitas das crianças não estejam aqui.

Zane e Ellie estão fora da cidade. Tate tem que buscar Lara porque ela tem aula hoje à noite, portanto, eles também não poderão vir. — Aileen suspirou. — É muito raro que todos os meus filhos estejam no mesmo lugar ao mesmo tempo. Sorri para ela, inclinando o corpo em direção à cadeira dela enquanto estávamos sentadas à mesa da cozinha com uma taça de vinho. — Não tem problema. Estou me sentindo um pouco intrusa —

admiti. — Eu não sabia que era um jantar em família. — Pelo que Aileen dissera quando eu chegara à cidade, ela fazia um jantar toda semana e os filhos que estivessem por lá participariam do evento.

— Você não é intrusa coisa nenhuma — disse Aileen em tom determinado. — Sua mãe era a minha melhor amiga. Ela gostaria que eu considerasse vocês como família. Eu só queria ter conhecido todos vocês melhor. Você se parece tanto com ela quando jovem.

Engoli em seco, tentando não me emocionar ao me lembrar de que eu tinha os olhos e algumas das feições da minha mãe.

— Éramos todos adultos quando eles faleceram — relembrei. — Eu sei. E vocês foram a escolas diferentes dos meus filhos. Mas foi uma pena que sua mãe e eu não tivéssemos conseguido reunir vocês todos com mais frequência.

Eu não achava que fosse uma tragédia não ter passado muito tempo com as crianças Colter. Todos eles tinham me odiado. Eu não era uma criança muito agradável... nem uma adolescente agradável. Eu fora tão mimada e protegida pelos meus pais que nenhum dos Colters teria gostado de mim. Quando eu era muito jovem, lembrava vagamente de gostar de ter Blake por perto, mas também o atormentei. Talvez fosse o fato de ele ter tolerado tanto de mim quando criança que eu quisera que participasse de todas as festas da minha família.

Então, um dia, ele parara de participar. Não que eu pudesse culpá-lo, mas lembrava-me de sentir tristeza por parar de vê-lo.

Respirei fundo antes de responder: — Provavelmente foi melhor assim.

Eu era um pouco... — Contive rapidamente o xingamento e continuei: —

Eu era uma delinquente.

Aileen riu. — Eu sei. Você era uma criança difícil. Mas ainda é uma pena que os meus filhos e os da minha melhor amiga nunca se conheceram muito bem. Vocês moravam a menos de vinte quilômetros de nós, mas foram para escolas diferentes.

— Uma coisa boa — murmurei.

Chloe estava tirando alguma coisa do forno quando acrescentou: —

Você não pode ter sido tão ruim assim.

Gabe estava em silêncio, sentado na outra extremidade da mesa com uma garrafa de cerveja na mão. Percebi que ele estava escutando, mas não sabia nada sobre a minha família.

— Acredite... eu era muito ruim — confessei em voz alta o suficiente para que Aileen e Chloe conseguissem me ouvir. — Acho que meus pais queriam me proteger, mas essa preocupação acabou me afastando completamente de todos que não tivessem uma vida tão abençoada como nós. Fui para uma escola particular onde todos eram tão privilegiados como eu. Tive que crescer para perceber que sou extremamente sortuda.

Chloe se aproximou e sentou-se ao lado de Gabe ao perguntar: — O que mudou?

— Quando eu tinha dezoito anos, decidi fugir de casa. Fiquei presa em uma nevasca e passei alguns dias em um abrigo para pessoas sem-teto.

Aprendi muito depressa como as coisas *podiam* ser ruins e como eu fugira do que tinha por algo idiota.

Aileen abriu a boca para falar, mas parou ao ouvir o som de um homem entrando na casa.

— Mãe? — chamou a voz masculina rouca.

— Aqui! — respondeu Aileen.

Eu estava virada para a entrada da cozinha e levei um susto quando outro par de olhos cinzentos característico dos Colters se voltou quase imediatamente para o meu rosto. — Marcus? — perguntei a Aileen.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Blake. — Ela acenou para que o filho se sentasse ao meu lado. — Blake, venha cumprimentar nossa

hóspede. Vocês dois se conhecem.

Era algo estranho para Aileen dizer, pois eu não encontrara Blake desde que ele era criança, mas achei que ela nos considerava como conhecidos.

Meus olhos encontraram os dele e senti-me um pouco inquieta com o olhar intenso fixado em mim enquanto ele dava a volta na mesa, beijava a mãe e sentava-se ao meu lado. Perguntei-me se ele estava furioso por eu ser uma intrusa em uma noite em família. Como ele passava muito tempo em Washington por ser senador, talvez não tivesse tempo suficiente para ficar com a mãe e os irmãos.

— Olá, Harper — disse ele em um tom masculino profundo que lançou um arrepio na minha espinha.

Inclinei o corpo ligeiramente em direção a ele. — Senador — cumprimentei com um aceno da cabeça.

— Blake — corrigiu ele. — Não usamos formalidades nesta família.

Gabe emitiu um som de desprezo no outro lado da mesa. —

Respeitamos Aileen, mas, de resto, não damos sossego uns aos outros —

disse ele com os olhos sorridentes. Chloe deu um tapa de brincadeira no braço dele.

Blake ainda me encarava ao estender a mão. — É um prazer ver você de novo, Harper.

Coloquei a minha mão na dele com um sorriso. — Mentiroso — acusei.

— Transformei sua vida em um inferno quando era criança e você sabe disso. Duvido muito que esteja feliz em me ver. Mas não se preocupe, eu cresci.

Como Blake só me conhecera quando eu era uma criança mimada, duvidei que acreditasse em mim. Minhas lembranças distantes dele eram horríveis, apesar de eu ter sido apenas uma criança.

O olhar de aço dele me observou de cima abaixo e ele finalmente soltou minha mão ao dizer: — Percebi. Você certamente... está bem crescida.

— Estamos todos aqui? — perguntou a voz trovejante de Marcus da entrada da cozinha.

Aileen sorriu. — Só estávamos esperando você — disse ela ao filho mais velho. — Chloe e eu podemos servir o jantar agora.

Chloe se levantou da cadeira. — Mas os homens lavam a louça — disse ela em tom firme, lançando um olhar malicioso a Gabe.

O marido de Chloe deu de ombros. — Não é um problema para mim.

— Nem para mim — concordou Blake, sem afastar o olhar intenso do meu rosto.

— Não acho que algum de nós dirá que não, já que não sabemos cozinhar absolutamente nada — acrescentou Marcus ao dar um beijo na bochecha da mãe quando ela se levantou para colocar o jantar na mesa.

— Eu ajudo — disse eu apressadamente a Aileen, confusa pela forma como meu coração disparara com o escrutínio de Blake.

Olhei para Marcus, que me lançou um olhar de advertência. Eu não sabia ao certo o que ele queria dizer, mas certamente não pretendia contar à família dele por que estava lá. Eu dissera a Aileen apenas que precisava de um tempo de folga e achara que Rocky Springs seria o lugar perfeito. Ela não me questionara sobre eu me hospedar em seu *resort*. Aileen sabia que tínhamos vendido a casa dos meus pais depois da morte deles, pois não queríamos manter o lar onde eles tinham sido tão felizes.

Fora doloroso demais ficar lá sem eles.

Levantei-me de um salto, grata por poder ficar de costas para Marcus e Blake enquanto ajudava Aileen a preparar a mesa. Era um tanto desconcertante ver os gêmeos juntos.

Não havia dúvidas de que Blake e Marcus eram idênticos. Eles até se vestiam de forma parecida: suéter pesado e calça *jeans*. A única diferença era que Marcus selecionara um suéter cinza e Blake vestia um suéter azul-marinho. No começo, eu não sabia se conseguiria distingui-los se não fosse pela cor dos suéteres. Mas, à medida que a refeição avançou, percebi que os dois homens eram diferentes, apesar de serem fisicamente idênticos.

Blake trocou insultos com Gabe, deixando óbvio que os dois eram muito próximos. Marcus era quieto, observador, dando respostas diretas às perguntas da mãe e de Chloe.

Passei a maior parte do tempo botando a conversa em dia com Aileen, mas conseguia sentir o olhar frequente de Blake.

Talvez ele ainda não consiga me aguentar por eu ter sido tão odiosa quando criança. Quando terminamos a sobremesa, Blake ainda não falara muito comigo. Ele me ignorara ostensivamente, concentrando a maior parte da atenção em Gabe.

Eu não sabia exatamente por que isso me incomodava, mas era irritante ele nem mesmo tentar iniciar uma conversa por questão de educação. Claro,

eu também não fiz isso, pois estava ocupada demais perguntando a mim mesma por que o perfume masculino dele praticamente me fazia salivar. Ele

tinha um cheiro muito gostoso e o calor que irradiava de seu corpo me fez querer chegar ainda mais perto do que a mesa nos forçava a ficar.

Perguntei-me se ele se sentia tão tenso quanto eu, mas descartei a ideia.

Ele não me conhecia e eu realmente não o conhecia. Claro, eu dormira com o gêmeo idêntico dele mais de uma década antes, mas não tinha sido a aparência de Marcus que me atraía. Ele era bonito, mas houvera muito mais em seu rosto atraente na época que me fizera querer ficar mais perto dele.

A atração fora quase inexplicável, mas já desaparecera muito tempo antes.

Soltei um suspiro de alívio quando todos nos levantamos para cuidar da louça, apesar da ordem de Chloe de que seria uma tarefa para os homens.

Evitei Marcus e Blake enquanto ajudava rapidamente a tirar os pratos e limpar a mesa.

Depois disso, dei uma desculpa a Aileen e saí pela porta da frente, duvidando que alguém perceberia que eu tinha ido embora.



Capítulo 4



Blake

Todos na minha família já sabiam que eu estava personificando Marcus, portanto, não havia problema em sair da casa dele e ir para o hotel.

Eu não ficara nada contente quando voltara de uma conversa particular com Gabe e Chloe para descobrir que Harper escapara cedo do jantar em família.

Putá merda! Vê-la novamente me deixara quase mudo e eu mal consegui falar com ela sem contar toda a verdade sobre o que realmente acontecera doze anos antes. Acabei concentrando a atenção em Gabe para manter a boca fechada, mas ficar sentado ao lado de Harper depois de tantos anos não fora fácil. Especialmente porque eu sabia que ela estava muito mal informada.

Talvez ela não tivesse me odiado. Talvez estivesse apenas com raiva.

Aquelas eram perguntas que eu estava louco para fazer a ela, mas isso não aconteceria no meio de uma reunião familiar.

Entrei no saguão do *resort* de minha mãe, que tinha fontes termais, pronto para tomar o café da manhã. Como a maioria dos meus outros irmãos, eu era um péssimo cozinheiro e comia fora sempre que possível.

Era algo que Marcus faria, pois, até onde eu sabia, ele não sabia nem mesmo ferver água. Sempre que estava em casa, ele aproveitava o bufê de café da manhã praticamente todos os dias.

Ainda bem... porque eu assumira o lugar do meu irmão gêmeo vários dias antes e odiava essa situação. Não era a primeira vez que eu fizera isso

por ele, mas estava determinado que fosse a última. Ninguém da minha família sabia sobre a Organização Privada de Resgate, exceto eu. Minha família, obviamente, sabia exatamente quem eu era, se estava agindo como Marcus ou não. Não que eu pudesse ser um escroto tão grande como ele, mas a família simplesmente... sabia quem eu era, apesar de sermos idênticos. Especialmente minha mãe. Nem uma única vez ela deixara de reconhecer o gêmeo com quem estava falando. No entanto, minha família *sabia* sobre o envolvimento de Marcus com a CIA e atribuímos nossas trocas aos deveres dele com o governo.

Eu odiava ser alguém que não era e preferiria estar na minha casa.

Como eu precisava ficar em Washington boa parte do tempo, gostava muito do tempo que passava em Rocky Springs. O clima ficaria mais quente em breve e minhas novilhas logo teriam suas crias. Eu queria muito estar com

meu gerente geral e meu pesquisador no rancho naquele momento, preparando os partos.

Resgatar Danica é muito mais importante do que meu gado no momento.

Harper parecera estar aguentando bem, mas devia estar frenética sobre o sequestro da irmã. Eu ficara aliviado por ela não ter mencionado a situação para minha mãe. Pelo jeito, minha família não dissera nada que entregasse o fato de que fora eu, e não Marcus, que fora procurá-la em Denver doze anos antes. Pensei novamente na minha conversa com Dani naquela época.

Eu só queria que Danica tivesse dito *por que* Harper não quisera falar comigo.

Era evidente que eu magoara Harper Lawson sem nem saber.

Ficar sentado ao lado dela durante o jantar fora uma tortura, especialmente porque eu não pudera falar sobre o que acontecera. Comecei a me servir no longo bufê de café da manhã na sala de jantar do hotel, tentando não ser incrivelmente amigável como normalmente seria. Ora, diferentemente de Marcus, eu gostava das pessoas.

E eu amava o Colorado. Como senador, era natural que eu iniciasse uma conversa praticamente em todos os lugares aonde ia.

Mas Marcus não era uma pessoa de falar, a não ser que achasse necessário.

Meu irmão evitava relacionamentos próximos e era tão cheio de segredos como um homem poderia ser.

Portanto, apesar de me doer, ignorei a senhora de idade que sorriu para mim enquanto colocava ovos no meu prato nem disse uma palavra ao senhor que se servia de linguiça.

Pois era exatamente o que Marcus faria.

Eu não sabia bem onde meu irmão gêmeo estava naquele momento, mas torcia para que ele trouxesse Danica de volta muito em breve. Ser Marcus era ir contra a minha natureza e eu tinha que estar ciente de quem fingia ser

em todos os momentos em que me disfarçava. Agora que eu entendera o que acontecera doze anos antes, era difícil não esclarecer tudo com Harper. O jantar em família fora constrangedor e eu mal conseguira chegar ao fim dele sem arrastá-la para longe para que pudesse explicar tudo o que acontecera. De alguma forma, eu precisava fechar aquele capítulo miserável da minha vida. Mas eu decidira que provavelmente seria melhor esperar até que Dani estivesse sã e salva em casa. Seria sábio evitar Harper até lá. Como Marcus dissera que Harper superara a experiência, talvez não fosse mais importante o suficiente para justificar procurá-la naquele momento. Sentar ao lado dela no jantar de mamãe, sem dizer uma palavra, fora uma das coisas mais difíceis que eu já fizera. Mas não fora a hora nem o lugar para explicar e eu não tinha ideia de como ela reagiria. O melhor que eu conseguira fazer fora fingir que não me importava.

Infelizmente, Harper ainda me afetara tanto quanto doze anos antes e eu precisara de todas as forças para não falar com ela. Talvez, para ela, o incidente estivesse esquecido e no passado. Mas eu nunca a esquecera nem superara o fato de que ela me dispensara sem pensar duas vezes.

Claro, eu entendia *agora*, mas muitos anos tinham se passado em que me sentira ressentido por ela ter simplesmente me ignorado de forma fria depois que eu deixara claro que queria notícias dela. Frequentemente, eu me perguntara por que ela se recusara a falar comigo. Agora que eu sabia que a magoara, de forma não intencional, isso estava matando-me. Eu deveria ter seguido meus instintos naquela época e ido atrás dela para exigir uma resposta. Porém, a rejeição dela me magoara e fora dolorosa o suficiente para me manter afastado.

Agora que eu sabia a verdade, tinha muitas coisas que queria dizer a ela. Eu queria saber exatamente como ela chegara onde estava na carreira.

Queria dizer como lamentava que ela tivesse perdido os pais antes mesmo de terminar a escola.

Eu não precisava perguntar a ela por que estava envolvida em ajudar os sem-teto. Eu sabia o motivo.

Principalmente, eu queria poder esquecê-la completamente, pois nunca conseguira fazer isso.

Eu *ainda* pensava nela. Mas não fantasiava sobre ela como fizera antes.

Ora, ok, talvez eu *fantasiasse*, mas não com tanta frequência. Se de vez em quando eu lia histórias sobre os abrigos que ela construía para os sem-teto e via a fotografia dela, era apenas curiosidade... pelo menos, era o que dizia a mim mesmo.

Os primeiros anos tinham sido infernais. Eu dissera a Marcus a verdade quando confessara que telefonara para ela. O que eu não dissera a ele era que estivera obcecado com a ideia de falar com ela e que telefonara várias vezes por dia.

Sem parar.

Torcendo para que ela finalmente atendesse... nem que fosse para se livrar de mim. Quando o número do telefone dela finalmente fora cancelado, eu quase perdera o juízo. Mas, depois de algum tempo, consegui me recuperar. Se havia uma coisa que eu aprendera na política fora de lutar as lutas que podia ganhar. Não que eu não tentasse mudar as coisas que achava que estavam erradas, mas tinha que ter prioridades. Harper Lawson fora uma situação de derrota na época. Mesmo se ela tivesse atendido meus telefonemas, o que eu teria a dizer se Harper não estivesse interessada? Era algo que eu tinha que aceitar.

— Marcus? — Ouvi a voz feminina confusa atrás de mim e senti o corpo ficar tenso.

Era uma voz que eu não ouvira em anos, exceto pelas poucas palavras que trocáramos durante o jantar, e subitamente senti a tentação de ignorá-la *Harper. O que diabos ela está fazendo aqui?* Não me ocorrera que ela provavelmente ficaria ali, pois não tinha mais família nem uma casa na região. Mas era algo lógico. Ela obviamente encontrara minha mãe e fazia sentido que estivesse hospedada ali.

No fim, tive que me virar e encará-la. Mas, quando fiz isso, foi como ser atropelado por um caminhão.

Jesus! Ela realmente não mudara muito. Estava tão linda como sempre fora, algo que me afetara tão violentamente quando a vira na casa de minha mãe que fora preciso me concentrar em outra coisa, a não ser que quisesse parecer um idiota.

— Sim? — Ergui a sobrancelha de forma arrogante, como Marcus faria. — Por que ainda está aqui? Achei que já tinha ido embora para procurar Dani — disse ela com voz ofegante que me deixou com uma ereção instantaneamente.

— Ainda não — respondi. — Mas vamos encontrá-la. — Virei-me em busca de uma mesa.

Eu não podia falar com ela. Não ali.

Não naquele momento.

Infelizmente, ela não pretendia me dar um momento de paz.

Harper largou a xícara de café e pegou um pão. Em seguida, aproximou-se e sentou-se à minha frente, arruinando completamente o meu apetite. Minhas entranhas pareciam um nó quando encontrei o olhar interrogativo dela. — O que descobriu? Você sabe onde está Dani?

Encontrou novos membros para a equipe?

O tom dela era urgente e eu queria dizer tudo o que sabia, incluindo minha identidade, quase imediatamente.

Mas ainda não era a hora nem o lugar para que eu dissesse a verdade.

— Não muito. Ainda não. E sim, consegui montar a equipe.

Harper revirou os olhos ao dar uma mordida no pão. — Então, não deveria estar pensando em um plano de ataque?

Ela tomou um gole do café. Percebi que ela ainda gostava do café preto. — Estamos trabalhando o mais depressa possível — respondi em tom direto. — Ainda não a localizamos. Não podemos invadir uma área como aquela sem saber o que estamos fazendo.

Sinceramente, eu não fazia a menor ideia se Marcus localizara Dani, mas esperava que sim.

Harper soltou um suspiro de frustração. — Desculpe. Só quero minha irmã de volta.

— Eu sei — respondi em tom neutro. — Está hospedada aqui? — Sim.

Vendemos a casa dos meus pais depois que eles morreram.

Assenti. — Eu sei. Lamento pela sua perda. Seus pais eram boas pessoas. Minha mãe ficou arrasada quando eles morreram. — Hesitei antes

de perguntar: — Onde você mora agora?

— Na Califórnia — respondeu ela — Mas passo muito tempo viajando a trabalho.

— Arquiteta, certo? — Eu sabia muito bem qual era o trabalho dela, mas estava tão tenso que precisava jogar conversa fora.

Na verdade, só o que eu queria era consolá-la, estar ao lado dela, que precisava de alguém. E, sob aquele comportamento exigente, mas preocupado, eu sabia que ela se sentia perdida e sozinha. Mas eu não queria arriscar o meu disfarce em público.

Não aqui. Não agora.

Ela parou de comer para me encarar cuidadosamente. Senti-me encolher sob o exame dela. — Sim, sou arquiteta — respondeu ela devagar.

— Mas você já falou isso. Quando o encontrei pela primeira vez, lembra?

Ora, claro que eu não me lembrava. Afinal, ela conversara com *Marcus*, não comigo. — Desculpe — murmurei de forma constrangida. Para um político, eu certamente não estava pensando depressa o suficiente para me desviar de perguntas desconfortáveis. Eu normalmente tinha respostas rápidas e um sorriso charmoso, mas meu cérebro parecia estar desconectado quando Harper estava por perto.

Olhei diretamente para ela, que retribuiu o olhar com os belos olhos verdes. Por um momento, o tempo parou e lembrei-me de como ela parecera para mim doze anos antes.

Mesmo naquele estado desesperado, ela ainda parecia a mesma Harper, com as emoções exibidas na expressão e na profundidade dos olhos. Ela amadurecera bem e agora era certamente uma mulher, em vez de uma garota, mas eu ainda conseguia ver traços da Harper de dezoito anos de quem eu gostara tanto.

Os belos cabelos loiros estavam presos na nuca, mas alguns cachos já tinham escapado e emolduravam seu rosto. Os olhos cor de esmeralda de que eu me lembrava estavam vívidos como nunca, especialmente naquele momento com as emoções tão perto da superfície. Percebi que ela estava assustada, mas não histérica. — Você está com uma aparência ótima. Está feliz? — perguntei com voz rouca, incapaz de parar de encará-la.

Duvidei que aquela fosse uma pergunta que *Marcus* faria, mas não me importei. Eu precisava saber.

Ela piscou várias vezes e voltou o olhar para o que sobrara do pão. —

Sim, em grande parte. Sinto saudades da minha família e comecei a me preocupar com Dani desde o momento em que ela decidiu voar em direção ao perigo, em vez de para longe dele. Mas amo o que faço.

— Os projetos de arquitetura ou a parte da caridade? — perguntei com curiosidade. — Os dois — admitiu ela, arrancando pedacinhos do pão e colocando-os na boca. — E você, está feliz? Parece que viaja tanto quanto minha irmã.

Dei de ombros. — Acho que eu poderia lhe dar a mesma resposta... em grande parte. Viajar cansa depois de um tempo.

Eu viajava principalmente entre Colorado e Washington, mas não ter um lar permanente era uma coisa monótona.

— Não me importo tanto assim — comentou Harper, pensativa. —

Acho que gosto de ver lugares diferentes.

Comi enquanto a observava, espantado ao perceber como ela mudara pouco fisicamente. — Por que nunca atendeu minhas ligações? — perguntei sem filtrar as palavras, mas eu estava morrendo de vontade de saber.

Ela me olhou com surpresa. — Achei que você não se lembrava direito do que aconteceu.

— Eu menti — retruquei imediatamente. — Lembro de todos os detalhes e não houve um dia em que não tenha pensado em você, Harper.

Ela ergueu a sobrancelha, furiosa. — Estava pensando em mim quando beijou sua namorada um dia depois de trepar comigo? — perguntou ela em tom direto.

— Sim — respondi, sabendo que não soara bem. Mas não me importei.

Eu nunca mais mentiria para Harper nem tentaria evitar a verdade se ela perguntasse.

Nós dois tínhamos passado por doze anos de mentiras e desentendimentos. Talvez fosse melhor se tudo tivesse sido esquecido, mas isso me torturara mais do que eu queria admitir, e teria que terminar.

O fato de não poder dizer a ela que eu não era Marcus estava me matando e ter que mantê-la achando que era meu irmão me contorcia as entranhas. Mas não ousei dizer nada naquele momento sobre o fato de que não fora Marcus quem tocara nela. Não fora o meu irmão que tivera o privilégio de ser o primeiro homem dela.

Apenas uma vez, eu queria ouvi-la dizer meu nome em voz alta e reconhecer quem exatamente a fizera gozar de forma tão intensa naquela noite doze anos antes.

Mas eu não podia. Não com a vida da irmã dela em risco. Marcus precisava encontrar Dani sem que ninguém soubesse que ele não estava ali.

Sem dúvida, ele já estava no Oriente Médio e provavelmente seria seguro confessar, mas eu precisava fazer isso em um ambiente seguro. Odiei a enganação e não pude culpar Harper por me odiar. Doze anos antes, se tivesse visto Harper com outro homem logo depois de termos ficado juntos, provavelmente teria tido um ataque histérico.

Harper obviamente não confrontara Marcus na época nem dissera nada.

Ela simplesmente desaparecera em silêncio, como fizera quando eu a vira no jantar de mamãe. Eu *não* a vira ir embora, mas tivera que usar todas as minhas forças para não tentar descobrir onde ela estava para ir atrás.

— Onde está sua namorada agora? — perguntou Harper. — Não sei.

Nem me lembro do nome dela. — Era verdade. Marcus tivera tantas namoradas que eu não conhecera a grande maioria delas.

Manter mulheres *não* era o forte dele. Nenhuma mulher, para ele, fora mais importante do que os negócios. E não demorava muito para que as mulheres dele percebessem que os outros interesses de Marcus vinham em primeiro lugar.

Harper deu de ombros. — Não importa. Foi há muito tempo e não há mais nada entre nós.

— Mentira — desafiei com voz rouca. Havia faíscas por todo lado e eu me perguntei se uma delas acenderia a chama entre nós que explodiria o hotel inteiro. — Está saindo com alguém?

Observei enquanto ela brincava com o que restara do pão até que finalmente o colocou no prato. — Não sei se isso é da sua conta. Vim aqui

pedir a sua ajuda para encontrar a minha irmã.

— Diga-me mesmo assim.

— Não que seja da sua conta, mas não, não estou saindo com ninguém.

Meu corpo relaxou. — Obrigado. Se significa alguma coisa, também não estou em nenhum relacionamento.

— Não significa — retrucou ela em tom direto. — Não importa mais.

Só quero me concentrar em encontrar Danica.

— Importa, sim — respondi.

— Marcus, não dou a mínima para nada do que você faz ou tem além da capacitação para resgatar minha irmã — disse Harper em tom gelado. —

Você ainda se sente atraída por mim. Não importa quanto tempo se passou

— disse eu em tom confiante. Eu quase conseguiria cortar a tensão entre nós com uma faca e certamente não era devido ao fato de ela me odiar.

Vi quando ela engoliu em seco, tentando esconder esse fato. Mas eu sabia muito bem que não sentia aquela atração sozinho, como soubera disso doze anos antes.

Eu só queria que ela admitisse. Precisava ouvi-la dizer.

— Eu lhe disse, quando conversamos sobre Dani, que não sentia mais nada por você. Não podemos só deixar isso no passado?

— Não — respondi em tom de teimosia.

Ela vira *Marcus* daquela vez. Ela falara com *Marcus*. Agora que estava falando comigo pela primeira vez em mais de uma década, eu sabia que ela sentia que era diferente. Eu conseguia sentir isso. Eu não tivera certeza quando a vira no jantar algumas noites antes porque estivera ocupado demais tentando esconder minhas emoções, mas conseguia sentir agora a

conexão. Eu aprendera bem a ler a linguagem corporal na minha carreira política. Ela estava... nervosa. O tipo de nervosismo que uma pessoa sentia quando se sentia atraída por outra pessoa, mas não queria reconhecer.

— Acabei. — Ela se levantou e virou-se em direção aos elevadores que levavam aos quartos.

Eu estava logo atrás dela quando ela entrou no único elevador aberto.

Harper bateu com força no botão de seu andar, encarando-me friamente quando me recostei na parede do elevador e cruzei os braços.

— Saia — exigiu ela.

Sorri para ela quando as portas começaram a fechar. — Não até que me diga a verdade.

— Já disse.

O perfume sedutor dela me deixou louco e encurralei-a em um canto quando as portas se fecharam.

Minha paciência estava no fim e preendi-a, colocando um braço em cada lado de seu corpo. — Não me diga que não me quer mais. Não acredito, caralho. — Minha respiração estava pesada quando acariciei o lado do rosto dela, inalando um perfume que nunca conseguira esquecer. — Diga —

rosnei, com o pênis lutando para se livrar dos confins da calça *jeans* que eu vestia.

— Não.

Beijei a têmpora dela e deixei que meus lábios passeassem pela curva de sua mandíbula, praticamente afogando-me na essência irresistível dela.

— Vá embora. — Ela empurrou meu peito, mas não saí do lugar.

As bochechas dela estavam vermelhas e eu tinha certeza de que era por uma mistura saudável de raiva e desejo. — Ainda quero você, Harper.

Talvez ainda mais do que queria anos atrás.

— Não quero isto. Não quero você — gritou ela, soando desesperada.

Finalmente encostei meus lábios nos dela, mas bem de leve. — Ainda estou esperando. — Merda! — Ela enterrou os dedos nos meus cabelos e puxou minha cabeça para baixo. — Por algum motivo, quero você agora, mas não queria quando o vi pela primeira vez. E eu me odeio por isso —

disse ela sem fôlego.

Meu coração batia com força no peito depois de finalmente ouvi-la dizer que me queria, mesmo que não fosse exatamente de forma elogiosa.

Ora, eu aceitaria o que pudesse conseguir e não esperaria mais um instante para tomar aquela boca maravilhosa.



Capítulo 5



Harper

Ele parou a poucos milímetros dos meus lábios trêmulos, recusando minha persuasão por apenas um instante. Senti a respiração pesada dele sobre minha boca ansiosa quando ele resmungou: — Esperei doze malditos anos por isso.

Apesar de provavelmente nem perceber, eu também esperara e não conseguiria aguentar mais um segundo. Cada centímetro da minha pele estava arrepiada quando Marcus tomou minha boca, com o corpo rígido pressionando o meu com um abraço insistente.

Ele exigiu. Ele tomou. Sem misericórdia.

Não que eu quisesse exatamente alguma coisa, exceto o beijo selvagem que ele me dava no momento. Eu me abri para ele, passando os braços em volta de seu pescoço e agarrando-me ao seu corpo grande como se fosse um salva-vidas... o que era exatamente o que ele era no momento. O objeto grande que me mantinha flutuando.

Eu não conseguia pensar.

Não conseguia nem mesmo ficar de pé sem ele. Coloquei as mãos nos ombros dele para me equilibrar.

Um gemido escapou da minha boca e vibrou contra a dele quando ele passou os braços em volta de mim, apoiando-me com mais segurança. Em seguida, explorou minhas costas e finalmente deixou as mãos repousarem no meu traseiro.

Deixei que meus dedos invadissem novamente os cabelos densos dele.

A razão partiu do meu cérebro quando o calor ardente entre nós explodiu.

Nossas línguas duelaram para ter controle e não me importei com quem ganharia. Eu só... o queria. Como não conseguia chegar perto o suficiente, eu me contorci contra ele, sem acreditar que era real.

Eu sentira falta de me sentir assim. Sentira falta das chamas que ele acendera no meu corpo e na minha alma.

Somente Marcus conseguia me fazer esquecer que eu o odiava e transformar-me em uma poça derretida sem cérebro.

Esforcei-me para respirar quando ele afastou a boca da minha para explorar a pele sensível do meu pescoço. Inclinei a cabeça, implorando silenciosamente por mais, como uma viciada que não conseguia se satisfazer.

Não posso fazer isto! Não posso deixar meu corpo superar o bom senso, merda!

Nós dois nos assustamos quando as portas do elevador se abriram e exclamações altas encheram o ar.

Empurrei o peito dele com força e, relutantemente, ele deu um passo atrás. Mortificada, vi o casal idoso do meu andar esperando o elevador. O

homem e a mulher grisalhos nos encaravam horrorizados. — Ai, meu Deus.

Desculpe. — Abaixei a cabeça, dei a volta no casal obviamente chocado e andei rapidamente em direção ao meu quarto. Eu precisava me afastar para pensar. Não conseguiria ficar perto de Marcus sem perder a cabeça. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas precisava de espaço para descobrir.

— Harper! Espere! Harper — gritou Marcus ao sair correndo subitamente do elevador e seguir-me, finalmente segurando meu braço quando botei a mão no bolso para pegar o cartão para abrir a porta do meu quarto.

— Pare! — respondi, odiando a nota de súplica na minha voz.

Apesar da minha satisfação depois do nosso primeiro encontro porque eu não sentia nada, percebi que *ainda* era vulnerável a Marcus. Eu odiava a perda de controle que sentia quando ele chegava perto demais.

Eu estava confusa, espantada pelo fato de minha atração ter surgido de forma tão intensa naquela manhã, apesar de não ter sentido absolutamente nada quando conversara com ele pela primeira vez.

O que estava acontecendo comigo?

— Não vou pedir desculpas — disse ele, tirando o cartão da minha mão e segurando-o. — Eu precisava daquilo havia anos.

— Então não peça. Só me deixe em paz, caralho. — Ele não tinha motivos para brincar comigo agora. — Vá se divertir em outro lugar. Tenho certeza de que há muitas mulheres que caíam aos seus pés.

Como eu tinha acabado de fazer! E eu estava odiando-me com todas as forças. Mas, agora que a razão voltara, jurei não ficar vulnerável àquele homem de novo. Talvez fossem apenas lembranças antigas que estavam

mexendo com a minha cabeça. Não podia ser *ele*. Não havia nada que eu odiasse mais do que um cara que não conseguia manter o pênis dentro das calças. Marcus era a epítome de um jogador e um triste erro que eu cometera quando saíra da adolescência.

Ele era tudo o que eu não gostava em um homem: um traidor frio e implacável que só queria fazer sexo.

— Você não é *qualquer* mulher. Acho que sabe disso — comentou ele em tom gutural.

Peguei de volta minha chave. — Não sou mais nada para você, Marcus.

Nunca fui.

Abri a porta, pretendendo batê-la na cara dele, mas ele me seguiu de perto.

— Saia — exigi, sentindo lágrimas de frustração surgindo nos olhos.

Eu o odiava, mas não conseguia ignorar a atração que ainda sentia.

A última coisa que eu queria era querê-lo. Quando eu dissera a ele que me odiava por isso, fora totalmente sincera.

Que mulher não se odiaria por cair duas vezes na mesma armadilha?

Eu demorara anos para parar de pensar nele todos os dias. Não pretendia que isso acontecesse de novo.

— Ainda não. Só me escute, por favor — disse ele em tom calmo, como se estivesse tentando falar com uma criança.

— Não tenho nada a dizer. E nada que você tenha a me dizer mudará o fato de que eu o odeio.

— Você me quer. — Ele cruzou os braços sobre o peito e ergueu a sobrancelha, como se estivesse desafiando-me a negar o que dizia.

Recostei-me na porta, forçando-a a fechar enquanto o encarava. — E

daí? Você é um cara atraente. Isso o deixa feliz? Não significa que eu goste de você.

— Mas me deixaria trepar com você.

Eu me encolhi. Ele tinha razão. Eu estava tão afetada pela forma como ele avançara sobre mim mais cedo que provavelmente teria implorado, momentos antes, para que me satisfizesse. — É só o que quer? Como na última vez? Uma mulher com quem trepar só porque pode?

Marcus soltou um suspiro frustrado e correu a mão pelos cabelos. —

Não, porra. *Não* é só o que eu quero.

— A essas alturas, achei que você já estaria fora do país tentando resgatar minha irmã. Não espere que eu venda meu corpo em troca da sua ajuda. — *Foi isso que ele pensou? Que eu treparia com ele para salvar Dani?* Se ele achara que conseguiria dar uma rapidinha antes de partir em busca da minha irmã, estava louco.

Com Marcus, era difícil dizer *o que* ele estava pensando. Mas eu não conseguia pensar em nenhum motivo racional para ele estar forçando a atração que tínhamos.

De forma realista, não havia nada que eu não faria para salvar minha irmã. Se isso significasse me envolver em um mundo de dor novamente, eu provavelmente iria em frente. Mas nunca que deixaria Marcus saber que estava disposta a fazer o que ele quisesse se trouxesse minha irmã de volta.

— Não é o que estou pedindo — resmungou ele. Em seguida, ele andou até o bar na pequena sala de estar da suíte e serviu um drinque para si mesmo.

Suspirei e coloquei a chave e a minha bolsa sobre uma mesinha ao lado do sofá. Com medo das emoções que Marcus parecia fazer brotar em mim sempre que chegava perto dele, sentei-me em uma cadeira o mais longe possível do bar.

— Quer uma bebida? — perguntou ele baixinho, virando-se por um momento para olhar para mim. Balancei a cabeça negativamente, sem confiar na minha voz.

Infelizmente, o quarto era pequeno demais. Observei-o cuidadosamente enquanto ele sentava no sofá à minha frente, com apenas uma mesinha entre nós.

Esfreguei as palmas suadas na calça *jeans* ao perguntar nervosamente:

— Então o que está fazendo? O que quer? Onde está minha irmã?

Ele balançou a cabeça negativamente e tomou um gole do uísque que segurava. — Não sei. Sinceramente, não sei.

— Achei que conseguiria localizá-la. Você tem os contatos e sua equipe já está montada, certo? — Eu não conseguia entender a falta de urgência dele. Dani podia estar, e provavelmente estava, em perigo.

Ele assentiu. — A equipe já está lá, Harper. Podem estar resgatando Dani agora mesmo. Não recebi nenhum relatório do andamento.

Balancei a cabeça, confusa. *Como o resgate podia estar acontecendo quando Marcus não estava lá para liderar a equipe?* — Não entendi. Você é o líder da equipe. Tive a impressão de que iria com os outros.

O pânico subiu para minha garganta, dificultando a fala.

— Não há motivo para eu estar lá. Na verdade, eu provavelmente estragaria toda a missão.

— Você *precisa* estar lá — disse eu, com a respiração rápida devido à ansiedade. — Eles precisam de você. Minha irmã precisa de você.

— Eles precisam de *Marcus* — respondeu ele calmamente.

Eu o encarei, perguntando-me por que ele se referia a si mesmo na terceira pessoa. — Sim... eles precisam de *você*.

Observei o rosto dele, que refletiu uma variedade de emoções, até que ele disse com cuidado: — Harper, preciso lhe dizer uma coisa. E preciso que saiba que a segurança de Dani depende de como vai reagir à informação.

Ele parecia tão sério que assenti devagar. — Farei o que puder para ajudar minha irmã. Você deveria saber disso. Foi por isso que eu o procurei, para começo de conversa.

— Você procurou *Marcus*.

Ora, pelo amor de Deus. Ele estava começando a parecer um louco. —

Ok. O que é? Diga-me. — Se tinha a ver com a minha irmã, eu queria saber.

Ele soltou um longo suspiro quando os olhos prateados encontraram os meus, mantendo-me cativa por um instante. Em seguida, ele soltou três palavras que inicialmente não fizeram sentido para mim.

— Não. Sou. Marcus. — O quê?

— Sou Blake Colter. Não sou Marcus.

As palavras dele deixaram meu mundo de cabeça para baixo quando finalmente entendi exatamente o que ele dizia.



Capítulo 6



Harper

Não sou Marcus.

Obviamente, as palavras de Blake faziam sentido. Eu conhecia a família Colter desde a infância, apesar de não muito bem, mas claro que sabia que Blake e Marcus eram gêmeos idênticos. Eu vi os dois juntos apenas alguns dias antes, na casa de Aileen.

Eu só não esperara que um fosse o outro, bagunçando meu cérebro.

Ele continuava falando enquanto minha mente tentava acompanhar. —

Você falou primeiro com Marcus. Ele não está aqui, foi procurar sua irmã.

Ele montou uma equipe e teve que contar ao meu irmão, Tate, sobre a OPR

porque precisava de um piloto muito bom. Tate ocupou a vaga e é o melhor que existe para pilotar qualquer coisa que voe. Porém, a especialidade dele são helicópteros, que é o que Marcus precisa agora. Eles já estão do outro lado do oceano.

Balancei a cabeça. — Não entendi. Por que você não negou que era Marcus?

Ele tomou outro gole. — Porque eu sou um disfarce. Os inimigos de Marcus sabem da existência da OPR e ele é frequentemente observado para ver se reuniu a equipe de novo. Ele precisava de tempo para sair do país.

Ainda precisa. Eu o ajudei antes e estou ajudando novamente porque quero que ele tenha todas as vantagens que conseguir para resgatar sua irmã. Eu não quis dizer nada lá embaixo. Não sabia como você reagiria.

A ficha finalmente caiu e eu o encarei chocada. — Você e Marcus trocam de lugar? Então eu pedi ajuda ao verdadeiro Marcus?

— Sim.

— Eu dormi com você? — Eu tinha que perguntar aquilo, mas, de alguma forma, já sabia qual seria a resposta dele.

— Sim. Você só me chamou de Colter naquela noite doze anos atrás.

Eu não sabia que você não sabia que eu era Blake até que saiu correndo do carro na casa dos seus pais. Pensei em segui-la, mas também sabia que você precisava de tempo para resolver as coisas com seu pai e sua mãe. Portanto, esperei que me telefonasse. — Ele fez uma pausa para beber o resto do uísque. — Mas você nunca telefonou.

Ai, meu Deus, então isso significava...

— Eu vi o verdadeiro Marcus com a namorada dele?

Ele assentiu. — Eu provavelmente estava em casa, ainda esperando que você entrasse em contato comigo.

Minhas mãos tremiam quando eu as contorci nervosamente.

Fazia sentido... agora. Mas eu reagira de forma tão intensa quando vira Marcus tantos anos antes que nunca considerara o irmão gêmeo dele. —

Você poderia ter me telefonado. Tinha o meu número.

— Eu telefonei. Muitas vezes, como tenho certeza de que você se lembra. Antes de voltar para a universidade doze anos atrás, fui até sua casa. Não me lembro de toda a conversa, mas Dani basicamente me disse que você me odiava porque menti. Eu achei que você sabia na época que eu era, na verdade, o irmão gêmeo de Marcus e que estava furiosa. Ela bateu a porta na minha cara antes que eu conseguisse entender a história toda. Sua irmã disse que você tinha ido embora.

Suspirei. — Eu tinha. Fui embora para a Califórnia. Eu decidira o que queria fazer da vida e quis conferir o programa de arquitetura de Berkeley.

Dani sabe o que aconteceu e estava comigo quando vi sua mãe, Marcus e a namorada dele.

— Foi o que imaginei — respondeu ele estoicamente, colocando o copo vazio sobre a mesinha à sua frente.

Tudo o que eu achava ser real subitamente mudara e eu me senti enjoada ao ouvir a verdade. — Achei que você só estivesse brincando comigo. Éramos

muito jovens.

Ele me lançou um olhar decepcionado que me deixou ainda mais enjoada.
— Eu nunca faria isso, Harper. Aquela noite significou muito para mim.

Meus olhos ficaram úmidos com lágrimas quando percebi como o julgara mal quando ele não tinha culpa de nada, exceto de um mal entendido. E, sinceramente, não atender ao telefone quando ele ligara tantas vezes fora culpa minha. — Desculpe — disse eu em uma voz que mal passava de um sussurro. — Não se desculpe. Éramos garotos bobos. Eu deveria ter falado com você pessoalmente.

Abri um sorriso fraco. — Fiz com que fosse difícil me encontrar. —

Você não atendeu ao telefone — resmungou ele.

— Eu não podia. Estava... magoada.

— Achei que não queria falar comigo.

— Eu não sabia que você não estava saindo com uma morena linda logo depois que nos separamos — respondi fracamente.

— Não sei como não percebeu que eu era louco por você — respondeu ele, com a voz soando ligeiramente magoada.

— Eu não sabia — confessou ela.

Se eu tivesse sabido na época o que sabia agora, teria procurado Blake.

Só eu sabia como demorara para parar de reviver aquela noite com ele, todos os dias, por anos.

Finalmente, absorvi a verdade. *Eu dormira com o senador dos EUA, Blake Colter, não com o irmão dele, Marcus.* Havia tantas perguntas que eu queria fazer agora que não tinha nenhum motivo real para odiá-lo. Ele tentara entrar em contato comigo e meus sentimentos tinham sido bem radicais na época. Durante anos, eu tentara não me lembrar de como me sentira traída

pelo primeiro homem a me mostrar um prazer sensual e uma intimidade que nunca mais tivera.

— Blake — murmurei, só para ouvir o nome dele saindo dos meus lábios, testando qual era a sensação de dizê-lo.

— É a primeira vez que você diz meu nome desde que éramos crianças

— respondeu ele com um sorriso.

— Eu fui má com você — admiti relutantemente.

— Sim. Eu gostava mais de Dani naquela época. Ela era mais simpática.

Sorri de volta para ele. — Ela sempre foi. Fugir sempre era uma experiência esclarecedora para mim. Fui uma garota mimada.

— Não espere que eu discuta — retrucou ele com voz divertida.

— Não espero. — Eu sabia exatamente como fora escrota antes de descobrir que o mundo não girava em torno de mim aos dezoito anos. Tudo era sobre mim. Pensar em como eu me comportara quando criança, e depois na adolescência, fez com que eu estremecesse de terror. — Eu cresci —

assegurei a ele.

— Lindamente — disse ele em tom suave.

Meu rosto ficou vermelho quando os olhos dele me estudaram de cima abaixo. Eu não passara muito tempo na última década preocupada com a aparência nem tentando fisgar um cara. Meu foco fora inteiramente na minha carreira e na minha causa para ajudar os sem-teto.

— Então, o que faremos agora? — perguntei, sentindo-me perdida. —

Passei doze anos odiando você. Bem, odiando Marcus, acho. E, subitamente, tudo o que achei que era certo estava errado. Na verdade, Marcus mal me conhece. E tenho certeza de que você também me odiou, já que nunca fez nada de errado.

— Eu nunca odiei você, Harper.

— Por quê? Para você, eu o dispensei.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Achei que estava furiosa ou decepcionada por eu não ser Marcus. Acho que tinha o direito de se sentir assim. Eu nunca lhe disse a verdade. Mas nunca me ocorreu duvidar de que você sabia quem eu era até me chamar de Marcus logo antes de entrar correndo em casa no dia em que voltamos de Denver. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Acho que estive... esperando.

— Por...? — Eu queria saber a resposta dele. — Por você. Por outra chance.

A resposta dele me deixou desnorteada. Eu não sabia o que dizer nem no que acreditar. — Já se passaram doze anos, Blake. Foi apenas uma noite.

— Talvez, para mim, tenha sido o suficiente. Eu lhe disse que aquela noite foi especial para mim. Talvez eu não estivesse conscientemente esperando que você voltasse, mas acho que uma parte de mim sempre teve a esperança de que a veria de novo.

Uma única lágrima correu pelo meu rosto e fiquei triste pelo que poderia ter acontecido se eu não tivesse tirado conclusões precipitadas ou se

tivesse atendido apenas a um telefonema dele. Eu sabia que não poderia ter um relacionamento sério com ele, mas talvez tivéssemos virado amigos.

Talvez a amargura entre nós pudesse ter sido resolvida anos antes. — Não sei o que dizer.

— Não peça desculpas novamente — pediu ele. — Não tem nada do que se desculpar. Não percebi o que tinha acontecido até que Marcus me contou o que você disse a ele, que o vira com outra mulher. Eu teria ficado magoado na época e tenho certeza de que foi doloroso para você.

Assenti ao limpar a lágrima do rosto. — Foi, sim. Acho que foi porque você foi meu primeiro.

— Você nunca entenderá como isso foi importante para mim nem o quanto fiquei destruído por não querer mais falar comigo — respondeu ele com voz rouca. — Eu queria que fosse você — disse eu em voz muito baixa. — Eu sabia que os sentimentos eram certos. Nunca me arrependi, Blake.

— Mesmo quando achou que eu estava brincando com você? —

perguntou ele.

— Não tanto pelo *que* aconteceu, mas *por quê* — admiti. — Talvez eu tenha ficado destruída quando achei que não era o homem que imaginei que fosse. E achei que meu julgamento fora péssimo, mas nunca me arrependi do que aconteceu. Estava tudo lá. O prazer. As emoções. A pura alegria da intimidade com você.

— Para mim também — disse Blake com voz rouca. — Bem no fundo, você tinha que saber disso.

Dei de ombros. — Não acho que tive vontade de cavar mais fundo depois de ficar tão magoada por ver você com outra mulher. Mas fico feliz por saber disso agora. Nunca me arrependerei de você ter sido o meu primeiro. Você foi perfeito.

Ficamos em silêncio e observei quando Blake serviu outra bebida, tomou um gole e colocou o copo sobre a mesinha.

Finalmente, ele perguntou: — Então, diga-me por que decidiu tentar salvar prédios históricos e incorporá-los em projetos de instalações novas?

O que, diga-se de passagem, é algo brilhante.

Logo depois de me formar em arquitetura, meu nome aparecera quando eu fizera um projeto que salvara o charme de um prédio histórico, mas

ainda permitindo construções em volta dele para completar uma estrutura necessária para o progresso da empresa.

História versus progresso.

Como a empresa era internacionalmente grande, meu projeto ficara bem conhecido. De forma não intencional, eu passara a ser a arquiteta a ser procurada por grandes empresas que queriam manter parte de sua história, ao mesmo tempo em que adicionavam as novas instalações necessárias.

Expliquei o início da minha história enquanto ele escutava atentamente.

— Você sabe que seu trabalho de caridade também é bem conhecido —

comentou Blake depois que terminei de contar a ele sobre minha carreira como arquiteta.

— São só prédios. — Eu construía abrigos para os sem-teto e apoiava-os sempre que podia. — Não é como se eu precisasse do dinheiro e não preciso de muito para me sentir feliz. Deixei aquela adolescente mimada para trás há muito tempo.

Sinceramente, eu me sentia mais satisfeita em saber que ajudara algumas pessoas a passarem a noite secas e aquecidas do que por ter todo aquele dinheiro no banco. Meus pais tinham sido ricos como os Colters e tinham deixado tudo para mim, Danica e nossos três irmãos.

Nossos irmãos tinham usado o dinheiro deles para iniciar carreiras rentáveis, enquanto que eu e Danica tínhamos escolhido trabalhos que nos deixavam felizes.

— Não faça de conta que não é nada — insistiu Blake. — A maioria das pessoas ricas não se importa nem um pouco com os miseráveis.

Eu sabia que o que ele dizia era verdade. Algumas se importavam.

Outras não. Eu só era uma pessoa rica que se *importava*. — A maioria das pessoas ricas também não se importa com o serviço do governo, a não ser que as beneficie — destaquei. — Você também faz coisas boas, Blake.

Ele sorriu para mim. — Talvez. Quando não estou com vontade de esmagar algumas cabeças. É frustrante.

Considerando o clima político, eu tinha certeza de que a atmosfera em Washington podia ser tudo, menos agradável. — Eu teria ficado feliz se você tivesse conseguido convencer os membros do congresso que não aprovaram os fundos para atendimento psiquiátrico para os sem-teto — comentei em tom leve.

— Eu tentei — respondeu ele irritado. — A maioria das pessoas tem outras prioridades.

Infelizmente, ele fazia parte da minoria que não se opusera àqueles fundos. — Continuaremos tentando fazer com que sejam aprovados —

disse eu, fingindo um tom de advertência.

— Ajudarei você no que eu puder — prometeu ele.

Fiquei surpresa ao perceber como nossa conversa ficara confortável, como dois amigos que se conheciam novamente.

O problema era que nunca tínhamos sido amigos de verdade. Éramos apenas duas pessoas que tinham recebido prazer uma da outra quando éramos jovens e cheios de hormônios.

Agora, eu era adulta e estava com muito medo de que minha irmã nunca voltasse para casa. Incapaz de evitar o assunto por mais tempo, perguntei em tom ansioso: — Acha que Marcus e Tate conseguirão mesmo ajudar Dani?

Percebi o medo na minha voz, uma incerteza que não era natural em mim.

Os olhos cinzentos dele ficaram mais escuros. — Eles tentarão tudo o que puderem para tirá-la de lá se ainda estiver viva.

Aquela era a verdade possível que eu não queria ouvir, a única que não conseguia aceitar. — Ela não pode estar morta.

Eu disse aquelas palavras porque queria desesperadamente que fossem verdade.

Blake se levantou e sentou-se ao meu lado, pegando-me nos braços como se fosse algo perfeitamente natural. — Espero que não esteja.

O tom reconfortante na voz dele finalmente fez com que eu desmoronasse. Eu me preocupara durante semanas, imaginando se Danica ainda estava viva. A ferida no meu coração finalmente abriu e eu chorei.



Capítulo 7



Blake

Eu me senti impotente, pois só o que podia fazer era segurar Harper nos braços enquanto ela botava para fora com as lágrimas todo o medo que sentia pela segurança da irmã.

Ora, eu não podia prometer a ela que Danica ainda estava viva. A correspondente internacional estava em um mundo em que ninguém se importava se ela tivesse a cabeça cortada e derramasse todo o sangue na terra. A irmã de Harper convivia com aquele tipo de brutalidade e aquela realidade todos os dias enquanto enviava informações de alguns dos destinos mais hostis da Terra.

A única esperança que eu podia dar à mulher nos meus braços era algo pequeno. — Não há notícia oficial da morte dela. Se os rebeldes a tivessem matado, acho que já seria de conhecimento público. Telefonei para todos os agentes governamentais que conheço para ver se descobria alguma coisa.

Não há nada, Harper. Nem uma única palavra sobre o destino dela. No momento, isso é, na verdade, algo bom.

Os soluços desesperados dela pararam e ela deitou contra meu peito ao perguntar tremulamente: — Você telefonou?

— É claro — respondi calmamente.

— Obrigada por ajudar. Você não precisava se envolver. Nem seus irmãos.

— Eu queria que tivéssemos recebido alguma coisa dos imbecis que a levaram — respondi irritado.

Para minha decepção, ela endireitou o corpo e limpou as lágrimas do rosto.
— Não ouvi dizer nada desde que interromperam as comunicações.

Isso me preocupa.

Isso também me deixava com muito medo, mas eu não pretendia dizer isso a Harper. Aquele sequestro não viera a público e eu esperava que continuasse assim. Eu queria que Marcus e Tate conseguissem entrar e sair de lá bem depressa. A melhor chance de Dani era uma missão clandestina que não atraísse atenção nenhuma para o incidente. — Vou ter notícias de Marcus em breve — disse eu, mantendo o braço em volta do corpo trêmulo dela.

Eu odiava aquela situação. Odiava ver Harper preocupada e triste. — E

se ele não conseguir entrar em contato? Pode ser uma área remota. — Ele tem um dos melhores telefones via satélite que existem.

Meu irmão tinha um telefone via satélite que funcionava praticamente em qualquer lugar.

Além de sempre correr atrás de adrenalina, Marcus adorava seus brinquedos de espião.

Senti o corpo de Harper relaxar. — Ok. Então vamos esperar.

Sinceramente, eu preferia estar lá, com a equipe, em vez de esperar, mas tinha um papel a desempenhar no resgate de Dani. — Toda a minha família sabe o que Marcus está fazendo. Sabem desde o momento em que trocamos de lugar. Podemos ser idênticos, mas nossa mãe e nossos irmãos sabem nos diferenciar. Fora da família, seria melhor se ninguém soubesse que não sou meu irmão gêmeo.

— Não direi uma palavra, prometo — disse ela com a voz forte e determinada. — Eu faria qualquer coisa para salvar Dani.

— Incluindo vender seu corpo? — perguntei, mais do que apenas um pouco irritado por ela sequer ter considerado isso como possibilidade. Mas obviamente considerara, já que mencionara o assunto de forma sarcástica.

— Sim, se necessário — respondeu ela firmemente. — E, para minha defesa, achei que você fosse Marcus. Eu não sabia o que você queria.

Suponho que nunca mais encontrou outra virgem detestável?

— Ninguém mais me ofereceu a virgindade desde que você me usou —

brinquei, tentando fazer com que ela sorrisse. Ela estava tão triste que eu queria distraí-la.

— Não usei você — respondeu ela indignada.

Eu ri, um som alto que não saía da minha boca por um longo tempo.

— Achou mesmo que eu conseguiria resistir quando você praticamente se enrolou em mim seminua? Eu tinha vinte e dois anos.

— Eu estava vestindo uma das *suas* camisas — retrucou ela na defensiva.

— Sim. E praticamente mais nada — relembrei.

— Ok, talvez eu fosse um pouco inexperiente — admitiu ela relutantemente.

— Tem certeza de que não se arrepende? — Merda! Eu não perguntara isso antes porque não tinha certeza se queria ouvir caso a resposta dela mudasse. Mas, por algum motivo estranho, era importante ouvi-la dizer mais uma vez que não se arrependia.

— Não.

A voz dela era firme e certa. Soltei um suspiro longo que não percebi que estivera segurando.

— Ótimo. — Eu estava muito feliz por ela não ter mudado a resposta.

— E você? — perguntou ela em tom hesitante.

— Não, Harper. Na época, eu me considerei o idiota mais feliz do planeta.

— E agora?

Sorri para ela. — Ainda me considero o idiota mais feliz do planeta por ter sido seu primeiro.

— Fico feliz por ter sido você — disse ela em tom solene.

Obviamente eu não poderia dizer que Harper fora a única mulher que eu tivera. Eu fora um tarado antes de conhecê-la. Mas poderia dizer que estar com ela me mudara profundamente. Depois de Harper, e da forma como eu me sentira com ela, nenhuma outra mulher conseguiria tocar minha alma da mesma forma.

Emoções diversas invadiram meu coração, apertando-o como se estivesse em um torno, quando pensei em Harper com outro homem. Não importava se tinham se passado doze anos sem que eu a visse.

O que diabos me fazia sentir como se ela pertencesse a mim só porque uma vez eu a fizera gritar e tremer em um clímax violento?

Vê-la novamente estava fazendo com que eu perdesse o juízo.

Eu me levantei subitamente, preocupado de não conseguir controlar meus instintos de homem das cavernas e arrastar Harper como um prêmio.

Putá merda! Eu era um servidor público respeitado e a única coisa em que conseguia pensar era deixar Harper nua e mantê-la só para mim.

— Preciso voltar para minha casa. Tenho algumas coisas com que preciso lidar. — Na verdade, eu não tinha absolutamente nada a fazer naquele momento, exceto agir como Marcus. Mas ficar perto de Harper era perigoso para mim.

Eu me sentia um homem completamente diferente quando estava perto dela, mesmo não sendo uma pessoa possessiva. Ora, eu nem *achara* que um dia a veria de novo. Agora, eu lutava contra emoções que nem sabia que existiam dentro de mim.

Era algo muito assustador perceber que eu tinha traços de personalidade que nunca vira antes.

Harper estava emocionalmente exausta e preocupada com Danica.

Aquele *não* era o momento de pensar em transar com ela até que gritasse meu nome. E merda... eu queria muito ouvir isso. Eu precisava dela como se fosse uma droga e tudo dentro de mim queria ouvir meu nome enquanto transássemos até estarmos saciados e exaustos demais para fazer qualquer movimento.

Ela saltou do sofá. — Blake?

Meu peito doeu quando ela disse meu nome em voz alta. — Sim? —

Obrigada — disse ela em tom suave.

Eu não queria que ela me agradecesse. — Você não precisa me agradecer por eu fazer a coisa certa.

— Acho que preciso — murmurou ela, chegando mais perto e dando um beijo leve na minha bochecha.

Cerrei os punhos, mantendo-os ao lado do corpo, quando tudo o que eu queria era prendê-la contra a parede e fazer sexo selvagem. Harper me fazia sentir um pouco insano e eu não sabia se conseguiria controlar meus instintos primitivos.

— Ficarei em contato — respondi quando me afastei abruptamente.

— Pode deixar que não vou entregar sua identidade. — Ela hesitou por um momento antes de perguntar: — Você está bem?

Virei-me para olhar para ela. — Sim. Por quê? — Você parece...

desconfortável.

Talvez seja porque quero transar com você mais do que quero respirar!

Eu certamente não diria isso a ela naquele momento. — Estou bem.

Acho que só queria que você... me conhecesse.

Pelo menos, aquilo era verdade. Ela sempre me vira como Marcus. Eu amava meu irmão, mas não queria *ser* ele. Muito menos para Harper.

— Eu sempre conheci *você* — respondeu ela. — Só não sabia o seu nome. Talvez aquilo soasse estranho, mas eu sabia exatamente o que ela queria dizer. E isso fez com que eu me sentisse um pouco mais leve. — Não gosto muito de ser Marcus.

— Aposto que não. Manter sua identidade é um problema quando você tem um irmão gêmeo idêntico?

— Somos diferentes, apesar de parecermos iguais. — Eu sei. Consegui sentir a diferença.

— Então você é uma das poucas que consegue. Todos os outros olham para nós apenas superficialmente e supõem que somos iguais.

Não que houvesse algo de errado com o meu irmão. Na verdade, ele fazia o possível para ajudar o governo sendo um informante da CIA porque achava que era a coisa certa a fazer. De uma forma própria, Marcus fazia um serviço público.

Eu só não gostava quando ninguém nos via como indivíduos separados só porque parecíamos exatamente iguais.

— Vocês *são* diferentes — comentou Harper. — Mas fico grata a vocês dois e a Tate pelo que estão fazendo.

Eu não queria a gratidão dela. Queria algo completamente diferente.

Abri a porta. — Tranque a porta e telefone para o número que tem de Marcus se precisar de alguma coisa. Estou com o telefone dele. Avisarei assim que souber de alguma coisa.

Saí apressado, fechando a porta atrás de mim, mas hesitei enquanto esperava o barulho da tranca. Demorou um momento, mas finalmente ouvi a fechadura sendo trancada.

Andando rapidamente para o elevador, eu sabia que precisava colocar uma certa distância entre eu e Harper antes que perdesse completamente a sanidade.



Capítulo 8



Harper

Ainda sentindo-me confusa e preocupada, eu pegara o casaco e calçara um par de botas reforçadas logo depois que Blake saiu do meu quarto. Eu precisava ir a algum lugar onde não me sentisse confinada com meus pensamentos.

Infelizmente, eu não conseguira escapar do meu cérebro e ainda me sentia igualmente ansiosa várias horas depois, mesmo depois de parecer que tinha caminhado muitos quilômetros.

Eu tinha experiência em trilhas, mas percebi que deixara de lado todas as regras de trilhas e navegação enquanto andava em um transe, sem prestar atenção em nada, exceto nos meus pensamentos mais profundos.

Merda!

Finalmente percebi onde eu estava e observei a neve que ainda permanecia no chão. A primavera estava a caminho, mas ainda não chegara.

Senti frio depois de seguir um caminho que parecia não levar a lugar algum.

Havia pinheiros ao longo da estrada de concreto. Continuei andando quando vi fumaça ao longe, quase certa de que seria a lareira da casa de alguém.

Portanto, devia haver pessoas mais adiante. Continuei andando.

Mesmo depois de horas pensando, eu não estava mais perto de entender como me sentia sobre o fato de Marcus ser, na verdade, Blake, e uma pessoa completamente diferente do que sempre achei que fosse.

Por tanto tempo, eu devorara todas as notícias que conseguira sobre Marcus Colter, sem nunca perceber que era sobre Blake que queria saber.

Por algum motivo, achei que deveria ter sabido que o homem com quem estivera, com quem brincara, que tinha conhecimento íntimo do meu corpo não era Marcus Colter. O gêmeo mais velho era conhecido por nunca ficar com uma namorada por muito tempo. Blake nunca demonstrara ser um mulherengo... apesar de ser um homem maravilhoso. Minha mãe falara dele com afeto. Infelizmente, ela nunca comentara que fora Blake quem fora atrás de mim naquele abrigo. Talvez ela supusesse que eu sabia. Nas poucas ocasiões em que eu o vira na televisão, ele chamara minha atenção. De forma burra, eu ficara atônita ao perceber como ele me lembrava Marcus.

Provavelmente porque foi com ele que eu dormi!

Se eu tivesse dado ouvidos aos meus instintos, teria percebido a verdade? Eu nunca saberia, pois estivera pensando com o coração partido.

Porém, de uma coisa eu estava *certa*: nunca mais confundiria os dois.

Depois de falar com Blake e de ficar perto dele, meu coração sempre o reconheceria dali em diante.

Parei ao olhar para cima, admirando a beleza da casa de madeira imensa à minha frente. Era uma mansão, mas ainda parecia aconchegante.

Eu a observei por um longo tempo, repassando a arquitetura complexa na mente e perguntando-me de quem fora o projeto. Finalmente decidi que era mais importante reconhecer que era uma casa muito grande, mas solitária, no meio do nada. E que eu ainda precisava encontrar o caminho de volta para o *resort*.

Percebi uma sombra pelo canto do olho antes de ouvir os latidos empolgados de um cão. Fiquei tensa ao perceber que o pastor alemão imenso vinha na minha direção depressa, certamente em uma velocidade que eu não conseguiria superar. Eu amava cães, mas não sabia o que esperar daquele pastor alemão.

— Shep! Não! Volte aqui, seu monstro! — A voz feminina chamou à distância, mas o cão parou imediatamente. Em seguida, virou-se com um ganido decepcionado para voltar para a casa.

Avançando, acenei para a bela loira que correra atrás do cão, demonstrando que não pretendia fazer mal algum.

Ela correu na minha direção, parando a poucos passos de mim. — Eu sinto muito. Ele fica muito empolgado às vezes. Você deve ser uma hóspede do hotel. Andou bastante.

A mulher sorriu e soltei uma risada nervosa. — Desculpe. Obviamente, é uma propriedade particular. Acho que me perdi nos meus pensamentos.

O cão enorme se sentou ao lado da linda mulher e olhou para mim com desconfiança.

Estendi a mão para o cão cheirar e senti-me gratificada quando ele lambeu meus dedos, obviamente aceitando minha presença como sendo amigável.

— Está tudo bem — garantiu ela. — Só não vemos pessoas pelos lados de cá com frequência. Sou Lara Colter.

— Esposa de Tate?

Lara me encarou com atenção. — Sim. Como sabe?

Eu sabia que o irmão Colter que fora das Forças Especiais se casara com uma ex-agente do FBI. Meu irmão, Jett, me dava notícias dos Colters, pois fora colega de Marcus durante muitos anos. Ele mencionara o casal improvável de amantes umas ou duas vezes. — Sou Harper Lawson. Minha irmã é o motivo de seu marido não estar em casa agora.

Lara acenou em direção à casa. — Entre, por favor. Vou preparar algo quente para você beber. Parece estar congelando.

Ela se virou e acenou para que o cão voltasse para a casa. Eu a segui.

Estávamos acomodadas na casa enorme quando ela falou novamente enquanto fazia café. Sem saber o que mais fazer, sentei-me à mesa.

— Lamento sobre a sua irmã — disse Lara. — É horrível quando uma pessoa inocente se envolve com a loucura do mundo.

Suspirei. — Seu cunhado, Marcus, disse que Dani sabia no que estava se metendo e que sabia dos riscos. Ele estava certo, ela sabia mesmo. Mas isso não torna as coisas menos difíceis quando ela desaparece.

— Eu também sabia dos riscos quando era agente. Eu os aceitei. Mas isso não significava que eu queria que algum idiota me matasse. Ela faz um trabalho importante. Adoro as reportagens dela. Ela faz mais do que apenas relatar as notícias mundiais. De alguma forma, Danica consegue incluir o elemento humano e o preço que as pessoas pagam.

Eu assenti. — São com essas histórias que ela mais se importa. Ela quer que as pessoas no mundo todo saibam o resultado de qualquer situação ruim. — Vocês duas são muito próximas? — perguntou Lara ao colocar uma xícara à minha frente. Em seguida, ela se sentou com a própria xícara nas mãos.

Observei enquanto ela colocava açúcar e creme no café. Ao terminar, ela empurrou os dois sobre a mesa caso eu quisesse usá-los.

— Somos muito próximas, sim — respondi com sinceridade, balançando a cabeça para a oferta de açúcar e creme. — Ela sempre foi minha melhor amiga, mesmo quando éramos crianças.

— Lamento — repetiu Lara. — Espero que os rapazes consigam trazê-la de volta para casa em segurança. Como você está enfrentando a situação?

Percebi como era bom ter alguém que perguntasse sobre mim. Eu estava tão acostumada a viajar que raramente fazia bons amigos. Dani sempre fora a pessoa para quem eu telefonava quando estava chateada. E, agora, ela não estava lá.

— Bem, na medida do possível, acho. Mas quero muito ouvir alguma notícia.

Lara tomou um gole do café antes de responder. — Não tive notícias de Tate, se tivesse, contaria a você. Sinceramente, não acho que eles farão contato até que descubram alguma coisa. Assim, não chamarão a atenção.

Fiquei ligeiramente aliviada por ela não ter recebido nenhuma notícia ruim. — Sinto-me horrível por ter colocado sua família em perigo. Eu só estava... assustada. Não consegui fazer com que o governo ajudasse porque ela provavelmente teve culpa de entrar no país, apesar das advertências.

— É esse o problema. Não entendo por que ela fez isso — comentou Lara.
— Ela é uma jornalista experiente, apesar de ser jovem.

Dei de ombros. — Também não entendo. Queria entender. Dani sempre foi destemida, mas não é suicida. Ela é cuidadosa e tem bom senso.

— Acha que ela foi levada da Turquia? É um pouco improvável. Eu assenti.
— Concordo. Não acho que ela tenha sido capturada lá. Ninguém mais foi levado, até onde sei. E há uma missão humanitária, onde ela foi vista pela última vez. Estava com eles logo antes de desaparecer.

O telefonema dela daquela área antes de ser sequestrada fora a última vez que eu ouvira a voz da minha irmã.

— Se isso faz com que se sinta melhor, Marcus não precisou obrigar Tate a ir. Na verdade, acho que meu marido estava chateado com Marcus por não ter contado a Tate o que estava fazendo antes com a OPR, sem incluí-lo — disse Lara com um sorriso leve.

— Por que não?

— Tenho certeza de que foi porque Marcus não conseguiria se concentrar se estivesse preocupado com o irmão — comentou Lara. — Mas Tate teria ficado muito feliz se pudesse pilotar novamente nessas missões.

— Ele é tão bom assim? — perguntei curiosa.

— Um dos melhores, e não estou dizendo isso só porque ele é meu marido.

— Tenho certeza de que você não ficou feliz por ele ir com Marcus.

Lara deu de ombros. — Ficarei preocupada, mas concordei que ele deveria ir. Eles precisam tirar sua irmã de lá.

— Meu irmão, Jett, era o técnico de Marcus nas missões até que o último resgate deu errado. Ele ficou muito ferido. Eu nem sabia da existência da OPR até que isso acontecesse. Eles mantêm segredo porque isso lhes dá uma vantagem.

— Sim. Acho que foi por isso que Tate ficou chateado. Ele achou que Marcus deveria ter contado.

— Acho que Jett também deveria ter contado para mim e nossos irmãos. Mas ele não queria correr o risco de que alguém dissesse alguma coisa, mesmo que fosse de forma não intencional.

— Ele está procurando sua irmã?

— Não fisicamente. Ele não pode, nunca se recuperou completamente.

Ele manca agora depois de ter a perna lesionada, mas está tentando conseguir informações.

— O resto da sua família sabe? — perguntou Lara com curiosidade. —

Meus pais morreram em um acidente de carro há alguns anos. Portanto, é apenas eu, Dani e meus três irmãos. Todos eles sabem. Jett contou a eles.

Como se feriu na última missão, não tinha muita escolha. Acho que todos eles estão tentando obter informações de diferentes fontes. Eu não podia esperar mais. Vim pedir ajuda a Marcus quando não conseguimos nada usando métodos convencionais. Eu não sabia que ele nunca falara a ninguém sobre a OPR, exceto Blake. Praticamente todos os disfarces deles foram expostos.

— Somente para alguns dos governos — respondeu Lara. —

Basicamente, as mesmas pessoas que eles não queriam que soubessem de nada. Nosso governo não vazou as informações para o público geral, portanto, Marcus não tinha que contar nada a Aileen nem ao resto da família.

Pensei em como aquela mulher provavelmente estava preocupada com o marido e senti-me culpada. — Desculpe. De verdade, nenhum dos Colters deveria ter se envolvido.

— Não culpo você — retrucou Lara em tom suave. — Se eu tivesse uma irmã, teria pedido ajuda a qualquer pessoa que conhecesse. Se Tate não fosse perfeitamente capaz, acho que eu estaria mais assustada. Mas ele voou em missões perigosas das Forças Especiais. Sabe o que está fazendo e voltará para casa em segurança.

— Obrigada. Não quero ver nenhum deles ferido. — Então, você sabe o papel de Blake, certo?

— Que ele está fingindo ser Marcus como distração? — questionei, quase certa de que era isso que ela perguntava.

— Sim.

— Sei. Eu o encontrei esta manhã. Ele me explicou.

Depois de me beijar selvagemente no elevador!

— Você conhece bem Blake e Marcus? — perguntou Lara inocentemente.

Não podia contar a ela que Blake tirara minha virgindade e que eu não conseguia chegar perto dele sem ter vontade de arrancar suas roupas, viver o prazer que sabia que teria novamente nas mãos dele. — Não conheço nenhum dos dois muito bem. Eu estava desesperada. Blake e eu tivemos uma história, mas não conheço Marcus.

— Que tipo de história? — pressionou Lara. — Nós... — Eu não sabia bem o que dizer.

— Você fez sexo com ele — acusou Lara empolgada. — Você está corando de verdade. Blake é um solitário. Nunca conheci uma mulher por quem ele realmente se interessasse.

Amaldiçoei meu constrangimento quando ela riu. — Foi há muito tempo, Lara.

— Quanto tempo?

— Doze anos — confessei chateada. — Preciso ouvir essa história — implorou Lara.

Com um suspiro leve, contei o que acontecera tantos anos antes. Não dei nenhum detalhe sexual, mas contei a ela como fugira de casa, como sempre fora escrota e como viver alguns dias sem ter um teto me modificara.

— Por que você e Blake não mantiveram contato? Vocês obviamente tiveram uma conexão. E, se há alguém que precisa de uma mulher na vida dele, é Blake.

Ergui a cabeça abruptamente para encará-la. Rapidamente expliquei a parte da confusão de identidade e perguntei a Lara: — Por que acha que ele precisa de uma mulher?

Ela deu de ombros. — Porque nunca parece estar emocionalmente envolvido com ninguém, nunca tem uma mulher no rancho e parece...

solitário.

— Ele é um senador. Um político. Acho que tem companhia mais do que suficiente. — Não estou falando disso. Ele é um político incrível e não se deixa levar pelas emoções. Nesse ponto, ele é como Marcus. Mas consigo sentir que ele não é completamente feliz.

— Você deveria ser psicóloga — comentei, brincando sobre a forma como ela parecia analisar as pessoas.

Lara deu uma piscadela. — Estou trabalhando nisso. Só mais um ano de faculdade.

Conversamos por algum tempo sobre os estudos dela e o trabalho que ela queria fazer sobre violência doméstica.

— Isso é incrível — comentei com a voz maravilhada.

— Não é mais fantástico do que o que você faz com os sem-teto — retrucou ela.

Falei entusiasmada sobre o meu trabalho de caridade e Lara escutou atentamente.

Quando parei para respirar, Lara comentou com uma expressão pensativa: — Sabe de uma coisa? Nossas causas não são tão diferentes. As duas têm como foco pessoas que precisam de ajuda. Quando tudo isso terminar e eles encontrarem sua irmã, talvez possamos conversar sobre trabalharmos juntas.

Fiquei aliviada por ela soar tão confiante de que Danica seria encontrada. E adorei a ideia de trabalhar com ela. Sinceramente, havia muitas mulheres e crianças que se viam na rua tentando escapar da violência doméstica.

No entanto, havia problemas de logística. — Eu gostaria disso. Mas moro na Califórnia... bem, pelo menos durante *parte* do ano. No resto do tempo, estou viajando.

— Trabalhamos em todo o território dos EUA — argumentou ela. Sorri para ela. — Então eu adoraria tentar.

Fui embora um pouco depois, sentindo que conhecera uma nova amiga.

E sentindo-me culpada por ter colocado o marido dela em perigo por causa da minha necessidade egoísta, o desespero de ter minha irmã de volta viva.

Enquanto percorria o caminho em frente à casa, seguindo as orientações que Lara me dera quando recusei uma carona de volta para o hotel, senti-me ligeiramente encorajada pela confiança dela nas habilidades de Marcus e de Tate. Ela parecia achar que Marcus e seu marido conseguiriam tirar Dani daquela situação perigosa. E, como Lara era íntima deles, eu aceitaria a palavra dela.



Capítulo 9



Harper

Só na tarde seguinte que consegui organizar minhas ideias sobre Marcus e Blake.

Na realidade, eu não conhecia Marcus. Falara com ele uma vez sobre Dani e vira-o algumas vezes quando era criança.

Blake... eu conhecia intimamente. De forma bem literal. Eu estava começando a me acostumar com o fato de que o cara com quem estivera doze anos antes fora Blake.

Suspirei ao calçar um par de botas. Eu ainda não tivera notícias da minha irmã e estava perto de perder o controle.

Mesmo se as notícias fossem ruins, qualquer coisa seria melhor do que o limbo em que eu estava no momento.

Dei um salto com as batidas súbitas na porta do meu quarto.

— Harper. — Era a voz de Blake do outro lado da porta de madeira.

Amarrando rapidamente o segundo pé da bota, em segundos eu estava com os pés no chão e correndo para a porta para ver o que Blake descobrira.

Abri a porta, ofegante de preocupação. — O quê? O que aconteceu?

Blake entrou no meu quarto sem dar explicações, fechando a porta atrás de si. — Precisamos tirar você daqui — disse ele sem preâmbulos.

Segurei o braço dele, agarrando o suéter pesado que ele vestia. — Por quê? O que está acontecendo? Você encontrou Dani? Ela está viva?

— Ela está viva. O governo recebeu notícias sobre o que realmente aconteceu e a imprensa logo chegará aqui. Pegue o que precisa. Pedirei à minha mãe que mande o resto.

A voz dele tinha tanta urgência que imediatamente obedeci às suas ordens. Ele não parecia preocupado com nada além de mim, portanto, supus que tivesse notícias boas. No entanto, meu coração batia com força enquanto juntei algumas coisas e coloquei-as dentro da mala. Eu queria saber desesperadamente o que ele soubera.

Sem palavras, Blake pegou a mala da minha mão. Peguei a bolsa e ele segurou a minha mão.

— Vamos — murmurou ele com urgência.

Eu o segui sem fazer mais perguntas até estarmos dentro do carro dele.

Tive que praticamente correr para acompanhá-lo enquanto ele andava depressa até o estacionamento do hotel onde o SUV de luxo estava parado.

Ele dirigiu como um louco, mas logo percebi que Blake sabia para onde estava indo. Ele era um motorista habilidoso e senti-me segura.

— Conte — implorei enquanto ele dirigia para longe do hotel. — Por favor.
— Eu não aguentaria mais um minuto sem saber o que aconteceu com Dani.

— Os sequestradores da sua irmã enviaram um vídeo como prova de vida. Eles exigem a libertação de alguns membros da organização deles, que capturamos e prendemos, em troca dela, além de uma montanha de dinheiro.

— Eu tenho dinheiro. Muito. Darei qualquer coisa que queiram —
disse eu em tom desesperado.

— Não podemos soltar os prisioneiros que eles querem, Harper. Eles são responsáveis pela perda de muitas vidas. Ninguém recusou ainda as exigências deles, mas vão recusar.

A voz de Blake era sombria. E, como era senador dos EUA, eu sabia muito bem que ele saberia o que podia e o que não podia ser feito. De forma egoísta, eu não dava a mínima para quem seria solto para que libertassem minha irmã. Mas, como cidadã, não conseguiria conviver comigo mesma se a barganha fosse aceita e aqueles prisioneiros tirassem mais vidas inocentes.

— O que havia no vídeo? Como ela estava? — perguntei, ansiosa por qualquer informação que conseguisse.

— Eu tenho o vídeo. Você poderá vê-lo quando chegarmos à minha casa. — É para lá que estamos indo?

— Sim. Eu preferiria levar você para a casa de Zane porque ele tem uma fortaleza. Ele trabalha com materiais confidenciais e tem um laboratório em casa. Mas eu moro bem mais longe porque queria uma propriedade grande. Não consegui falar com Zane. Ele e Ellie não estão aqui. Então teremos que ficar na minha casa. Pelo menos, ela é cercada e tem uma entrada com portão. Além do mais, não sei se alguém pensaria em ir tão longe.

— Então não vamos para a casa de Marcus?

— Não. É o primeiro lugar em que a imprensa procurará. O trabalho dele de resgate de vítimas sequestradas acabou de vir a público. Os sequestradores de Dani mencionaram o nome dele, avisando para que não fosse atrás dela. A imprensa desejará ver se ele está envolvido.

— Então sua família inteira saberá sobre a OPR? Blake assentiu depressa.
— Infelizmente, sim.

— Não entendo por que eles ainda não sabem. Como podem não saber?

Obviamente, deram cobertura a vocês dois quando você teve que assumir o lugar de Marcus no passado.

— Damos a eles outro motivo — respondeu Blake, sem dar informações adicionais.

— A imprensa ousaria invadir uma propriedade particular? O hotel tem hóspedes, mas as residências da família obviamente são particulares.

— Você ficaria surpresa — retrucou Blake. — Sua irmã é jornalista.

Você deveria entender a ânsia de um repórter de conseguir um furo.

— Mas eles não entrarão na sua propriedade.

— Eu não apostaria nisso. Eles sabem que você está aqui. Pelo menos, que estava. A imprensa, de alguma forma, conseguiu informações sobre o seu voo e sua viagem para Rocky Springs. Se acharem que ainda está por aqui, tentarão de tudo para falar com você sobre a captura de sua irmã.

Espero que, entre minha mãe e o resto da minha família, consigam despistá-los. Eu disse a eles que explicaria tudo mais tarde, mas que tentassem manter a imprensa afastada com uma explicação bem simples.

— Como podem fazer isso?

— Dizendo a eles que Marcus partiu com você no jatinho particular dele.
— E você?

Ele sorriu. — Supostamente, estou de férias. Já tive mais férias fictícias desde que comecei a ser Marcus do que tive férias de verdade na vida inteira.

Meus lábios formaram um sorriso fraco. Por algum motivo, eu não conseguia ver o senador Colter tirando muitas folgas.

Percorremos uma distância muito maior do que eu esperara. Só chegamos ao portão da casa de Blake quinze ou vinte minutos depois. —

Você não estava brincando — comentei. — Parece quase um rancho.

— E é — respondeu ele em tom direto. — Gado, na maioria. Tenho uma operação de criação.

— Você é rancheiro? — Fiquei um pouco surpresa.

Ele abriu a janela e digitou um código para abrir o portão. Em seguida, respondeu: — Acho que a maioria diria que sou um criador e que meu *hobby* é este rancho. Não tenho terras suficientes para ter um rebanho de verdade e nunca foi o que eu quis fazer. Estou mais interessado em produzir novas raças.

— Suponho que não se formou em ciências políticas na faculdade — comentei. Ele riu e balançou a cabeça negativamente ao passar pelo portão.

— Não, não. Meu plano de vida não era entrar para a política. Só...

aconteceu. Eu não aguentava o infeliz que representava nosso distrito e resolvi ser candidato. Depois disso, eu tinha idade suficiente para concorrer a uma vaga no senado.

— Você gosta? — perguntei.

— Na maior parte do tempo. Pelo menos, posso ser a voz do povo do Colorado.

Percebi na voz dele o compromisso de fazer o melhor possível como servidor público. E, como ele era um bilionário que poderia fazer qualquer coisa que quisesse, não pude deixar de admirar a dedicação dele.

Cruzei os braços sobre o peito enquanto Blake percorria o longo caminho. — Como é ser independente com o clima político tão dividido?

— É um inferno — respondeu ele com simplicidade. — Mas tenho a obrigação de lutar pelo povo do Colorado. Diferentemente de muitos dos meus colegas, não me importo nem um pouco com lobistas. Estou lá para fazer um trabalho para os eleitores que confiaram em mim o suficiente para votarem em mim.

— Isso é novidade. — Eu não queria que o comentário parecesse sarcástico e torci para que Blake não o interpretasse assim. Sinceramente,

pouquíssimos representantes se importavam com seus eleitores. Eles se importavam com ganhar e reter poder em Washington.

Ele deu de ombros. — Tento conversar com o maior número possível de pessoas e obter vários pontos de vista. Leio relatórios científicos e tento pensar nas gerações futuras.

— Você realmente se importa — comentei, sabendo que havia admiração na minha voz. Blake era um caso raro em se tratando de agentes governamentais.

— Não sou o único — disse ele com modéstia. — O problema é que somos a minoria. Já sou rico e não fui para Washington por causa de poder.

Quero tornar a vida melhor para o povo do meu estado, do meu país e do mundo.

— Quase me faz ter vontade de ainda morar aqui para que pudesse votar em você. Você é muito persuasivo, senador — brinquei.

Ele estacionou o SUV na garagem e desligou o motor. Em seguida, ele virou a cabeça e encontrou o meu olhar. — Posso pensar em outras coisas

que preciso de você muito mais do que preciso do seu voto, Harper.

O som profundo e gutural da voz dele e o olhar hipnotizante lançaram uma onda de desejo pelo meu corpo, fazendo com que eu percebesse que queria muito mais de Blake do que apenas sua proteção.

Eu queria... eu precisava...

— Seria seu mesmo assim — disse eu, sem saber ao certo se falava mesmo do meu voto enquanto me perdia nos belos olhos cinzentos.

A expressão dele ficou sombria quando ele afastou o olhar e abriu a porta do carro, pegando minha mala no banco de trás. — Vamos.

Assistiremos ao vídeo de Dani.

— Quero ver — disse eu ansiosa.

— Eu tenho, mas ainda não assisti. Ele foi retirado da rede quase imediatamente, mas tenho um *link* privado.

Saí do carro. — Foi assim que os repórteres ficaram sabendo — sugeri.

— Ficou público por algum tempo?

— Por um tempo muito curto, sim — confirmou ele.

Agora, tudo fazia sentido. Se o vídeo virara público, os repórteres obviamente tinham me procurado na Califórnia. Quando não me encontraram, alguém descobriu exatamente para onde eu viajara.

Merda, era assustador como era fácil encontrar uma pessoa como se fosse uma presa.

Comecei a andar quando percebi que Blake me esperava com a porta da garagem aberta. Eu estava ansiosa para ver o rosto da minha irmã, mesmo que fosse apenas em um vídeo.



Capítulo 10



Harper

Infelizmente, não tive a oportunidade de ver o vídeo de Dani de imediato.

Meus irmãos me telefonaram, um depois do outro, todos para me avisar que eu não deveria voltar para minha casa na Califórnia. Meu irmão mais novo, Jett, foi o primeiro a telefonar, dizendo que a casa dele estava rodeada de repórteres e que tinha ido para uma outra casa que tinha, menor e menos conhecida. Enquanto eu falava com Jett, meu irmão do meio, Carter, telefonou para dizer a mesma coisa.

Meu irmão mais velho, Mason, telefonou no momento em que terminei de falar com Carter, relatando exatamente o mesmo cenário na casa dele.

Todos nós estávamos sendo perseguidos pela imprensa em diferentes locais.

Trocamos informações. Meus irmãos, com todo o dinheiro e o poder que tinham, não conseguiram descobrir a localização de Dani.

Minhas esperanças estavam depositadas no sucesso da equipe de Marcus. Como Jett era o único que sabia o que eu fizera com Marcus, foi com ele que conversei por mais tempo. Eu o informei sobre o progresso da equipe, mas disse que não tivera outras notícias além do fato de que o grupo já estava no exterior procurando Dani.

Todos os meus irmãos já tinham visto o vídeo da minha irmã e avisaram-me para que não assistisse. Quando perguntei o motivo, nenhum deles me deu uma resposta direta. Portanto, eu não deixaria de ver o rosto da minha irmã nem de ouvir a voz dela.

Blake me reservara um quarto adorável e deixara minha mala lá enquanto eu falava com meus irmãos. Porém, tive pouco tempo para admirar a residência.

Meu principal objetivo era obter mais informações sobre a minha irmã.

No minuto em que terminei todos os telefonemas, andei pela casa à procura de Blake.

Demorei um pouco para perceber que a casa tinha um estilo espalhado de rancho. Todos os quartos pareciam estar em uma ala muito grande.

Passei por um estúdio, uma sala de estar formal e, finalmente, o que parecia ser uma grande sala de estar, sem ver sinais de Blake.

A casa dele era impressionante tanto em tamanho quanto em conteúdo.

Eu gostaria de ver tudo se não fosse o fato de que realmente precisava encontrar o proprietário. Depois de passar pela cozinha imensa, encontrei uma área com um *home theater* e uma entrada para uma piscina interna, que ignorei.

Eu estava ficando frustrada quando finalmente encontrei Blake no que parecia ser um escritório grande. A porta estava aberta e o homem que eu procurava estava sentado atrás da mesa.

Ele olhou para mim quando entrei com um olhar perturbado. — Qual é o problema? — perguntei nervosa.

— O vídeo de Dani. Acho melhor você não assistir — respondeu ele em tom sombrio.

Correndo até o lado dele, vi a janela do vídeo na tela do computador, mas a imagem estava pausada.

— Meus irmãos tentaram me dizer a mesma coisa. Eles já assistiram.

Eu preciso assistir — implorei, colocando a mão no ombro dele. — Ela parece ter sido agredida, Harper. Você precisa estar pronta para lidar com o

fato de que ela não está sendo bem tratada.

— Mostre-me, Blake. Não sou mais criança. Quero ver a minha irmã

— disse eu em tom firme.

Talvez fosse um choque, mas eu não pretendia fugir da realidade. Ele clicou na seta do vídeo, fazendo com que reiniciasse a reprodução.

A imagem estava granulada e não entendi a voz que narrava o vídeo, mas assisti à minha irmã intensamente, ignorando o idioma estrangeiro para olhar para ela quando Blake aumentou a imagem para ocupar a tela inteira.

O rosto dela estava machucado e inchado. Os belos cabelos longos sobre os quais ela reclamava com tanta frequência tinham sido cortados tão curtos que o sequestrador fora da tela mal conseguia segurá-los com a mão para virar a cabeça dela em direção à câmera.

O vídeo era apenas conversa em idioma estrangeiro e a imagem da minha irmã sendo agarrada pelos cabelos curtos para encarar a câmera.

— Ai, Dani — murmurei chocada, colocando a mão sobre a boca para impedir um soluço impotente.

Eu ainda conseguia perceber um olhar desafiador no rosto dela e concentrei-me nisso, tentando entender o que ela pensava à medida que os sequestradores continuavam a falar sobre o que supus serem suas exigências.

No fim, minha irmã conseguiu se soltar da mão do homem em seus cabelos e gritou em inglês: — Não façam isso. Não os libertem. Eles vão me matar de qualquer jeito.

O vídeo brutal terminou quando um punho voou e atingiu Dani no rosto, tirando-a da imagem.

O escritório de Blake ficou em silêncio total depois do último grito de um dos homens que mantinham minha irmã prisioneira, provavelmente o mesmo que a silenciara.

Andei até o sofá no outro lado do aposento e sentei-me, pois minhas pernas não conseguiam mais me segurar de pé.

Atordoada, olhei para a parede, tentando imaginar pelo que minha irmã passava naquele momento. — Como isso aconteceu? Quem são os homens e por que estão brutalizando minha irmã? — perguntei em voz monótona, tentando separar minhas emoções da razão. Eu sabia que, se deixasse, eu mergulharia em um mar de medo e ansiedade que nunca mais conseguiria controlar.

— Guerrilheiros — respondeu Blake. — Pelo que disseram, só o que conseguimos entender é que agem sozinhos em um grupo pequeno no momento para ganhar dinheiro e o retorno de alguns dos homens para quem lutavam. Não acho que sejam muito espertos. Obviamente, demos um golpe duro no grupo deles quando prendemos os líderes. Eles estão desesperados para recuperá-los. Ameaçaram matar Dani se o exército ou o grupo de Marcus tentar alguma coisa.

Coloquei as mãos no rosto e esfreguei os olhos. Eu estava cansada, pois não dormira muito desde que minha irmã desaparecera. Eu estava exausta, ansiosa e tão assustada que estava com dificuldades para me conter.

— Não sei o que mais fazer — disse eu a Blake, sentindo-me completamente incapaz de fazer alguma coisa para tirar minha irmã das mãos dos terroristas. Ele se aproximou e sentou-se ao meu lado. — Não há nada que você possa fazer agora, Harper. Acredite quando digo que estamos fazendo todo o possível, exceto liberar aqueles homens, para tirar sua irmã de lá.

— Eu nem sei por que ela estava lá.

— Eu sei — confessou Blake ao esfregar minhas costas de forma reconfortante. — Quer saber por que Dani está lá agora?

Olhei para ele com lágrimas escorrendo pelo rosto e assenti. — Diga-me.

— Dois missionários norte-americanos procuraram o governo ontem, um homem e a esposa que tinham acabado de voltar de uma missão na Turquia.

De acordo com eles, o filho deles e dois outros adolescentes decidiram passear do outro lado da fronteira. Sua irmã os seguiu, aparentemente tentando impedi-los. Quando chegou o momento de decidir entre ela mesma e as crianças, Dani acenou para que cruzassem a fronteira novamente, dando a elas tempo de escapar antes que fosse capturada tentando fugir dos sequestradores. Ela criou uma distração.

— Ai, meu Deus. É bem o que ela faria mesmo — choraminguei, deixando que soluços desesperados sacudissem meu corpo, o que aliviou a dor de saber que minha irmã tinha, na verdade, se sacrificado.

Blake me pegou nos braços e apenas me segurou, deixando que eu liberasse a tensão que se acumulara dentro de mim por tanto tempo. Ele falou baixinho em tom reconfortante: — Ela devia saber que seria pega. Os pais estavam tão gratos que não conseguiram ficar em silêncio depois que o filho contou o que acontecera. Eles voltaram para os EUA e procuraram o governo imediatamente. Todos sabem que sua irmã é uma heroína, mas há limites para o que podemos fazer.

— Então, agora esperamos — disse eu em tom mais calmo.

— Se há alguém que consegue tirá-la de lá, é Marcus — garantiu Blake. — Ele fez alguns resgates bem incríveis.

— Eu sei. Jett me contou.

— O governo também está trabalhando no caso. Farão o que for possível.

Por algum motivo, aquilo não me fez sentir melhor. O governo me decepcionara até o momento, mas, talvez agora que sabiam que Dani fora sequestrada, os resultados fossem diferentes.

— Há *alguma* esperança lá? — Olhei para ele, pedindo silenciosamente que fosse sincero.

— Cobrei todos os favores que podia em Washington. E pedi a todos os amigos que tenho lá que ajudem.

Mais lágrimas escorreram dos meus olhos quando eu disse com a voz trêmula: — Obrigada.

O que mais eu poderia dizer a um homem que tentava tudo o que podia para tirar minha irmã viva de uma área hostil?

— Não é nada demais — retrucou ele. — Sua irmã resgatou três crianças norte-americanas.

— Dani nunca se consideraria uma heroína. Você não a ouviu dizer para não libertarmos os prisioneiros que temos?

— Ouvi. Ela fala algum outro idioma? Alguma chance de ela entender o que eles dizem?

Assenti. — Ela os entende. Há poucos idiomas que ela não saiba falar e passa muito tempo no Oriente Médio.

— Merda — xingou Blake. — Então ela deve acreditar que não a deixarão sair de lá viva.

— É disso que tenho medo agora — confessei sem fôlego.

Eu estava tão nervosa que quase pulei do sofá quando o celular de Blake tocou. Sentei-me e afastei-me dele para que ele pudesse tirar o celular do bolso e atender.

Observei quando a expressão dele ficou sombria e ele dava respostas monossilábicas.

Finalmente, ele perguntou: — Então vai entrar amanhã?

Arregalei os olhos e torci muito para que o telefonema fosse sobre Dani. Prendi a respiração, esperando que ele desligasse o telefone para soltá-la. — Era Marcus?

Blake assentiu. — Ele encontrou o local. Só precisa de tempo para preparar o plano.

— Graças a Deus — disse eu, com o alívio invadindo meu corpo agora que sabia que alguém estava a caminho da prisão da minha irmã. — O

governo sabe o que ele está fazendo?

Blake ficou em silêncio por um momento. — Uma parte. Era uma resposta enigmática, algo com que eu não estava acostumada com Blake.

Ele lidara com as coisas de forma bem sincera comigo até o momento. — O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você não sabe de tudo. — O quê?

Ele soltou um longo suspiro de derrota. — Vou lhe contar uma coisa, mas é algo que ninguém sabe fora da minha família. Algo que eu nunca contaria a alguém em quem não confio.

— Não direi uma palavra. Juro. — Qualquer coisa que Blake me contasse que fosse pessoal iria para o túmulo comigo. — Eu nunca trairia a sua confiança.

— Marcus tem outras ligações com o governo. Ele faz operações especiais para a CIA.

— Ele é um espião? — Era a última coisa que eu esperara ouvir.

— Ele começou há muitos anos. Encontrou por acaso algumas informações confidenciais enquanto cuidava dos negócios em outro país.

Marcus era um homem de negócios legítimo e só estava lá verificando alguns interesses estrangeiros. Mas ele não podia ignorar o perigo para o próprio país e procurou o diretor da CIA. Depois de algum tempo, ele foi recrutado para obter informações para os EUA em suas viagens. Ele tem sido um agente especial desde então.

Ok, isso explicava as respostas vagas de Blake. — Então a CIA sabia sobre a OPR?

— Não no começo. A OPR era algo que Marcus fazia independentemente do governo. Marcus sabia que o governo não apoiaria oficialmente o que ele fazia. Ora, ele não queria nem me contar porque eu era senador e queria evitar o conflito de interesses que isso poderia causar.

— E causou?

Ele assentiu. — Um pouco. Mas apoiei o que Marcus fazia. Ele salvou vidas e não me importei se o governo o apoiava oficialmente ou não. Desde que não o atrapalhassem, eu não disse nada. — Você o auxiliou e encorajou

— disse eu baixinho. — Você o ajudou.

— Oficialmente, não. Oficiosamente, ajudei, sim. — Ele abriu um sorriso malicioso, que fez meu coração dar vários saltos mortais quando olhei para os olhos cinzentos acolhedores, tão diferentes dos de Marcus. Os gêmeos apoiavam um ao outro, mas eram completamente diferentes. Vi o jovem de quem eu gostara tantos anos antes no longo olhar de Blake.

Ele sempre fora doce e gentil, mas, agora, esse pacote estava na pessoa de um homem poderoso, o que o deixava ainda mais convidativo. — Não acredito que você nunca encontrou uma garota legal para se casar — falei sem pensar.

— Encontrei uma garota legal há muito tempo. Ela me dispensou e fugiu — disse ele com voz profunda e sincera.

Eu sabia que ele estava falando de mim e senti meu rosto ficar vermelho e quente. — Que garota idiota.

— Na verdade, ela era brilhante. Ouvi dizer que se transformou em uma arquiteta genial, que projeta prédios extraordinários e dedica muito de seu tempo construindo e dando apoio a abrigos.

— Se eu fosse brilhante, nunca teria perdido você. — Meu sussurro foi quase inaudível, mas Blake ouviu.

— Você nunca me perdeu, Harper. Nunca esqueci você. — Ele prendeu um cacho de cabelos gentilmente atrás da minha orelha.

— Eu também nunca esqueci você — respondi baixinho. — E acredite, eu tentei.

— Pare de tentar — resmungou ele.

Eu ri porque não consegui segurar. — Acredite, eu já desisti.

Ele me lançou um olhar incrédulo. — Não está planejando fugir de novo quando tudo isso terminar, está?

Eu ainda não sabia exatamente o que tinha planejado, mas sabia que seria impossível esquecer Blake. — Não. Parei de fugir de tudo que me assustava há muito tempo.

— Jesus, Harper. — Ele se aproximou um pouco mais, o suficiente para que eu sentisse seu hálito contra meus lábios. — Por que simplesmente não fui atrás de você?

— Talvez pelo mesmo motivo pelo qual nunca atendi ao telefone. Eu estava assustada na época, Blake. Não queria ficar com um homem que não conseguia ficar só com uma mulher.

— Não sou esse homem.

Meu coração deu um salto em resposta à alegação sincera dele. Eu acreditei nele, pois, desde o momento em que estivera com Blake doze anos antes,

provavelmente sentira bem no fundo que nunca o superaria. — Eu me odiei por entregar minha virgindade a um mulherengo.

— Você não fez isso — lembrou ele.

Meu Deus, eu ainda gostava tanto de Blake que meu coração doía para encostar nele. Porém, eu sabia que nunca teria um relacionamento sério com ele. Poderia roubar cada momento que pudesse enquanto estivéssemos juntos ou poderia fugir, o que não era uma opção. Meus dias de fuga *tinham* acabado.

Eu não queria sentir a dor de perdê-lo de novo, mas sabia que não resistiria a aproveitar cada momento de prazer que pudesse na companhia dele.

Incapaz de me conter, enterrei os dedos nos cabelos dele e puxei sua cabeça para baixo para beijá-lo. Meu corpo queria algo que não vivera em muito tempo.

Blake imediatamente assumiu o controle do abraço, pressionando o corpo forte contra o meu até que eu estivesse sob ele. Sua persuasão dominante predominou quando ele prendeu meu corpo sob si enquanto me beijava como se não conseguisse ter o suficiente.

Suspirei dentro da boca dele, mordendo de leve seu lábio inferior quando ele ergueu a cabeça para respirar. Eu queria que ele sentisse cada pedacinho da mesma paixão consumidora que causava em mim.

Em um momento, só o que eu conseguia sentir era Blake, e, no seguinte... ele não estava mais lá.



Capítulo 11



Blake

Afastar-me de uma Harper cheia de desejo foi provavelmente a coisa mais difícil que eu jamais fizera.

Ainda assim, forcei-me a me afastar da mulher que eu queria mais do que jamais quisera alguma coisa ou alguém na vida e fui para o outro lado do aposento. Sentei-me no canto da mesa, com os punhos cerrados. Desviei o olhar da figura tentadora dela deitada no pequeno sofá do meu escritório.

Não pode acontecer assim. Não posso trepar com ela enquanto está vulnerável. E, merda, eu *queria* tirar a roupa dela e tomá-la sobre a mesa, no chão, contra a parede... não importava onde nem como. Desde que fosse algo quente, rápido e intenso.

Eu precisava reclamar a mulher com quem esperara doze anos para estar junto novamente.

Talvez não tivesse admitido conscientemente para mim mesmo, mas alguma coisa bem no fundo sabia que ninguém, exceto Harper, seria a mulher que eu queria.

Eu chegara perto de trepar com outras mulheres? Claro que sim. Fora adiante? Claro que não.

Usar outra mulher não teria sido nada diferente de me masturbar, o que eu fazia com bastante frequência.

Mas Harper me arruinara naquela noite de Natal tanto tempo antes. O

que eu sentira com ela era diferente de tudo o que já vivera. E eu nunca mais me sentira daquele jeito de novo.

Claro, eu tivera paixões inflamadas por garotas *antes* de Harper. Ela não fora a minha primeira, mas certamente fora a última.

Eu nunca realmente examinara o motivo de não ter vontade de ir para a cama com outras mulheres. Ele só estava... lá. Harper entrara na minha

alma de uma forma que eu não conseguia explicar. E era algo que parecia tão ridículo que eu nunca contara como me sentia nem mesmo para Marcus.

Eu afastava o problema quando racionalizava meu comportamento para mim mesmo. Estava ocupado demais.

Eu estava cansado demais.

Viajava demais.

Meu estilo de vida não comportava um relacionamento. Mentira... tudo aquilo.

A verdade nua e crua era que... nenhuma outra mulher me fazia sentir como ela fazia. E, se eu não pudesse ter *aquilo*, não queria mais nada.

Sim, eu percebia que alguns homens não precisavam sentir nada, exceto desejo de trepar com outra mulher. Eu costumava pensar o mesmo.

Até que conheci Harper. Até que *tive* Harper.

Ela era minha e eu estava convencido de que o destino sempre quisera assim.

— Não consigo fazer isto, Harper — expliquei, com a voz ainda rouca de desejo.

— Por quê?

Observei enquanto ela se sentava no sofá e corria as mãos nervosas pelas pernas. Eu a vira fazer isso antes. Era algum tipo de reação ansiosa que me deixava louco. Talvez porque eu quisesse passar aquelas pernas longas em volta da minha cintura para que pudesse sentir como era mergulhar no êxtase de novo.

— Você está preocupada com Dani. Está emocional e fisicamente exausta.

— Eu conseguia ver as olheiras fundas em seu rosto e o medo dela me deixava muito tenso. Eu não conseguia nem pensar em como sobreviveria ao luto dela se Danica não voltasse sã e salva para casa.

— Sim, todas essas coisas são verdade — admitiu ela baixinho. — Mas eu quero você, Blake.

Talvez eu fosse ganancioso. Talvez quisesse toda a atenção dela. Talvez eu a quisesse totalmente concentrada em mim e em nós. Não importava o motivo, o momento não era certo.

— Sempre escolhemos o momento errado — resmunguei. Harper sorriu. — Há um momento que seja certo?

— Tem que haver — respondi em tom sombrio. — Mas, neste momento, você está dominada pelas emoções e pela adrenalina. Não vou tirar vantagem disso. — Eu deveria ter atendido o telefone anos atrás —

disse ela pensativa.

— Eu deveria ter ido atrás de seu belo traseiro quando não atendeu — respondi cheio de arrependimento.

Subconscientemente, eu esperara Harper por doze malditos anos. E, agora, estávamos juntos por necessidade. Não era o que eu queria e certamente não era do que precisava.

Transar com ela agora nunca a tiraria da minha cabeça. Não depois de ela ter silenciosamente me assombrado por tantos anos.

Sim, meu pênis podia discordar no momento, mas eu não era mais um garoto de vinte e dois anos.

— Está com fome? — perguntou ela com a voz mais composta.

A única coisa que eu realmente queria era ela, mas respondi: — Sim.

Mas, pelo amor de Deus, não me peça para cozinhar. Nada que eu faça seria comestível. Por que acha que ataco o bufê da mamãe todas as manhãs?

— Achei que você fosse Marcus tomando café da manhã no bufê. —

Faço a mesma coisa. Também não sei cozinhar — resmunguei.

A risada divertida dela invadiu meus sentidos como um jato de água quente depois de um passeio no frio. Foi uma sensação boa demais.

Ela se levantou e observei-a à distância, percebendo como mudara pouco. Harper amadurecera, mas ainda era linda como fora aos dezoito anos. Ela não precisava estar perfeitamente arrumada nem usar roupas de grife com muita maquiagem.

Os cabelos dela estavam soltando-se da presilha. Os olhos estavam inchados de tanto chorar.

E ela não estava vestida para impressionar. Vestia uma calça *jeans*, um suéter roxo e botas.

E, droga, ela era mais atraente para mim do qualquer uma das mulheres que eu conhecera que *levavam* horas para se arrumar de forma perfeita.

Talvez eu estivesse acostumado demais com as pessoas de Washington e a falta total de artifícios de Harper me atraía tanto que estava desesperado para mantê-la perto de mim.

Havia mais do que apenas um desejo simples ou lascívia, mas eu não podia nem queria pensar nisso no momento. Tinha certeza de que minha cabeça explodiria.

— Eu cozinharei se você tiver os ingredientes — ofereceu ela.

— Não faço a menor ideia do que há na despensa. Tenho uma governanta, mas eu supostamente estou de férias. Também não sei o que há no freezer.

Ela atravessou o aposento na minha direção. — E exatamente quando deveria voltar de... onde era mesmo? Havaí? Caribe? Suponho que seria algum lugar quente.

Ela estava brincando, o que deixou meu humor mais leve. — Não me lembro de ter inventado um lugar desta vez, portanto, pode escolher

qualquer um. Marcus e eu não tivemos tempo suficiente para um disfarce completo.

— Então, um *resort* de cinco estrelas no Caribe — decidiu ela.

— Não me lembro de ter definido uma data para voltar — disse eu com um sorriso leve.

O joguinho de Harper era contagiante.

— Então, acho melhor ver o que há em estoque para um cara que talvez volte... em algum momento.

Ela se virou e começou a andar em direção à cozinha. Sorri quando ela fez uma curva errada. — Por aqui — chamei. — Droga. Por que tem uma casa tão grande? — resmungou ela ao passar por mim.

Subitamente, lembrei-me do que ela dissera, sobre meu pênis ser grande demais, anos antes. — Você tem algum problema com coisas grandes?

Ela me lançou um olhar malicioso por sobre o ombro. Ela sabia exatamente o que eu estava pensando. — Algumas vezes sim, no começo.

Mas dá certo depois de algum tempo.

Eu ri ao segui-la, ainda sentindo-me hipnotizado pelo perfume floral que ela deixou em seu rastro ao passar por mim.

Eu a segui porque não consegui me segurar. — Então, você não tem uma casa grande na Califórnia?

Ela balançou a cabeça negativamente ao andar pela cozinha e abrir a geladeira. — Tenho um apartamento em um condomínio. Não havia motivo para ter uma casa grande. Nunca estou em casa.

Eu sabia muito bem que Harper era rica. Os pais dela tinham sido ricos como os meus. — O que aconteceu com a garota rica que gastava os cartões de crédito dos pais sem pensar no amanhã?

— A maior parte do egoísmo dela foi curada depois de passar um pouco de tempo com os sem-teto — respondeu Harper em tom direto. —

Agora, compro para suprir minhas necessidades, não para impressionar outras pessoas.

Eu sabia que todas as coisas que ela aprendera em seu breve período no abrigo tinham permanecido. Harper fazia mais bem pelas pessoas que precisavam de ajuda do que quase todos que eu conhecia. — No que está trabalhando agora?

Eu estava curioso para saber quais eram os projetos mais recentes dela.

— Tenho um trabalho comissionado perto de Boston. Portanto, também estou trabalhando em um abrigo lá.

— Por quanto tempo você vai construir abrigos? — perguntei curioso.

Harper tirou alguns itens da geladeira e inspecionou o *freezer*. —

Enquanto houver mais de meio milhão de pessoas neste país sem um teto sobre a cabeça — respondeu ela em tom firme enquanto avaliava meu estoque de comida. — Sua cunhada mencionou que muitas das mulheres em sua família apoiam uma instituição de caridade para vítimas de violência doméstica. Eu gostaria de trabalhar com elas no futuro, se puder.

— Precisa de dinheiro para isso? — Ora, eu daria toda a minha fortuna para ela se isso a deixasse feliz.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Na verdade, não. Meus irmãos e eu temos muito dinheiro, mas não acho que possamos depender só dele para sempre.

— Ajudarei você a estabelecer uma instituição de caridade que pode ser continuamente custeada. Ela me lançou um sorriso feliz. — Eu gostaria disso. Talvez eu consiga fazer mais. *Meu Deus!* Eu adorava quando ela olhava para mim como se fosse seu super-herói pessoal apenas por sugerir

ajudá-la em uma coisa pequena. — Você já faz bastante. Fez dois locais na Califórnia, certo?

Ok, sim, talvez eu tivesse percebido algumas das coisas que Harper fizera.

— Sim. Uma no norte e outra no sul da Califórnia.

— Não vá enlouquecer. Você não pode solucionar todos os problemas sozinha. Acredite, o governo tem tentado melhorar a situação há anos.

Ela se aproximou ao colocar um pedaço de carne sobre o balcão entre nós.
— Não o suficiente — disse ela com decepção na voz. — Muitas daquelas pessoas não têm a capacidade mental de cuidarem de si mesmas.

Alguns são nossos veteranos de guerra, que merecem coisa melhor. E odeio saber que há mães e crianças nas ruas. O *governo* precisa trabalhar mais.

— Você tem razão. Mas convencer alguns daqueles ricos metidos a besta no congresso a admitir que temos um problema bem real de pessoas sem-teto pode ser algo desafiador.

Os olhos cor de esmeralda dela estavam com uma expressão divertida quando ela perguntou: — Você é um desses ricos metidos a besta, senador Colter?

— Não. Posso ser rico, mas não estou alheio aos problemas no nosso país.

— Ótimo, continue assim — sugeriu ela. — Quando eles perdem o contato com o senso de humanidade, esses representantes são inúteis.

— Nem me fale — respondi secamente. — Algumas vezes, meus deveres de senador parecem inúteis. Mas então eu me lembro do motivo de estar lá, por que me candidatei e continuo tentando.

Harper encheu uma panela de água e colocou-a para ferver. Olhando para os ingredientes, supus que ela estava fazendo algum tipo de massa.

Ela fez uma pausa e olhou para mim ao perguntar com sinceridade. —

E *por que* você se candidatou?

Sorri para ela. — Porque havia um ricaço metido a besta que precisava ser expulso de sua cadeira.

— Estou falando sério.

Dei de ombros. — Eu também. Ele foi político por tempo demais. Nada estava sendo feito a respeito dos problemas que tínhamos neste estado. Ele não conversava com os fazendeiros, os rancheiros nem nenhuma das outras pessoas que importavam. Ele estava tão mergulhado em Washington que esqueceu para quem trabalhava e quem o elegeu.

Ela inclinou a cabeça ao me observar. — Algo me diz que você nunca esquecerá.

Meu coração flutuou quando ela olhou para mim como se eu fosse alguém especial só por fazer o trabalho que deveria fazer. — Se isso

acontecer, sairei de Washington com tanta pressa que deixarei um rastro de fumaça — jurei. Eu estava em Washington pelo povo. Se alguma vez me envolvesse com os lobistas como alguns dos membros do congresso estavam, de tal forma que não se importavam com o que era certo e o que era errado, eu me demitiria.

— E quais eram seus planos quando nos conhecemos? Nunca perguntei. — Eu estava prestes a me formar na faculdade. Eu achei que queria ser veterinário, mas acabei mudando para genética animal. Tinha acabado o doutorado quando decidi me candidatar para o congresso.

Ela riu ao colocar o macarrão na água fervente. — Então você é, na verdade, o dr. senador Colter?

Fiz uma careta. — Tecnicamente, acho que sim. Prefiro ser Blake na maior parte do tempo.

— Então seu estudo em genética está parado.

— Na verdade, não. Trabalho desenvolvendo raças mais saudáveis de gado no rancho. Tenho pessoas que cuidam da pesquisa e dos trabalhos enquanto estou afastado, mas faço o que posso. Minha irmã, Chloe, é veterinária e o marido dela, Gabe, é um dos meus melhores amigos. Ele cria cavalos e tentamos ajudar um ao outro quando possível.

Harper parou o que estava fazendo e andou até o balcão. Apoiando os cotovelos, ela me encarou e disse: — Você cresceu para ser um homem incrível, Blake Colter.

Meu peito doeu e eu quis estender a mão para segurá-la, colocá-la sobre o balcão e fazer amor com ela bem ali.

A verdade era que eu achava que ela também crescera para ser uma mulher incrível.

E a Harper Lawson que ela era hoje era toda minha, exatamente como fora quando tinha dezoito anos.

Ela só não percebera isso ainda.



Capítulo 12



Marcus

Eu odiava operações noturnas, mas pouquíssimos resgates podiam ser feitos à luz do dia. Eu conseguia reunir informações para a CIA durante o dia, mas resgates eram algo totalmente diferente.

Eu me separara do restante da equipe, fazendo um trabalho solitário de encontrar e tirar Danica da prisão em que era mantida.

Por sorte, ela não fora levada para muito longe da fronteira, mas ainda estávamos em um território muito hostil e, quanto menos pessoas estivessem envolvidas, melhor.

Percorri o acampamento cheio de poeira, tentando fazer o possível para não tossir na areia suspensa do clima desértico.

Vestido totalmente de preto, meus olhos se ajustaram aos óculos de visão noturna em que tudo aparecia em tons de verde. Olhei para as poucas barracas, que supus estarem ocupadas pelos rebeldes adormecidos.

Danica estaria na estrutura mais sólida do lugar e não demorei muito para notar o prédio de pedras no centro do campo. As barracas estavam dispostas em volta da estrutura, que parecia conter itens preciosos que precisavam de proteção.

Para ser sincero, o que estava lá dentro significava muito dinheiro e possível poder para os terroristas, mas aqueles imbecis não conseguiriam o que queriam.

O governo não estava fazendo nada e, se não tirássemos Danica daquela confusão, ela provavelmente acabaria morta.

Não fiquei surpreso ao encontrar uma fechadura antiga, mas resistente, na porta de madeira. Rapidamente destranquei-a com as ferramentas que carregava no cinto. Em seguida, empurrei-a lentamente para que não fizesse muito barulho.

Eu não consegui vê-la muito bem, mas reconheci imediatamente o vulto pequeno deitado no chão sujo, com os braços em volta das pernas para manter uma posição fetal para dormir.

Deitei no chão e rastejei até ela, rapidamente colocando a mão sobre sua boca. Como esperei, inicialmente ela lutou. E ela não era uma pessoa fraca. Apesar de provavelmente ter sido privada de comida, água e a maioria das necessidades básicas, recebendo apenas o suficiente para que se mantivesse viva, ela ainda lutou como uma gata selvagem.

Eu a dominei, prendendo-a sob meu corpo, enquanto tentava fazê-la entender que estava lá para ajudá-la. — Danica. É Marcus Colter. Vou tirar você daqui. Fique quieta.

Minha voz saiu em um sussurro ríspido, mas ela imediatamente parou de lutar. — Marcus? — sussurrou ela fracamente.

Coloquei o dedo sobre os lábios dela. Em seguida, fiquei agachado e peguei-a no colo, assustado ao perceber como estava leve agora. A Danica Lawson que eu conhecia era pequena, mas tinha curvas que eram difíceis de ignorar.

Felizmente, ela parecia estar coerente o suficiente para entender que eu estava ajudando. Gentilmente, ela passou os braços em volta do meu pescoço enquanto saíamos do acampamento sem fazer nenhum barulho. Eu tive que carregar o corpo dela para longe do acampamento, mas ela era tão leve que não foi difícil. Chegamos ao Jeep e os dois homens designados para a rota de fuga aceleraram no momento em que entramos. A adrenalina fluía pelo meu corpo enquanto íamos em direção à fronteira, com Danica tremendo nos meus braços durante todo o caminho.

Ela não falou. Ela não se mexeu.

Só o que ela fez foi se agarrar a mim enquanto íamos em alta velocidade para a fronteira.

Eu não sabia se ela estava fraca demais ou com medo demais para se mexer, mas fiquei grato pelo seu silêncio. Só o que eu queria era colocá-la no helicóptero e dar o fora daquela área.

Depois do que pareceu uma eternidade, atravessamos a fronteira para a Turquia. Não perdi tempo para entrar no helicóptero em que Tate estava à espera.

Nosso médico tirou Danica dos meus braços, mas não me senti aliviado. Fiquei irritado por ter que soltá-la e fiquei ao lado dele enquanto ele a examinava.

O restante da equipe da OPR subiu no helicóptero de última geração e, no instante em que o último homem entrou, Tate decolou como se fosse um morcego fugindo do inferno.

Ele se encaminhou para a embaixada norte-americana, mas eu não sabia ao certo se Danica precisaria primeiro de assistência médica.

O médico fez com que ela se sentasse e deu-lhe água, enquanto avaliava a coerência dela.

Ela respondeu às perguntas dele, mas era óbvio que estava fraca. E, caralho... como estava magra.

— Você está bem? — perguntei ao me agachar ao lado dela.

Ela assentiu ao passar a língua nos lábios secos e rachados. — Sim.

Vou sobreviver. Nunca achei que chegaria o dia em que teria que agradecer a você por me tirar daquele pesadelo.

— Não se preocupe, vou continuar lembrando você — respondi secamente, mas fiquei feliz por ouvir o cinismo dela. Como isso era parte da personalidade normal dela, não me senti ofendido.

Agora que eu entendia por que ela me odiara desde o primeiro momento em que nos conhecêramos, não podia culpá-la pelos comentários ácidos sempre que nos encontrávamos.

Ela achava que eu partira o coração de sua irmã. Supus que isso era motivo suficiente para odiar um homem, mesmo estando mal informada.

Danica podia me irritar, mas até mesmo eu tinha que admitir que ela fora corajosa. Eu já ouvira os motivos pelos quais ela fora capturada. Fora preciso muita coragem para desistir da própria vida para salvar alguns garotos idiotas.

Quando finalmente consegui ver o rosto dela mais claramente, senti uma raiva incomum surgir dentro de mim, que continuou crescendo enquanto examinava o rosto machucado e ensanguentado e os cabelos destruídos.

Pela forma como ela segurava as costelas, supus que provavelmente tinha alguma fratura.

Os longos cabelos loiros tinham desaparecido e os olhos dela pareciam imensos no rosto magro.

— Eu sei que estou horrível, mas vou sobreviver, Colter — disse ela em tom estoico.

Assenti abruptamente e disse a mim mesmo que ela certamente continuaria viva.

Eu não a resgataria novamente.

Enquanto o médico cuidava dos ferimentos dela, minha fúria atingiu o limite. Cada corte, cada ferimento, para cada vez que eles a feriram ou encostaram nela, eu queria dar em dobro aos sequestradores.

Talvez fosse algo bom o fato de eu não ter conseguido ver bem os ferimentos dela antes de sairmos do acampamento.

Se eu tivesse sabido como eles a tinham brutalizado, teria matado a tiros cada um dos filhos da puta sem um pinga de remorso.



Capítulo 13



Harper

Eu acordei gritando e, quando finalmente percebi o que estava fazendo, engoli um soluço de medo.

Eu sonhara com Dani.

Eu a vira sem cabeça e impotente no meu pesadelo.

Passei os braços em volta do corpo para me reconfortar, recusando-me a acreditar que era alguma premonição. Eu não era médium e fora apenas um sonho.

— Ela está bem. Ela está bem. Ela está bem. — Balancei o corpo enquanto entoava o mantra, torcendo para que começasse a acreditar nele em breve.

Mas parecera tão real que eu estava com uma dor na boca do estômago.

— Harper! — gritou Blake ao entrar correndo no meu quarto. — O que aconteceu?

Ele obviamente me ouvira e eu sabia que gritara alto o suficiente para acordar os mortos. — Desculpe, foi um pesadelo — disse eu a ele em tom reconfortante. — Estou bem agora.

Eu o vi parado na porta, com a luz do corredor destacando o estado bagunçado dele. Com apenas a calça do pijama de flanela, vi os músculos definidos dos braços, do peito e do abdômen. Ele parecia tão sólido e tão forte, mas tão querido. Os cabelos dele estavam desgrehados e ele fazia uma careta de preocupação.

— Tem certeza? Parecia que alguém estava matando você. — Dani — sussurrei. — Eu estava sonhando com a minha irmã.

Blake entrou no quarto e fechou parcialmente a porta para que a luz não me cegasse. Em seguida, sentou-se na cama, recostou-se na cabeceira e puxou meu corpo contra o seu. Aceitei o abraço reconfortante e deitei a cabeça em seu ombro, sentindo o calor de sua pele contra meu rosto. —

Desculpe. — Não se desculpe — respondeu ele com voz rouca. — Quero ficar ao seu lado. Sei como está com medo. Ora, você teria que ser louca para *não* estar com medo.

Depois de ver o vídeo de Dani, eu estava aterrorizada achando que ela morreria. Com o governo ainda sem fazer nada do que poderia fazer e os

sequestradores obviamente ficando inquietos, eu tinha certeza de que minha irmã não tinha muito tempo.

Blake e eu tínhamos jantado mais cedo. Depois, trabalhei em alguns desenhos enquanto ele lidava com uma papelada. A noite se passara de forma agradável, mas nossa atração e a química entre nós estavam sempre lá, sempre presentes. Blake era um ímã enorme que me fazia ter vontade de me agarrar a ele de forma desesperada.

Finalmente eu fora para a cama antes que fizesse algo idiota. Só o que eu queria era ficar nua e suada com aquele homem maravilhoso que esfregava minhas costas para me reconfortar. E não era porque eu estava emotiva ou cansada.

Eu queria Blake Colter e, apesar de não ter reconhecido de forma consciente, sentira falta dele por mais de doze anos.

Meu coração deu um salto quando ele passou a mão nos meus cabelos.

A ternura dele fazia com que fosse ainda mais difícil de afastá-lo.

Eu estava sofrendo e Blake era o único que conseguiria acabar com a dor.

Não só eu estava com medo pela minha irmã, como ainda tentava lidar com as emoções voláteis que Blake me fazia sentir.

Suspirei e fiquei imaginando como ele conseguira se afastar de todas as mulheres que provavelmente tinham se jogado aos pés dele. Blake era tão viciante que eu já me perguntava como o deixaria quando tudo aquilo terminasse. Ele era lindo e sexy, mas também era brilhante e gentil. Era o tipo de homem com que todas as mulheres sonhavam, mas raramente encontravam. Eu sabia que ninguém como ele jamais cruzara meu caminho.

— Melhor? — perguntou ele com voz gutural. — Sim.

— Então acho melhor eu dar o fora daqui antes que faça algo de que nós dois nos arrependemos — sugeriu ele com voz sofrida.

— Eu nunca me arrependeria — encorajei. — Eu sim — respondeu ele.

— Somos adultos, Blake. Não somos mais crianças. — Eu aceitaria feliz.

Senti o corpo dele ficar tenso e o quarto ficou em silêncio enquanto ele entrelaçava os dedos nos meus cabelos. — Pelo amor de Deus, Harper.

Você não faz ideia de como isso é difícil para mim.

Tive um pressentimento e, enquanto deixava minha mão percorrer o peito forte e o abdômen dele, tracei cada músculo até chegar ao pijama de flanela para acariciar um pênis muito rígido.

Ele sibilou em aprovação e colocou a mão sobre a minha, como se tivesse medo de que eu a afastasse. — Toque em mim, caralho. Toque em mim.

O comando dele foi alto e com uma necessidade profunda que me fez agir. Movi a mão sob o elástico da cintura do pijama e passei os dedos em volta do pênis. Era tão macio e sedoso que eu o acariciei, adorando a textura da pele sobre a rigidez.

— Você é tão gostoso, Blake — disse eu, com a voz tão cheia de desejo que mal reconheci como sendo minha.

Ele assumiu o controle e, antes que eu percebesse o que acontecia, estava sob ele. As mãos largas seguravam as minhas sobre a minha cabeça.

— Não consigo mais fazer isto, Harper. Não consigo lutar contra isso, contra a forma como desejo você — rosnou ele.

— Então não lute — aconselhei. — Por favor, não lute. — Eu queria aquilo, queria Blake.

— Não vou — respondeu ele ao me sentar e puxar a camisola de algodão sobre a minha cabeça. Em seguida, jogou-a no chão do quarto. —

Não consigo. Preciso demais de você.

Estremeci quando ele passou os braços em volta de mim novamente, desta vez, pele com pele. Meus mamilos rígidos encostaram no peito dele.

Não houve hesitação quando ele abaixou a cabeça e beijou-me, devorando minha boca como se estivesse desesperado. Eu me abri para ele e deixei que nossas línguas se entrelçassem, mostrando que precisava dele tanto quanto precisava de mim.

Talvez mais.

Eu estava ofegante quando a boca dele finalmente deixou a minha. A língua provocante dele percorreu meu pescoço.

— Blake — disse eu com um suspiro.

Ele mordeu minha pele de leve e, em seguida, passou a língua sobre ela. — É tão bom ouvir o *meu* nome saindo da *sua* boca — respondeu ele com a voz abafada contra o meu pescoço.

Percebi como dissera o nome dele poucas vezes. — Sei exatamente quem você é agora — respondi com a voz excitada. — Blake.

— Isso mesmo — respondeu ele. — O homem que está prestes a fazer você gozar com tanta força que gritará meu nome quando terminarmos.

Estremeci de excitação. — Quero só ver — desafiei. — Querida, é o que pretendo fazer.

Ele soltou meus pulsos para descer pelo meu corpo com a boca.

Entrelacei os dedos nos cabelos dele, saboreando a sensação dos cachos ásperos nas mãos. — Sim.

Aquela não parecia ser a primeira vez, mas eu não queria que parecesse. Éramos adultos e Blake era gentil, mas também era um macho dominante, algo que, incrivelmente, me deixava ainda mais excitada.

Eu me contorci quando os dentes e a boca de Blake morderam de leve um dos meus mamilos sensíveis. Ele chupou com força antes de usar a língua para aliviar o toque.

Arqueei as costas e meu corpo estremecia sempre que ele mudava de um seio para o outro, tornando a sensação de dor e prazer tão excitante que eu estava prestes a perder o controle.

— Por favor — implorei, sentindo a pressão acumular. — Preciso gozar. — Você vai. Quando estiver pronta — exigiu ele.

— Estou pronta — choraminguei quando os dedos dele sondaram a seda delicada da minha calcinha.

— Ainda não — negou ele.

Blake puxou a seda com força, que cedeu. Rapidamente ele descartou a calcinha inutilizada, jogando-a no chão.

Joguei a cabeça de um lado para o outro enquanto ele continuava a provocar meus mamilos. Os dedos dele invadiram minha boceta.

— Blake, por favor — gritei, desesperada para tê-lo dentro de mim.

— Eu quis isto durante anos, querida. Não vou estragar tudo.

Não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer de errado. Não enquanto estivesse tocando em mim. As mãos e a boca de Blake pareciam fogo líquido e eu certamente era inflamável.

— Transe comigo — implorei. — Não quero mais brincar.

— Não estou brincando — retrucou ele. — Tudo neste momento é muito sério.

O polegar dele circulou meu clitóris e, em seguida, fez pressão sobre o feixe de nervos, incitando uma série de gemidos que nem tentei controlar.

Ergui os quadris, tentando desesperadamente aumentar o atrito e a pressão.

Mas ele recuou, provocando-me até que eu estivesse quase louca.

— Agora — exigi.

Ele se moveu entre as minhas coxas. Em seguida, dobrou minhas pernas e abriu-as com impaciência. — Há muitos anos não sinto o seu gosto. E você é doce demais — murmurou ele logo antes de abaixar a cabeça e correr a língua pela minha fenda.

Eu teria saltado da cama se Blake não estivesse me segurando com firmeza. — Mais. Mais. — Eu não conseguiria aguentar a provocação mais um segundo. Ele me deu o que eu pedi, passando a língua entre as minhas dobras, procurando e encontrando meu clitóris. Mas ele não me deu o suficiente e eu sabia que era deliberado. — É uma sensação tão incrível.

Meu corpo queimava, sem controle, e ofeguei quando os dentes de Blake morderam meu clitóris de leve, seguido de movimentos intensos da língua.

Com urgência, agarrei os cabelos dele e puxei seu rosto contra minha boceta, implorando sem palavras pelo que precisava para explodir.

A língua dele era como seda ao lamber de cima abaixo da minha pele trêmula. Ele não aceitou minha súplica silenciosa. Tinha planos próprios, algo que eu não sabia se conseguiria aguentar.

Blake, quando jovem, fora gentil e insistente.

Blake, como adulto, era faminto, dominante e no controle. — Ai, meu Deus. Não aguento mais — disse eu sem fôlego.

— Sim, aguenta — respondeu ele com a voz abafada, pois a boca estava cheia com a minha carne trêmula.

Minhas pernas começaram a tremer e o nó nas minhas entranhas começou a se desfazer enquanto Blake acariciava meu clitóris sem parar com a língua, finalmente dando-me o que eu precisava.

— Isso. Assim. Isso.

Entoei meu mantra enquanto a língua faminta continuava invadindo e conquistando, deixando-me trêmula quando o clímax finalmente sacudiu meu corpo. Blake continuou a provocar meu clitóris de forma exigente,

lambendo cada gota dos fluidos da minha boceta enquanto eu implodia. Ele se posicionou rapidamente sobre mim, apoiando o peso do corpo nas mãos ao me beijar como um louco, deixando que eu sentisse meu gosto em seu beijo.

Isso só me inflamou ainda mais.

Meu corpo ainda tremia e eu precisava dele dentro de mim.

Não precisei pedir. Obviamente, Blake não esperaria. Ele me preencheu com um movimento forte dos quadris, gemendo ao se enterrar em mim e afastar a boca da minha. — Harper! — Meu coração galopou quando ele disse meu nome como se estivesse voltando para casa. De muitas formas, era exatamente essa a sensação. Era como se finalmente estivéssemos onde deveríamos estar.

— Blake! — gritei, adorando o som do nome dele.

Passei as pernas em volta da cintura dele, tentando puxá-lo o mais perto possível. Adorei sentir o peso dele quando ele abaixou o corpo sobre os cotovelos e beijou-me enquanto ainda se movia dentro de mim, estendendo meus músculos internos. Foi uma dor absolutamente maravilhosa.

— Blake. Blake. Blake.

Gritei o nome dele com cada investida do pênis. Passei os braços em volta do pescoço dele e Blake me beijou sem parar, mordendo de leve meus lábios e meu pescoço. Finalmente, ele apoiou a boca na minha têmpora e murmurou: — Minha. Você é minha, Harper. Sempre foi minha.

— Sim — concordei com satisfação, enterrando as unhas nas costas dele ao sentir o prazer da posse dele aumentando até ser uma necessidade.

— Preciso de você, Blake. Preciso de você.

Ele aumentou o ritmo, investindo dentro de mim ao morder de leve meu ombro, e disse: — Você me tem, querida. Sempre teve.

As palavras dele me fizeram agarrá-lo com mais força, com os dedos enterrando-se na pele dele. Arqueei as costas e apertei as pernas em volta da cintura dele quando o orgasmo me atingiu com força. — Blake!

Eu ainda estava gritando, mas não me importei. Meu corpo estava em chamas e eu queimava no calor de Blake, enquanto ele continuava a investir freneticamente como se fosse um homem possuído.

Continuei enterrando as unhas na pele dele, com o prazer do clímax iminente tão intenso que parecia que eu ia despedaçar.

Blake se ergueu, segurou meus quadris e puxou-os contra si próprio enquanto tentava investidas mais fortes e profundas.

Eu explodi enquanto gritava o nome dele sem parar, com o corpo pulsando em volta do pênis.

— Harper — gemeu ele com voz rouca. — Você é tão gostosa, querida.

Meu canal continuava pulsando e a semente quente dele me invadiu enquanto eu estremecia de puro prazer ao vê-lo perder o controle.

Blake enterrou o rosto contra o meu pescoço e saboreei os jatos de ar quente contra a pele enquanto ele tentava recuperar o fôlego.

Meu coração ainda batia com força e eu continuava sem fôlego quando agarrei os cabelos dele. Blake abaixou a cabeça para me beijar.

Ele rolou com nossos corpos e bocas ainda juntos, espalhando-me sobre o corpo forte ao completar o abraço sensual.

O quarto ficou em silêncio. O único som que podia ser ouvido era nossa respiração pesada.

Meu corpo estava saciado e contente quando deitei sobre Blake como um cobertor.

Ele beijou minha têmpora de leve e disse: — Por favor, diga-me que toma anticoncepcional. Eu estraguei tudo.

Fiquei tensa, percebendo que ele não usara camisinha.

— Não tomo — respondi em tom direto. Em seguida, apoiei-me no peito dele para que conseguisse sentar.



Capítulo 14



Harper

— Eu não estava pensando direito, Harper. Não é culpa sua. Eu estraguei tudo — disse ele em tom sombrio ao puxar o corpo para se apoiar contra a cabeceira.

A visão do corpo nu de Blake naquela posição me pegou desprevenida e tive que afastar os olhos dele para pensar direito.

Puxei a coberta sobre o meu corpo ao me sentar de pernas cruzadas no meio da cama.

— Não é só sua responsabilidade — murmurei. — Não estou preocupada. As chances de eu engravidar agora são bem pequenas.

— Por quê?

— Momento errado do mês — respondi.

— Bem, você certamente não precisa se preocupar se estou ou não limpo. A última mulher com quem transei era virgem e, desde então, não transei com mulher nenhuma.

Ergui a cabeça subitamente e sabia que estava encarando-o como uma idiota, mas eu não podia imaginar... — Eu? — perguntei com voz fraca.

— Sim. Doze anos atrás.

Balancei a cabeça negativamente. Não era possível que um cara viril como Blake não estivesse com ninguém desde a faculdade, desde que estivesse comigo. — Como isso é possível? — perguntei com voz confusa.

— É bem simples. Eu não queria mais ninguém.

Ele absolutamente queria dizer que não dormira com outra mulher desde nosso encontro na juventude, mas eu ainda não entendia. — Por quê?

Ele deu de ombros. — Usei todo tipo de desculpa para tentar me convencer do motivo de não transar com outra mulher depois de estar com você, mas eram todas mentirosas. A verdade real é bem simples. Acho que eu estava esperando você, de verdade. E só não tinha interesse em outras.

— Doze anos sem fazer sexo? — perguntei incrédula. — Nossa, você faz parecer que foi um crime — resmungou ele. — Não, um crime não. É só muito inacreditável.

— Acredite — disse ele secamente. — Foi um feitiço bem duradouro.

— Por que eu? — perguntei.

— Porque você era a única pessoa que eu queria depois de ficarmos juntos, Harper. Acredite ou não.

— Eu acredito em você — sussurrei. — Só estou... chocada.

— Porque você sempre achou que eu dormia com uma mulher diferente toda semana?

Afastei os cabelos do rosto, sabendo que estavam muito suados. —

Achei que você era Marcus, e ele certamente não é nenhum anjo.

— Também não sou nenhum anjo. Nas minhas fantasias, fizemos algumas coisas bem estranhas — brincou ele.

— Nas minhas também — respondi.

— Por que é tão estranho o fato de eu não ter estado com outra mulher?

Eu lhe disse que aquela noite foi especial para mim. Eu não queria manchá-la ficando com alguém que não me fizesse sentir a mesma coisa — admitiu ele em um tom baixo e hesitante. — Você esteve com tantos homens desde que perdeu a virgindade a ponto de achar que é esquisito ou algo assim? Eu não achava esquisito. Achava que era provavelmente a coisa mais linda e tocante que um homem poderia dizer. A maioria dos homens não admitiria.

Mas, um homem tão bonito e viril como Blake não ter encostado em outra mulher desde a noite comigo era algo bem incrível.

Balancei a cabeça negativamente. — Não. Não estive com mais ninguém. Foi só você. Talvez seja por isso que eu esteja tão surpresa. E

acho que é muito especial o fato de você também não.

— Provavelmente foi por isso que nem pensei em camisinha. Há muitos anos que não me preocupo com isso — disse ele com a voz cheia de remorso. — Mas deveria.

— Não vou engravidar, Blake — garanti.

— Se engravidar, você vai se casar comigo — exigiu ele. — Eu não me casaria com você por causa disso — recusei. — Isso não é motivo para casar.

— É claro que é — disse ele em tom firme, cruzando os braços sobre o peito.

Percebi um toque de teimosia nele que nunca tinha notado antes e tive que morder o lábio para me impedir de sorrir.

Não era preciso discutir sobre aquele assunto. Em primeiro lugar, eu não engravidaria.

Em segundo lugar, não podia casar com ele. — Não vou engravidar — prometi a ele.

— Veremos — disse Blake perigosamente ao se levantar da cama. —

Vou deixar você dormir. Precisa descansar.

As palavras dele foram duras e frias, como se subitamente ele tivesse perdido o interesse no assunto.

Subitamente, senti frio e solidão. Perguntei a mim mesma o que fizera para que ele se fechasse daquele jeito. Ele se mostrara vulnerável a mim e eu fizera o mesmo ao dizer que nunca estivera com mais ninguém.

A única outra coisa que eu dissera era que uma gravidez não era motivo para que um homem e uma mulher se casassem, o que era verdade. No meu caso, eu tinha meios próprios e poderia criar uma criança sozinha. Se a alternativa era me casar com alguém só por causa da gravidez, hipoteticamente, eu preferia fazer isso sozinha.

Ele parou na porta e abriu-a completamente, enchendo o quarto com a luz brilhante. — Só para constar — disse ele em tom sombrio. — Se estiver grávida, você *vai* se casar comigo, Harper. Portanto, sugiro que se acostume com a ideia, mesmo que não me queira como marido.

Blake fechou a porta atrás de si antes que eu conseguisse abrir a boca para explicar que não era *ele* que eu não queria. Era ele naquelas circunstâncias.

Pelo amor de Deus, eu tinha trinta anos. Tinha meu dinheiro e uma carreira que me permitiria assentar em um local, se quisesse. Eu não me casaria a não ser que realmente quisesse me casar, o que nunca aconteceria, não importava o quanto gostasse de Blake. Na verdade, eu gostava demais dele para fazê-lo ficar amarrado a mim. Nunca poderia lhe dar tudo o que

ele queria. Não era possível. *Blake é senador dos EUA. É um agente governamental, uma figura pública.*

Franzi a testa no escuro ao deslizar sob as cobertas e deitei a cabeça no travesseiro que ainda tinha o cheiro de Blake, um cheiro muito masculino e provocante que instantaneamente fez meu peito doer.

Ele estava com medo de que ter um filho ilegítimo arruinaria a carreira dele? Essa ideia nunca me ocorrera, mas talvez não fosse algo bom aos olhos do público geral.

Isso poderia arruinar a imagem pública dele e, portanto, sua carreira no senado.

Puxei o lençol e a coberta em volta do meu corpo nu, sentindo falta do calor de Blake.

Parecia algo tão retrógrado que algum eleitor julgasse Blake pelo estado civil caso engravidasse uma mulher. Mas as situações eram torcidas e ficavam feias nas notícias políticas até o ponto em que as pessoas não sabiam mais o que era verdade e o que era mentira.

Eu quisera contar a ele toda a verdade, o motivo pelo qual nunca me casaria, mas não contara. Eu ainda estava atônita com o fato de que ele nunca dormira com outra mulher em todos os anos em que ficáramos separados.

Ele não quer casar comigo de verdade. Só está se preparando para a possibilidade de eu engravidar.

— Se isso é verdade, por que ele não encontrara alguém para amar? — sussurrei no escuro, mas não recebi nenhuma resposta.



Capítulo 15



Blake

Eu ainda estava encarando o teto quando o sol nasceu, ainda contando as pequenas texturas no teto do quarto com as luzes ligadas.

Só o que eu sabia naquele momento é que precisava de Harper. A dor nas minhas entranhas não ia embora.

Eu não me casaria com você por causa disso!

Eu ainda conseguia ouvir aquelas palavras saindo da boca linda de Harper, mas não conseguia digeri-las. Além do mais, eu não estava disposto a aceitá-las.

Se ela não se casaria comigo se estivesse grávida, provavelmente não havia chance alguma de que se casasse comigo. Por qualquer motivo.

Talvez eu não devesse ter saído. Talvez devesse ter transado com ela até que se convencesse, até que me quisesse tanto quanto eu a queria.

Talvez então ela ficasse dependente de mim. Eu queria que aquela necessidade fosse mútua, mesmo que estivesse sentindo-me muito miserável naquele momento.

Eu podia ter saído do quarto dela furioso, mas certamente não desistiria.

De forma alguma eu conseguiria me sentir daquele jeito sozinho.

Meu celular vibrou na mesinha de cabeceira e olhei rapidamente a hora.

Era cedo demais para que alguém telefonasse, a não ser que fosse muito importante.

Peguei o telefone, mas não havia nada além do número na identificação. — Colter — atendi abruptamente.

— É, aqui também é Colter — respondeu a voz divertida de Marcus.

Sentei-me na cama, acordando completamente ao ouvir a voz do meu irmão gêmeo.

— Jesus! Você está bem? E Tate? — Verdade seja dita, eu confiava muito nas habilidades de Marcus, mas estivera muito preocupado com meus dois irmãos.

— Estamos bem. Acabamos de chegar em Istambul. Danica precisa de tratamento médico. Ela tem alguns ferimentos infeccionados e está tão desidratada que a estão enchendo de líquidos.

— Ela está muito mal? — perguntei abruptamente.

— Ela sobreviverá. Ela me odeia como sempre odiou — respondeu Marcus secamente. — Você não contou a verdade a ela?

— Ainda não. No momento, ela precisa se curar. Está com algumas costelas quebradas e sentindo muita dor. É melhor que a mantenham medicada e deixem que se cure. Isso também me impede de ser o alvo dela, então para mim está ótimo.

— Por quanto tempo acha que ela ficará no hospital? — perguntei, sabendo que Harper desejaria ver a irmã... ou, pelo menos, falar com ela. —

Se dependesse dela, já teria saído. Mas eu diria que conseguiremos mantê-la lá por mais alguns dias.

— Vimos um vídeo — expliquei. — Ela tinha sido agredida.

— Eu vi — disse Marcus abruptamente. — Ela parece pior. Alguns dos cortes infeccionaram. Mas diga a Harper que ela ficará bem. Está recebendo

um bom atendimento e é teimosa como o diabo. A condição dela é estável.

Soltei um suspiro de alívio. — Harper vai querer ir até aí.

— Não — disse Marcus. — Vou tirar Danica daqui assim que ela estiver bem o suficiente para fazer a viagem. Vão querer que ela vá a Washington. Vou levá-la para lá. Tate e eu ficaremos com ela até chegarmos lá, portanto, estará segura.

— Acha que ela vai querer conversar?

— Pedirei a ela que telefone para Harper assim que puder. Prometo. Só avise a ela que Danica está segura.

— Suponho que posso ser eu mesmo agora?

— Sim. Mas provavelmente é mais divertido ser eu do que estar sentado em alguma reunião de senadores metidos a besta no meio daquela merda em Washington — respondeu ele.

— Nenhuma vez na minha vida adulta eu quis ser você — retruquei.

— Porque sou um escroto — concluiu Marcus. — Algumas vezes, também não quero ser eu.

Era uma declaração enigmática e eu não tinha certeza de que ele estava só brincando. — Devo uma a você — disse eu com sinceridade. Marcus salvara a vida de Danica. A julgar pela condição dela, não teria durado muito mais tempo na mão dos sequestradores.

— Você me salvou mais de uma vez — lembrou Marcus. — Vamos dizer que estamos quites.

— Então a equipe está junta de novo?

— Claro que não. A minha cunhada provavelmente atiraria em mim ela mesma se eu levasse o marido dela de novo para um território perigoso. Ele já teve o suficiente desse tipo de merda.

Sorri, imaginando Lara, ex-agente do FBI, ameaçando matar Marcus se convocasse Tate para outra missão. Eu não tinha dúvidas de que meu irmão mais novo ficaria tentado, pois vivia da adrenalina, já que era ex-agente das Forças Especiais. Mas imaginei que Lara não gostaria muito de ver Tate em missões comuns. E Tate parecia muito contente com a situação atual. —

Talvez ela realmente atire em você.

— A antiga equipe acabou. E a nova foi reunida apenas para essa operação. Já vou ter problemas com o governo, pois foi uma missão não autorizada e todo mundo saberá quem foi o responsável.

— Falarei com eles — disse eu.

Como senador, eu tinha mais influência e amigos nos altos escalões de Washington do que Marcus.

— Faça o que puder — respondeu ele. — Não estou particularmente preocupado com isso. Não vou falar disso publicamente e ninguém mais falará. Aqueles imbecis a teriam deixado morrer em território hostil, portanto, o que dirão? Estavam prontos para entregar os bandidos que temos presos?

— Você sabe que não.

— Então podem ir para o inferno — respondeu Marcus irritado.

Sorri, percebendo que a opinião dele sobre os figurões de Washington não mudara muito. — Sou um desses idiotas — lembrei.

— Não, você é um dos poucos decentes.

Sorri, feliz em saber que ele soava estar muito bem. — Vou telefonar para Lara e depois falar com Harper.

— Tate já está no telefone com Lara — comentou Marcus, soando enojado. — A primeira coisa que ele tinha que fazer era telefonar para a esposa. — Achei que era algo totalmente normal, pois Tate e Lara estavam

profundamente apaixonados um pelo outro, mas Marcus fazia parecer que um relacionamento era uma doença mortal.

— Então vou falar só com Harper.

— Estaremos de volta em Washington em menos de uma semana, mas mantereí contato.

— Terei que ir para lá daqui a uma semana de qualquer forma —

comentei. — Posso dar uma carona a Harper.

— Vocês dois resolveram as coisas? — perguntou meu irmão gêmeo.

— Sim e não — respondi evasivamente. — Já se passaram doze anos. A maior parte foi de coisas que ficaram no passado há muito tempo.

— Mentira. Nunca terminou. Harper é o motivo para você não fazer sexo com frequência.

Harper era o motivo de eu não fazer sexo, *ponto*. — Ela não quer discutir o assunto de novo — expliquei. — Sempre pensou que eu fosse você e, de forma compreensível, não gostou muito de mim.

— Então faça-a mudar de ideia — desafiou Marcus. — Você sabe muito bem que quer.

— Não é tão simples assim...

— Sim, é — interrompeu Marcus. — Leve-a para a cama e faça-a gozar até que não consiga mais pensar. É assim que você fica com ela.

Tenho certeza de que foi assim que nossos irmãos acabaram casados.

— Acho que foi um pouco mais do que isso — respondi em tom infeliz, sem querer contar que Harper não me queria para nada além de um pouco de satisfação física.

— Você sabe ser charmoso quando quer, mano. — Desista, Marcus.

— Não até que você desista — disse ele em uma voz irritantemente persistente.

Nunca que eu desistiria completamente, mas não contei meus planos para Marcus... provavelmente porque ainda não tinha nenhum.

Mudando de assunto, eu disse: — Diga a Tate que fico feliz por estarem os dois em segurança.

— Direi. Preciso voltar para o hospital antes que Danica acorde e tente rastejar para fora da janela.

Ri quando imaginei Marcus como guardião de Dani. Por algum motivo, eu não conseguia ver Marcus se importar o suficiente para impedi-la de fugir. — Então deixe que ela vá. Não irá muito longe.

— Claro que não. Ela está fraca demais para ir a qualquer lugar. Estou prestes a amarrá-la à cama do hospital.

Pestanejei surpreso ao ouvir o tom sério da voz dele. Ele estava realmente... irritado. E talvez um pouco preocupado. Eu nunca o vira mostrar tanta emoção, a não ser que a família estivesse envolvida. — Diga-me uma coisa...

— O quê? — perguntou Marcus.

— Se Harper não tivesse pedido, você teria tentado resgatar Dani mesmo assim?

Houve silêncio na linha e, por um momento, achei que a ligação tinha caído.

— Marcus?

— Não sei. Provavelmente — admitiu finalmente meu irmão. — Ela é provavelmente a mulher mais irritante que já conheci, mas é muito corajosa.

— Você gosta dela — acusei.

— Eu não iria tão longe — resmungou ele. — Tenho que ir. Farei com que Danica telefone para Harper assim que ela puder.

Desligamos após uma breve despedida e botei o telefone de volta sobre a mesinha de cabeceira.

Ponderei por alguns minutos se deveria ou não acordar Harper para contar sobre a irmã dela.

Não importava o quanto eu estivesse furioso naquele momento, sabia que ela gostaria de saber.

Eu tinha percebido o estresse e a ansiedade no rosto dela em todos os momentos do dia. E a exaustão dela era evidente.

Saí da cama, decidindo que, se fosse eu, gostaria de saber no momento em que um dos meus irmãos estivesse fora de perigo.

Quando Harper ficasse sabendo, talvez conseguisse descansar um pouco e os pesadelos com a irmã cessariam.

Depois disso, vamos nos concentrar em nós.

Estava na hora de Harper Lawson e eu acertarmos o fato de que ela era minha, para sempre.

Talvez ela não quisesse um compromisso no momento, mas eu esperara muito tempo. Poderia esperar um pouco mais.



Capítulo 16



Harper

—Harper?

Eu estava em algum ponto intermediário de sono quando ouvi Blake chamar meu nome. Eu não estava realmente dormindo, mas também não estava acordada.

Pestanejei várias vezes ao abrir os olhos quando ele se sentou no outro lado da cama.

Sentando de súbito, percebi que era dia. A expressão no rosto dele parecia dura e tensa. Ele ainda usava a mesma calça de pijama e supus que tivesse acabado de acordar.

— O que aconteceu? É Dani? — Está bem acordada? — perguntou ele.

— Sim — respondi imediatamente. — Diga.

Meu estômago parecia ter um nó. Cheguei mais perto dele e coloquei a mão em seu ombro para garantir que estava escutando.

— Marcus a encontrou. Ela está de volta à Turquia em um hospital, sendo tratada por causa da desidratação e da desnutrição. Mas está bem.

Está com alguns ferimentos infeccionados, mas está em processo de recuperação.

O alívio invadiu meu corpo e minha mão caiu do ombro de Blake. —

Graças a Deus. Posso vê-la? — perguntei, com os olhos cheios de lágrimas.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Até você conseguir um visto e viajar para lá, Dani já estará a caminho de casa. Tate e Marcus ficarão com ela para garantir que não fuja do hospital. Depois, eles a trarão para

Washington para que, se puder, dê algumas informações. Se ela precisar de mais cuidados médicos, poderá ser atendida em Washington. Ela viajará confortavelmente no jatinho de Marcus.

Uma risada chocada escapou da minha boca, mas eu sabia que, se tivesse a oportunidade, Dani *tentaria* dar o fora do hospital por conta própria. Ela sempre odiara ser o centro das atenções, pois não conseguia lidar muito bem com isso. Quando éramos crianças, a cirurgia de amígdalas dela fora uma provação grande para os meus pais.

— Então posso encontrá-la em Washington — decidi. — Quanto tempo levará para que ela chegue lá?

Blake deu de ombros. — Provavelmente daqui a uma semana, se Marcus conseguir mantê-la no hospital para receber tratamento. Ela estava muito desidratada e Marcus disse que está muito magra.

— Ela está... emocionalmente bem? — A pergunta saiu da minha boca sem que eu soubesse realmente o que estava perguntando. Só o que eu queria saber era se ela ainda era a mesma Dani.

— Quer saber se a estupraram? Assenti devagar. — Sim.

— Não sei dizer — admitiu Blake. — Ela foi muito agredida, mas, se Marcus não mencionou algum ataque sexual, duvido. Ele parecia muito furioso com tudo o que fizeram com ela, mas não mencionou nada sobre isso.

— Ela se recuperará. É uma das pessoas mais fortes que conheço —

disse eu em tom firme, recusando-me a acreditar que minha irmã não seria mais ela mesma. — Ela não sabe sobre vocês dois...

— Marcus contará a ela quando estiver forte o suficiente para entender

— interrompeu Blake. — Duvido que continuará deixando que ela acredite que ele é um grande escroto. — Ele fez uma pausa antes de acrescentar: —

Pensando bem, ele não é exatamente gentil ou coisa parecida, mas também não é o tipo de machucar alguém deliberadamente.

Lágrimas de gratidão começaram a escorrer pelo meu rosto. — Não sei como algum dia pagarei pelo que vocês todos fizeram. Eu estava com tanto

medo que a matassem.

— Talvez agora consiga dormir sem ter pesadelos — respondeu ele com voz rouca ao colocar a mão gentilmente no meu rosto, limpando as lágrimas com o polegar.

Sem pensar duas vezes, joguei-me nos braços dele. Ele agarrou meu corpo nu, segurando-me com força enquanto eu chorava.

— Obrigada — sussurrei no ouvido dele.

Eu sabia que Blake não só dera cobertura a Marcus, como também cobrara todos os favores que pudera em Washington. Sem dúvida, continuaria a fazer isso porque os irmãos dele poderiam se ver em maus lençóis com o governo, já que tinham feito algo completamente fora da linha em outro país.

Eu não tinha dúvidas de que ele também ajudaria minha irmã a resolver a situação dela lá.

Chorei lágrimas de alegria por minha irmã estar segura enquanto me agarrava a Blake, deixando-me mergulhar no calor dele.

Ele apertou um pouco mais os braços em volta de mim, acariciando minhas costas enquanto eu botava para fora toda a ansiedade e a tensão que tivera como companhias constantes desde que eu percebera que Dani estava sendo mantida prisioneira por um grupo de rebeldes que provavelmente a matariam.

— Chorar tanto assim não pode ser bom — resmungou Blake quando senti que ele apoiava o queixo no topo da minha cabeça.

Funguei quando meus soluços pararam. — Não sei, parece muito bom para mim — respondi com um sorriso. — Acho que é terapêutico.

— Então continue, se é o que quer — cedeu ele.

Recuei ligeiramente e abri um sorriso enorme para ele. — Obrigada.

Mas chorei mais durante as últimas semanas do que em muito tempo. Acho que está na hora de ficar feliz por minha irmã estar bem. Eu queria poder vê-la.

Apesar de acreditar em Blake, eu só queria ver o rosto de Dani.

Ele assentiu. — Eu sei. Eu queria que ela estivesse bem o suficiente para voltar imediatamente. Mas é mais seguro assim.

— Se ela precisava de atendimento médico, minha necessidade egoísta de abraçá-la pode esperar — disse eu.

— Pedi a Marcus que a fizesse telefonar para você assim que estivesse acordada e alerta o suficiente para ter uma conversa. Ela está fraca no momento.

— Tenho certeza de que ela precisa dormir. — Eu sabia muito bem que não conseguira dormir desde que Dani desaparecera. Eu só podia tentar

imaginar como ela dormira pouco, sabendo que poderia morrer a qualquer momento.

Ele me estudou cuidadosamente antes de perguntar: — Quer fazer uma coisa para mim?

Assenti lentamente. Naquele momento, eu faria qualquer coisa pelos Colters, só para mostrar como estava grata pelo que tinham feito para resgatar minha irmã.

— Passe algum tempo comigo — pediu ele com voz rouca. — Fique comigo esta semana e depois voe para Washington comigo. Dani estará perto de chegar ou quase no fim de sua jornada para chegar lá.

Olhei para ele confusa. — Por quê? Isso não seria nenhum favor. Eu suspendi meu trabalho em Boston até a semana que vem. Não tenho mais nada a fazer. Não é exatamente nenhum sacrifício. — Hesitei por um momento antes de perguntar: — Ou estamos falando de sexo?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Sexo ou não. Só acontecerá se você quiser. Só quero que fique comigo.

Eu não sabia muito bem como lidar com o pedido dele. Não conseguia entender. Talvez ele estivesse pedindo que eu pagasse com sexo, talvez isso fizesse sentido. Mas não era o que ele estava pedindo.

— O que quer que eu faça?

— Trate-me como Blake, e não como Marcus. — Já faço isso.

Ele balançou a cabeça. — Você passou anos odiando Marcus ou um homem que achou que fosse ele. Passe a *me* conhecer, o homem para quem realmente entregou sua virgindade. Talvez, se passar a conhecer a *mim*, não fique mais tão furiosa comigo.

Eu o encarei, examinando a sinceridade do olhar dele. — Não estou mais com raiva, Blake. De verdade. Não me arrependo do que aconteceu anos atrás. Nenhum de nós teve culpa do mal-entendido.

Ele segurou meus braços de leve. — Então mostre. Deixe tudo isso terminar conosco sentindo o que sentimos há doze anos.

Passei a língua sobre os lábios secos ao me perguntar se Blake e eu poderíamos ser apenas amigos. A ideia de nunca mais o encontrar depois de sair de Washington era tão dolorosa que meu coração já sentia a dor. Para mim, sermos amigos seria difícil porque eu sempre desejaria mais, coisas que não poderia ter. — Nunca deixarei de ver você como o único homem

que consegue me fazer gozar como nunca imaginei que conseguiria — disse eu em tom direto.

Um sorriso lento se formou no rosto dele. — Ficarei feliz em agradar você de novo sempre que quiser.

Meu coração deu um salto quando vi o convite nos olhos dele. Isso me deu vontade de transar com ele até que meu coração dolorido estivesse satisfeito. Mas essa seria apenas uma solução temporária.

Como se conseguisse ouvir meus pensamentos, Blake comandou: —

Não pense, Harper. Apenas sinta e aproveite. Seja exatamente quem você é.

— Se eu fosse agir com base nos meus instintos naturais, precisaria que você estivesse nu — respondi com sinceridade. — Depois, precisaria que transasse comigo até que eu não conseguisse fazer mais nada além de gritar seu nome. E teria que deixar primeiro que eu fizesse tudo o que quisesse com você. É exatamente o que estou pensando neste momento. Os olhos dele brilharam e ele me encarou com uma intensidade que não consegui identificar. Ele se levantou e soltou a calça do pijama, libertando o pênis rígido e inchado.

Blake não parecia ter qualquer inibição sobre estar nu. Obviamente, com um corpo como o dele, ninguém se importaria.

— Achei que não pediria nunca — disse ele com voz rouca ao se deitar sobre as cobertas. — Sou todo seu.

Meu sexo se contraiu e meu coração flutuou quando olhei para Blake, que se deixou vulnerável e despido – literalmente – para mim.

— Preciso tocar em você — disse eu, nervosa.

— Então, pelo amor de Deus, faça isso. Se não colocar as mãos e esses belos lábios no meu corpo agora, terei você embaixo de mim em cinco segundos. Não vou conseguir me segurar — rosnou ele.

Sorri e aproximei-me dele, com as mãos trêmulas ao finalmente tocar nele exatamente da forma como quisera durante tantos anos. Todas as necessidades que eu guardara explodiram quando minhas mãos encostaram no peito dele. Minhas emoções finalmente *explodiram*.



Capítulo 17



Harper

Eu era uma pessoa preocupada por natureza, uma perfeccionista que se punia se as coisas não estivessem perfeitas. Mas, no momento em que minhas mãos encostaram no corpo perfeito de Blake, todos os meus pensamentos, tudo com que me preocupava, desapareceram da mente.

Meu único pensamento era sobre o prazer de tocar no corpo quente dele até que eu ficasse satisfeita. Até que fosse *ele* quem gritaria o *meu* nome, implorando por misericórdia.

Eu sabia que não tinha muita experiência com aquele tipo de coisa.

Mas, com Blake, eu tinha certeza de que só o que precisava fazer era dar prazer a *mim mesma* para dar prazer a *ele*.

Desci as mãos pelo peito dele, traçando cada músculo bem delineado do abdômen. Em seguida, abaixei a cabeça para correr a língua pelas mesmas linhas, saboreando o gosto salgado da pele dele.

— Harper — disse ele em um tom que parecia muito uma advertência agonizante.

Eu sabia onde ele queria meu toque e finalmente fiz isso quando minha boca desceu um pouco mais. O cheiro masculino dele quase me deixou louca quando passei a mão gentilmente em volta do pênis rígido.

— Lembra-se de quando eu disse que seu pênis era grande demais? — perguntei com voz maravilhada.

— Sim. — Havia um toque de humor na voz rouca dele. — Retiro o que eu disse. Você é perfeito, Blake.

E ele *era* absolutamente esplêndido. O pênis aveludado estava tão rígido que praticamente pulsava nas minhas mãos.

O corpo dele ficou visivelmente tenso enquanto eu o tocava, fascinada por algumas das pequenas coisas sobre a masculinidade de Blake que deveria ter vivido bem antes dos trinta anos.

Quando corri um dedo pelos testículos dele, Blake finalmente estendeu a mão e agarrou meu pulso. — Não. Não sei quanto mais eu aguento. —

Achei que tinha dito que você era todo meu — disse eu com inocência fingida. Não havia nada que me deixasse mais excitada do que saber que Blake estava perto de perder o controle.

— E sou — respondeu ele. — Mas não vou servir para nada se eu gozar e meu pau ficar mole.

Ele estava errado. Muito errado. Blake valia tudo para mim, conseguisse ou não uma ereção. Dar prazer a ele era meu desejo secreto, estivesse dentro de mim ou não.

Ignorando o protesto dele, afastei a mão dele e abaixei a cabeça para sentir seu gosto, usando apenas meus instintos. Ele pertenceria a mim naquele momento e eu aproveitaria a oportunidade de saboreá-lo, como Blake fizera comigo.

O corpo grande dele estremeceu quando minha língua circulou a cabeça macia, lambendo a gota de umidade da ponta. O gosto era masculino, forte e viciante. — Hmmm — murmurei. Em seguida, abri a boca para colocar o pênis dentro dela até onde possível. — Pelo amor de Deus, Harper. Isso é melhor do que as minhas fantasias — rosnou ele, entrelaçando os dedos nos meus cabelos. — Querida, você não precisa fazer isto.

Eu o chupei como se fosse um pirulito, deixando-o deslizar para fora da boca por um momento quando respondi: — Sim. Preciso. Eu quero.

— Caralho! Então pode continuar — disse ele em tom ganancioso.

Não me apressei, saboreando cada gemido que saía dos lábios de Blake, cada movimento de seus quadris, suas mãos agarrando meus cabelos para me guiar para cima e para baixo no pênis. Quando finalmente entrei no ritmo dele, deixei meus dedos escorregadios seguirem minha boca para que conseguisse envolver toda a extensão do pênis rígido.

Eu me senti totalmente imersa nele. Começamos a nos mover em sincronia e os sons ferais que saíam da boca dele me deixaram hipnotizada.

Eu não me importava se estava fazendo as coisas da maneira certa. Só o que queria era dar prazer a ele.

— Harper! Assim não, não desta vez — rosnou ele ao se sentar. Eu teria recuado se ele não tivesse me agarrado, puxando-me para cima de seu corpo.

— Blake, eu queria...

— Eu também queria. Mas quero mais estar dentro de você — disse ele com voz grave ao se recostar na cama. Ele segurou minhas nádegas e puxou-me para cima de sua ereção.

Meu sexo se contraiu ao ouvir as palavras dele, sentindo-se subitamente vazio. Eu precisava dele tão desesperadamente que sabia que teria que tê-lo ou morreria de uma vontade que não me lembrava de ter sentido antes.

Nem mesmo na primeira vez, quando ele me iniciara no ato sexual. —

A camisinha está no bolso do meu pijama — disse ele com voz rouca.

Inclinei-me o máximo possível sobre a cama, saindo um pouco de cima dele, ao procurar a camisinha na calça do pijama.

Eu estava de volta em cima dele em questão de segundos, abrindo a embalagem e lentamente colocando-a com um pouco de ajuda de Blake.

Eu o segurei e baixe o corpo sobre o pênis, molhando a ponta com meus próprios fluidos. Em seguida, desci lentamente, sem saber ao certo o que estava fazendo, mas novamente seguindo meus instintos.

Meu corpo implorava para que ele me preenchesse. E eu o escutei.

— Issso — sibilei de prazer quando abaixei totalmente sobre o pênis de Blake, sentindo-o estender meus músculos internos.

— Harper. Puta merda. Você está acabando comigo — murmurou Blake ao segurar meus quadris.

— Está tão bom assim? — perguntei em tom hesitante.

— Bom e ruim. Mas, no momento, não dou a mínima. Só continue — exigiu ele.

Caí para a frente e apoiei as mãos ao lado da cabeça dele, precisando beijá-lo, ter nossos lábios juntos como estavam nossos corpos.

Eu queria me afogar nele, estar tão ligada a ele que nunca mais ficaríamos separados.

Abaixei a cabeça e Blake agarrou meus cabelos, puxando-me para baixo. O desespero dele era quase palpável quando segurou minha cabeça,

devorando minha boca quase violentamente ao enfiar a língua nela como se quisesse me devorar. Era exatamente o que eu queria. Eu o queria do jeito como eu mesma estava, sem controle e imprudente.

Eu estava sem fôlego quando ele finalmente soltou meus cabelos e deixou-me respirar de novo. Comecei a me sentar, mas Blake colocou a mão nas minhas costas. — Fique aqui. Quero sentir você inteira agora, Harper.

O tom dele foi tão sincero, tão sexy e tão excitado que relaxei sobre ele, enterrando o rosto em seu pescoço.

Blake guiou meus quadris, lentamente no começo, investindo dentro de mim com cada vez mais força enquanto aumentava o ritmo. Acompanhei os movimentos dele, abaixando os meus quadris enquanto ele erguia os seus.

Nossos corpos se encontravam com ruídos de pele contra pele a cada investida.

Gemi contra o pescoço dele, sentindo o corpo inflamar quando ele começou a esfregar meu clitóris a cada movimento.

— Meu Deus, Harper. Parece que esperei uma eternidade para ter isso, para ter você — disse Blake com voz rouca.

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Muito de mim também estivera esperando Blake. Eu sabia que meu corpo sentira falta dele e estivera esperando seu retorno durante doze longos anos.

Mesmo que não houvesse chance para nós, isso não me impedia de sentir falta dele.

— Blake! — gritei ao sentir o clímax aproximando-se.

— Goze para mim, Harper — comandou ele. — Vamos.

Ele começou a investir com mais força, indo mais fundo, parecendo saborear cada investida.

Mordi de leve o pescoço dele quando o orgasmo me consumiu, precisando manter nossa conexão de alguma forma. Em seguida, tracei com a língua o pescoço dele quando meu corpo começou a estremecer com o clímax.

Segurando meu traseiro exatamente onde ele o queria, Blake investiu para cima mais algumas vezes, enterrando-se profundamente em mim.

Ele arqueou as costas e jogou a cabeça contra o travesseiro ao encontrar o próprio alívio.

E, enquanto eu vivesse, sabia que nunca me esqueceria de como ele parecia eroticamente lindo naquele momento.

Ficamos deitados juntos, sem conseguir falar enquanto nos esforçávamos para recuperar o fôlego.

Tive que morder a língua para me impedir de dizer a ele exatamente como me sentia enquanto Blake me segurava sobre seu corpo, sem querer me soltar enquanto nossos corações voltavam ao ritmo normal.

Eu queria dizer a ele que me sentia maravilhosa.

Eu queria dizer a ele que o que acabara de acontecer fora mágico. Mas, principalmente, eu queria dizer a ele que me sentia... amada.

No fim, eu não disse nada porque sabia que aquilo tudo não duraria. Eu o abracei e deixei as palavras sem serem ditas.



Capítulo 18



Harper

Tive notícias de Dani no dia seguinte. Ela telefonou enquanto eu preparava o café da manhã. Blake estava no andar de cima tomando banho.

Rapidamente abaixei o fogo da comida e corri para pegar meu celular que estava sobre o balcão. Torci para ser minha irmã e eu poder finalmente ouvir a voz dela.

Eu me atrapalhei para atender à ligação e estava quase sem fôlego ao dizer: — Alô.

— Ei, mana — disse Dani em tom casual. — Parece que você acabou de chegar de uma maratona.

— Ai, meu Deus. Dani? Por favor, diga que está bem — implorei. —

Estou ok, Harper. Pare de se preocupar.

— Parar de me preocupar? — exclamei. — Você foi sequestrada por um bando de terroristas e quer que eu pare de me preocupar? Até mesmo Mason, Jett e Carter estavam morrendo de preocupação.

Meus três irmãos raramente perdiam a calma por alguma coisa, portanto, o medo que tinham demonstrado desde o sequestro de Dani fora muito incomum.

— Eu estou bem. Só quero dar o fora daqui — reclamou ela.

— Quando você vai sair do hospital? — perguntei ansiosa. — Assim que Marcus, o Imbecil, achar que estou bem o suficiente para fazer a viagem de volta — disse Dani em tom hostil. — Ele é um controlador do inferno.

— Ele resgatou *você* — lembrei.

— Ele traiu *você* — retrucou ela.

— Dani, ele não contou a você? — Marcus estivera na companhia de Dani por tempo suficiente para ter contado a ela a confusão.

— Contou o quê?

Ela soou tão confusa que rapidamente relatei o que acontecera e a verdade sobre Blake ser o irmão com quem eu dormira.

— Então, ninguém traiu ninguém — concluí.

Dani suspirou no telefone. — Ok. Então acho que ele é inocente de ter tirado a virgindade da minha irmã e de ter transado com outra mulher logo depois. Mas, ainda assim, ele é um escroto. Fica me dando ordens como se fosse a porra do meu chefe.

— Tenho que admitir que ele é um pouco... intenso — admiti.

— Intenso? Eu nunca vi o cara abrir um sorriso. E ele age como um maldito ditador.

Sorri porque o temperamento de Dani conseguia ser bem feroz quando ela estava furiosa. — Dê um tempo a ele. Ele arriscou a própria vida para salvar você. — Sim. E ele não me deixa esquecer disso nem por um segundo — respondeu ela secamente.

Encostei o quadril no balcão, abrindo um sorriso mais largo ao imaginar Marcus e Dani juntos. Conhecendo minha irmã como eu conhecia, e tendo conhecido Marcus, concluí que não iriam ser simpáticos um com o outro. — Pretendo encontrar você em Washington quando voltar para os EUA.

— Não! — respondeu ela apressadamente. — Só ficarei lá um dia.

Prefiro encontrar você em Boston. Marcus disse que você irá para lá em breve.

— Por que tenho a sensação de que você quer ficar longe de Marcus?

— brinquei, supondo que Marcus ouvira dizer que eu iria para Boston durante o jantar em família, quando comentei sobre o assunto com Aileen.

— Provavelmente porque eu *quero* ficar longe dele. Desesperadamente.

— E Tate? — perguntei, tentando fazer com que Dani parasse de falar de Marcus.

— Ele é legal — respondeu ela, com a voz um pouco mais leve. —

Infelizmente, ele concorda com Marcus em quase tudo.

Soltei um suspiro exasperado. — Dani, você foi sequestrada, confinada, abusada e passou fome. Não há como estar *bem* depois de uma experiência dessas. Dê uma folga a você e a eles.

— Eu nunca disse que estava perfeitamente bem — respondeu ela baixinho.
— Mas estou ok. — Foi muito ruim?

— Conversarei com você sobre isso depois que eu voltar aos Estados Unidos. Não agora, ok?

Senti que havia coisas que ela ainda não estava pronta para discutir. —

Só estou feliz por você estar segura. Eu amo você.

— Também amo você, mana — respondeu ela com a voz mais emotiva.

— Então, quando você estará em Boston?

Conversamos um pouco mais e dei a ela as informações das minhas hospedagens temporárias em Massachusetts.

— Tem certeza de que não quer que eu vá para Washington? —

perguntei. — Absolutamente não. Responderei às perguntas dos federais e depois vou dar o fora de lá. — Ela hesitou antes de perguntar: — Como foram as coisas com o senador? Não acredito que pensamos que seu primeiro amor sempre fosse Marcus.

— Eu não diria que ele foi meu primeiro amor. Foi apenas uma noite.

— Ora, vamos, Harper. Eu estava lá, lembra? Vi a expressão de coração partido no seu rosto quando você viu Marcus com outra mulher. Ok, sim, não era o cara com quem você tinha ido para a cama, mas vi a dor em seus olhos porque achou que era. Ele foi mais do que apenas um cara que você tolerou na cama. E eu sei como você ficou magoada depois. Sou eu, Dani, sua irmã que sabe de tudo sobre você.

— Foi só uma paquera — insisti.

— É, ok. Chame do que quiser, mas ele significou algo para você.

— Ele significou muito — admiti finalmente. — Mas se passaram anos. Ele é um homem bacana e fico feliz por saber disso agora.

— Você dormiu com ele? — perguntou Dani em tom direto.

— Eu diria que isso não é da sua conta — repreendi.

— Aha! Então dormiu — retrucou ela. — Consigo perceber pela sua resposta.

— Não vou conversar sobre isso — adverti.

— Não precisamos. Sei dizer pelo som de sua voz que aconteceu de novo. Mas isso não é ruim, certo? Quero dizer, você agora é mais velha e

mais experiente. Sabe que ele é um cara bacana. Pode dar certo.

— Sou uma arquiteta que viaja pelo mundo fazendo trabalhos históricos. Blake é um senador dos EUA que viaja entre Washington e o Colorado. Seria impossível ter um relacionamento, mesmo se quiséssemos.

Mas não queremos.

— *Você* não quer ou *ele* não quer?

Suspirei. — Nenhum de nós queria que algo acontecesse. Não me arrependo, mas Blake não estava procurando algo permanente e nem eu.

Você conhece a minha situação. Não posso ter nada em longo prazo. —

Algumas vezes, a gente só precisa descobrir como fazer as coisas —

observou Dani de forma pensativa.

— Já descobrimos. Vou para o meu trabalho em Boston, ele volta para o congresso — retruquei na defensiva. Blake nunca falara sobre o futuro e a última coisa que eu queria era ter meu coração partido pelo mesmo cara...

de novo. Mas, considerando o que eu sentia por ele, seria impossível escapar da dor quando fosse embora.

— Veremos — disse Dani com um toque de humor na voz.

— Cuide-se e não se force a se sentir normal logo. Parece que você precisa recuperar o peso e a força.

— Ai, meu Deus. Agora você está parecendo Marcus.

Revirei os olhos. — Pareço sua irmã mais velha que a ama. —

Desculpe. Eu sei. É só que... realmente preciso de um pouco de distância disto tudo.

Eu tinha certeza de que ela precisava de muitas coisas. Tive vontade de abraçá-la pessoalmente. — Verei você em Boston na sexta-feira à noite.

— Estarei lá. Eu queria dar o fora daqui mais cedo, mas juro, Marcus e Tate têm olhos até nas paredes.

— Então tenha paciência — aconselhei. — São só mais alguns dias.

Dani resmungou, sem prometer que pelo menos não tentaria fugir. Mas eu estava confiante de que Marcus e Tate não a deixariam ir a lugar algum.

Antes que ela desligasse, tive que perguntar: — Por que exatamente você cruzou aquela fronteira? Os rumores sobre você ajudar aqueles garotos são verdadeiros?

Dani ficou em silêncio por um momento antes de confessar: — Os relatos são bem precisos, mas isso não me torna nenhuma heroína. Que adulto poderia deixar aquelas crianças acabarem mortas?

Eu queria dizer a ela que provavelmente muitos deles se isso significasse que poderiam morrer se ajudassem os adolescentes. Ela soubera que seria pega, mas, mesmo assim, rendera-se para salvar alguns garotos.

Dani devia ter ficado aterrorizada, mas ainda os salvara.

— Venha para casa em segurança — disse eu com súplica na voz.

— Eu vou. Prometo. Ficaremos juntas em Boston por algum tempo.

Duvido que meu chefe me deixe voltar para alguma missão em um futuro próximo, especialmente desde que o incidente veio a público.

Nós nos despedimos e desligamos. Coloquei o telefone sobre o balcão e fui mexer as panelas que ainda estavam esquentando no fogão, odiando o momento em que teria que dar adeus a Blake.



Capítulo 19



Harper

—Você fica muito *sexy* quando está concentrada — disse Blake em tom malicioso. Ele estava sentado atrás da escrivaninha em seu escritório.

Ergui a cabeça e encontrei o olhar dele. Em seguida, comecei a me contorcer no sofá do outro lado do aposento.

Nenhum dos dois dissera outra palavra sobre o plano de Blake de nos conhecermos novamente... ou talvez fosse pela primeira vez, já que não tínhamos conversado muito doze anos antes. Só... acontecera. Como eu tivera a chance de falar com Dani no dia anterior, meu coração estava consideravelmente mais leve.

No dia anterior e naquele dia, Blake me levava para passear pelo rancho, mostrando-me como desenvolvia raças mais saudáveis de gado.

Conheci alguns dos funcionários dele, outros pesquisadores que continuavam o desenvolvimento enquanto Blake estava afastado.

Visitamos as novilhas prenhas e cheguei perto de alguns touros bastante irritados. Por sorte, houvera uma cerca entre eu e os machos, o que era o mais perto que queria chegar.

Era um lugar incrível e percebi que Blake amava o que fazia. Algumas das informações sobre DNA e genética foram demais para a minha cabeça, mas Blake estava sempre disposto a explicar.

Finalmente, depois de trocarmos alguns olhares que fizeram meu coração bater mais forte, respondi: — Pareço uma mulher que mal saiu do chuveiro esta manhã, tudo porque um homem louco decidiu que gostava de

sexo matinal e não me deu tempo de colocar alguma maquiagem antes de me arrastar para fora de casa. Estou longe de estar bonita — comentei.

Verdade seja dita, eu estava um caos. Não trocara a calça *jeans* nem a camiseta de manga comprida que usava para andar pelo rancho com ele. Eu estava sentada no meio do sofá do escritório, com metade dos cabelos presa para cima e a outra metade solta, tentando trabalhar no meu projeto para os novos prédios de escritórios em Boston. Com um caderno de desenho na mão, eu estava desenhando quando ele fez o elogio, um de muitos nos dias anteriores que me fizeram imaginar se Blake estava cego.

— Acho que tomarmos banho juntos é a melhor forma que descobri de me livrar da ereção matinal — respondeu ele com um sorriso.

Revirei os olhos. — Você alguma vez para de falar sobre sexo?

Aquela era provavelmente uma pergunta injusta, pois eu nunca parecia pensar em outra coisa quando estávamos juntos. Mesmo depois de andar um dia inteiro pelo rancho em um suéter velho e calça *jeans*, Blake era o cara mais lindo que eu já vira.

— Não — admitiu ele. — Estou sempre pensando em sexo quando você está sentada no mesmo aposento que eu.

— Quer que eu saia? — perguntei, já sabendo que ele diria que não.

Fora Blake quem sugerira trabalharmos juntos no escritório dele.

— Claro que não. Você quer me privar da oportunidade de eu me torturar? Nem pensar.

Eu ri simplesmente porque ele estava sendo ridículo. Blake tinha um senso de humor que eu entendia extremamente bem.

Soltando um suspiro fingido, respondi: — Seria uma pena.

Oportunidades de ser masoquista não aparecem com frequência. — Ferrado com e ferrado sem — resmungou ele ao olhar de novo para o computador.

— O quê?

Ele me lançou um olhar torturado. — Não quero você em qualquer lugar que não seja comigo. Mas também é uma tortura quando você está no mesmo aposento e não estamos transando alucinadamente.

Eu ri antes de voltar a atenção para os meus desenhos, adorando secretamente a forma como Blake sempre me queria perto dele. Não era algo sufocante. Só era uma sensação boa saber que ele queria a minha companhia e que se sentia mais confortável quando estávamos perto um do

outro. Eu nunca tivera aquele tipo de intimidade com outra pessoa antes e saboreei a sensação de ser querida.

— Mesmo que você *não* esteja transando comigo, não há outro lugar onde eu preferiria estar — respondi com sinceridade.

— Digo o mesmo — respondeu ele com voz rouca. — Se não posso transar com você, pelo menos quero ficar perto.

Meu coração ficou apertado com as emoções que as palavras dele despertaram subitamente. Blake mexia comigo, mesmo quando estava falando alguma sacanagem.

Eu nunca sentira felicidade só por estar no mesmo aposento que um homem, mas era exatamente o que acontecia quando estava perto de Blake.

Era algo natural, normal.

Eu ficara sozinha por tanto tempo que me sentia contente na minha própria companhia. Mas talvez eu simplesmente nunca percebera que faltava

alguma coisa, não até que passara algum tempo com Blake.

Não importava se estivéssemos ambos trabalhando. Só de estar no mesmo aposento que ele me fazia perceber como parecíamos estar conectados às vezes. No entanto, também era uma distração e eu não podia evitar olhares ocasionais na direção dele só para estudar as feições fortes e os cabelos curtos que me faziam ter vontade de enrolar os dedos neles.

Ele olhou para cima rapidamente, viu que eu o observava e sorriu ao se reclinar na cadeira. — Você sabe que não estou conseguindo fazer absolutamente nada.

— Sinto muito — respondi baixinho. Porém, eu *não* sentia nem um pouco. A forma como ele olhava para mim me fazia sentir a mulher mais desejada do planeta. Os olhos cinzentos me encaravam de forma tão faminta e intensa que tive que me contorcer novamente.

Por apenas um momento, eu me permiti fingir que a atenção de Blake não era apenas por causa de sexo e imaginei que ele gostava de mim. A expressão no rosto dele era quase igual à que eu vira em Gabe Walker ao olhar para Chloe várias vezes durante o jantar em família... um olhar só para ter certeza de que Chloe ainda estava ao lado dele e feliz.

O sorriso dele ficou ainda mais largo. — Eu não sinto. Eu preferiria ser distraído por você do que não a ter aqui.

Eu sabia que iria para Boston em breve e Blake iria para Washington.

Mas não consegui resistir à gama de emoções que aquele homem me fazia sentir.

O que existia entre eu e Blake nunca me acontecera antes. E eu tinha certeza de que nunca aconteceria novamente. Eu finalmente decidira relaxar e aproveitar.

Eu sentira uma conexão com ele doze anos antes. Eu não teria entregado minha virgindade a ele se não tivesse sentido. Mas o que tínhamos agora era

mais profundo, mais rico. Talvez eu tivesse precisado crescer para perceber como era raro sentir aquilo por um homem.

— Tenho que ir para Boston na sexta-feira — disse eu com um toque de tristeza na voz.

— Hoje é terça-feira. Achei que ia esperar e primeiro ir comigo para Washington na sexta.

— Dani me pediu para não ir para Washington. Ela disse que só vai passar algumas horas lá e depois me encontrará em Boston.

— Ela provavelmente está louca para se afastar de Marcus — observou Blake.

— Talvez. — Na verdade, eu sabia que ele estava certo, mas não queria quebrar a confiança da minha irmã.

Blake se levantou e andou até o sofá, levantando-me sem cerimônia e sentando-se logo em seguida, comigo em seu colo.

Gritei surpresa e, logo depois, agarrei-me nos ombros dele enquanto ele se acomodava em uma posição confortável.

— Não gostei. Isso me dá muito menos tempo do que achei que tinha

— resmungou ele.

— Tempo para o quê? — Olhei para ele, certa de que a pergunta também estava nos meus olhos.

— Para que você entenda que o que aconteceu entre nós doze anos atrás foi especial e que eu nunca conseguiria traí-la naquela época —

retrucou ele. — Você passou mais de uma década me odiando. Não quero mais que se sinta assim.

— Não sinto — garanti, brincando gentilmente com os cabelos dele. —

E não odiei *você*. Eu odiei Marcus. — Mas eu também não odiara realmente o irmão gêmeo de Blake. Eu odiara o mal-entendido que acontecera e um homem que nunca existira de verdade.

— Mas você achou que eu a tinha usado. Admita — retrucou ele.

— Achei. Mas isso acabou, Blake. Não odeio *você*. Nunca consegui, mesmo quando achei que *você* tinha me traído. Aquela noite foi especial demais para mim. — Claro, eu queria desprezá-lo, mas, antes que minhas emoções conseguissem ficar tão negativas, eu vira a face do jovem que estivera lá para me confortar e proteger. Do jovem que me lançara em um mundo de prazer sensual que eu nem sabia que existia. E finalmente me levava para casa, o lugar a que eu pertencia.

Blake passou os braços em volta da minha cintura. — Eu sempre quis saber como as coisas tinham se saído, mas nunca quis mencionar a ninguém a noite que passamos juntos. Você acertou as coisas com seus pais?

Assenti. — Sim, acertei. Conversamos durante a maior parte do dia e da noite. Admiti que eu fora uma escrota egoísta. E eles se perguntaram se tinham me protegido demais.

— O que decidiram?

— Decidi que amava os dois e que eles sempre tentaram me dar tudo o que eu queria. Talvez fosse demais e fácil demais para uma jovem ter tanta liberdade. Mas não importava. Ficamos próximos depois daquilo. Eles apoiaram todas as minhas escolhas, até mesmo a decisão de estudar na Califórnia. — Suspirei. — Olhando para trás, eu queria ter estudado lá mesmo. Só nunca me ocorreu que eu os perderia tão jovens.

Blake passou a mão nos meus cabelos. — Não faça isso, Harper. Não havia como prever um acidente aleatório como aquele.

— Racionalmente, eu sei disso. Mas não consigo evitar arrependimentos ocasionais. Eu os encontrava em todas as férias que tinha da faculdade, mas perdi muito por não estar aqui no Colorado. — Soltei um suspiro trêmulo antes de acrescentar: — Eu queria visitar o túmulo deles. Não fui lá desde o

funeral. Não voltei aqui. Estávamos todos tão chocados que nem sei exatamente onde é.

— Eu sei. Posso levar você — disse Blake gentilmente.

Franzi a testa para ele. — Mas você estava fora daqui. Não foi ao funeral. Ele deu de ombros. — Mas já fui visitar desde então. Fui com mamãe algumas vezes e tento ir e deixar algumas flores quando estou aqui.

— Por quê? — perguntei atônita.

Ele deu de ombros de novo. — Eu sabia que vocês todos tinham se mudado para longe. Eu gostaria que alguém fizesse o mesmo por mim caso

não pudesse ir lá com frequência. Vou lá para falar com o meu pai às vezes.

Não sei se ele me ouve, mas sempre me sinto melhor depois.

Meu coração ficou apertado quando vi a expressão solene dele. — Você era tão jovem quando ele faleceu.

— Ainda sinto falta dele — respondeu Blake em som sombrio. — Não acho que a dor de perder o pai ou a mãe desapareça. Só fica menos aguda.

Ele tinha razão. Meu coração doeu pelo garoto que Blake fora quando o pai dele falecera em um acidente ainda mais estranho do que o que matara meus pais. — Obrigada por visitar o cemitério quando nós não podíamos.

— Não é nada demais — respondeu ele, mas apertou os braços um pouco mais em volta da minha cintura.

Coloquei a mão no ombro dele e passei os braços em volta de seu pescoço. Ele tinha um cheiro tão gostoso, era tão quente e tão real que desfrutei da sensação de prazer só de estar perto dele.

Blake era provavelmente um dos homens mais complexos e mais gentis que eu já conhecera. — Minha mãe amava a sua como se fosse uma irmã —

contei a ele.

— Eu sei. Mamãe ainda sente pesar por ter perdido a melhor amiga —
comentou Blake.

Ficamos sentados juntos em silêncio, confortáveis nos braços um do outro. Não foi constrangedor nem difícil. Na verdade, pela primeira vez desde que eu voltara para Rocky Springs, senti que estava realmente em casa.



Capítulo 20



Blake

— Está feliz por não ter mais que ser Marcus? — perguntou Harper com curiosidade ao nos sentarmos em um pequeno restaurante mexicano para jantar em Rocky Springs no dia seguinte.

Como prometido, tínhamos visitado o túmulo dos pais dela e o túmulo do meu pai. Harper insistira em comprar as flores para o meu pai, além das flores para os pais dela. Ela dissera que cada flor colhida tinha significado, mas eu só conseguia me lembrar da expressão solene dela enquanto decorava os túmulos com belas flores que provavelmente estariam murchas no dia seguinte. Ainda fazia frio nas montanhas do Colorado à noite. Mas Harper não parecera se importar. Ela fora categórica em colocar cada uma das flores. Tive que admitir que o local de descanso do meu pai nunca parecera tão bonito.

Ao ficarmos parados ao lado de cada túmulo, compartilhamos algumas das melhores lembranças de nossos pais. Algumas das coisas que me vieram à mente sobre meu pai eram coisas em que eu não pensara em anos.

Considerarei a pergunta dela por um momento antes de responder: —

Quando éramos crianças, eu *queria* ser Marcus.

Harper ergueu a cabeça e franziu a testa. — Por quê?

— Ele sempre soube qual seria o próprio futuro e era corajoso. Eu achava que ele não tinha medo de nada. E éramos bem próximos naquela época.

— Não são próximos agora? — perguntou Harper.

— Não sei se alguém consegue ser realmente próximo de Marcus. Ele mudou. Tínhamos a conexão que as pessoas mencionam sobre gêmeos idênticos. Quase conseguíamos sentir as emoções um do outro. Mas, quando ele começou a viajar pelo mundo, nós nos afastamos. — Eu ainda não tinha certeza do que acontecera. — Desde que comecei a ajudá-lo, cobrindo seus desaparecimentos, ficamos mais próximos de novo, mas nunca mais foi a mesma coisa de quando éramos crianças.

— Também nunca mais somos tão inocentes — disse Harper pensativa.

— Algumas vezes, quando ficamos mais velhos, queremos manter mais coisas para nós mesmos. — Quais são os seus segredos? — perguntei a ela, pois realmente queria saber.

Ela deu de ombros. — Algumas coisas não precisam ser ditas jamais.

— Em seguida, ela sorriu. — Pessoalmente, fico feliz por você não ser Marcus e por não querer mais ser ele. Você é maravilhoso do jeito como é.

— Se você acha isso, então também fico feliz por não querer ser Marcus. — Como gêmeos idênticos, talvez meu irmão e eu tivéssemos passados por algumas crises de identidade na juventude, mas tínhamos nos tornado adultos muito distintos.

— Você encontrou o seu lugar, o seu destino — comentou Harper. —

Só demorei um pouco mais que Marcus. Ele sempre soube que cuidaria da empresa do meu pai. Nenhum dos outros estava remotamente interessado em fazer isso.

— Então você finalmente descobriu que tinha o mesmo talento para ciência que Zane? — perguntou Harper ao colocar o guardanapo sobre o prato ao terminar de comer. — Não tão depressa quanto Zane. Ele sempre teve um dom científico, mesmo quando criança.

Ela tomou um gole do vinho antes de comentar: — Algumas vezes, demora um pouco mais para descobrir qual o seu lugar na vida.

Eu sabia muito bem que ela se referia ao próprio despertar tardio de querer fazer algo na vida, em vez de ser apenas a filha de um homem rico.

— Como você, descobrindo que queria preservar prédios históricos enquanto melhora o restante das instalações?

Ela riu, um som genuíno que me deixou com o coração apertado.

Harper era linda quando sorria e sua alegria era quase contagiante. Ela deixara os belos cabelos loiros soltos, mas ainda vestia *jeans* e um velho

suéter da universidade. A zona de conforto dela parecia ser roupas casuais, o que ficava muito bem nela.

— Eu sempre gostei de prédios velhos — explicou ela. — Quando escolhi fazer arquitetura, foi porque eu sempre fui boa em criar, em visualizar lugares como achei que deveriam ou poderiam ser. A área específica aconteceu completamente por acidente, mas eu a adoro. Não gostaria de fazer nenhuma outra coisa.

— Você é boa — comentei com sinceridade. Eu vira fotos de alguns dos projetos dela. Harper tinha visão e talento incríveis.

— Obrigada — murmurou ela. — Gosto de pensar que deixei uma pequena parte de mim mesma em cada trabalho.

Eu não tinha dúvidas de que ela deixara um pedacinho de sua *alma* em todos os locais que projetara. Pois isso era parte da personalidade dela. Em tudo o que ela fazia, parecia se dedicar de coração e alma.

Até mesmo a tarefa simples de colocar flores em um túmulo.

Ou comprar propriedades para construir um abrigo para os sem-teto em cidades que precisavam desesperadamente de um.

Eu me lembrava de como quisera ajudar Harper a auxiliar mais pessoas sem-teto. — Eu gostaria muito de estabelecer seu trabalho com os sem-teto como uma instituição de caridade oficial. Tem certeza de que concorda com isso? Conheço muitas pessoas que seriam apoiadoras e fariam doações.

Harper inclinou a cabeça, como se estivesse pensando nas implicações de seu trabalho se tornar uma instituição de caridade oficial. Ela parecera concordar com a ideia antes, mas eu queria ter certeza de que não mudara de ideia antes de começar a preparar a papelada.

— Acho que eu gostaria de ir em frente, caso você ache que ajudará mais pessoas sem um teto sobre a cabeça. No momento, só estou trabalhando em um abrigo temporário, mas é apenas uma parte pequena de uma solução. Precisamos de habitações de longo prazo para essas pessoas, trabalhadores em saúde mental e muito mais recursos do que eu poderia fornecer.

Percebi a paixão na voz dela quando ela começou a falar sobre seu trabalho com pessoas que precisavam de habitação. Ela era incrível. Aquele incidente doze anos antes tinha impactado a vida dela de forma muito significativa. Somente alguém com um coração imenso continuaria a se importar tanto. Harper podia falar sobre como fora mimada na infância,

algo que eu sabia em primeira mão, mas ela fora produto do isolamento do mundo real. Ela crescera para se tornar a mulher mais incrível que eu já conhecera.

— Vou cuidar de tudo — garanti a ela. E eu realmente queria me envolver. Harper começara algo importante e eu queria ajudá-la a fazer isso crescer. Talvez uma instituição de caridade não conseguisse lidar sozinha com o problema dos sem-teto no país, mas certamente conseguiria algum progresso.

Ela assentiu. — O que faremos amanhã?

Para ser sincero, eu tentava não pensar muito no dia de amanhã, o último dia dela comigo em Rocky Springs.

— Não quero que isto termine, Harper. Não em uma sexta-feira. Por que precisa terminar? Posso visitar você em Boston. E você pode ir a Washington. Tenho um jatinho particular à minha disposição. Ainda poderemos nos encontrar. — Eu já sentia uma dor no peito só de pensar em Harper me deixar. Ela balançou a cabeça devagar. — Relacionamentos de longa distância raramente funcionam, Blake. Nós dois sabemos que nosso estilo de vida e nossa personalidade não são adequados para um arranjo casual de longa distância. A última coisa que *qualquer* relacionamento que eu tivesse com Harper seria era *casual*. Eu queria complicar tudo, vê-la a cada momento em que estivesse fora do trabalho. E isso não queria dizer uma vez por mês ou a cada poucos meses. Eu queria que ela fosse... minha.

— Não importa. Ainda quero. Ainda quero ver você.

Harper ficou em silêncio ao me encarar por sobre a mesa. Finalmente, ela balançou a cabeça de novo. — Não vai dar certo para mim. Desculpe. A única coisa que poderemos ser é amigos. E não acho que eu consiga ser sua amiga. Eu desejaria... mais. — Então tenha mais. Não é como se eu não estivesse disposto a lhe dar tudo o que deseja.

Jesus! Ela não entendera? Eu esperara minha vida adulta inteira para que ela aparecesse. Nunca houvera outra pessoa para mim além de Harper, e nunca haveria. Se ela partisse de novo, eu ficaria completamente inútil, destruído.

Talvez, antes de reencontrá-la, eu teria conseguido colocar Harper em um compartimento separado e não pensar nela. Porém, isso não daria mais certo.

Eu a encarei, assistindo enquanto ela engolia em seco e evitava olhar diretamente para mim ao dizer: — Não é você o problema, Blake. Sou eu.

Nunca conseguirei dar a você o que merece.

Ela se levantou e começou a vestir o casaco, mal me dando tempo de pagar a conta antes de sair do restaurante.

Eu a segui, furioso por não conseguir entender o que havia de errado, por que não poderíamos fazer com que desse certo. Talvez não fosse a melhor das situações, mas, ao encontrar a pessoa com quem alguém desejava passar o resto da vida, era possível fazer compromissos.

— Harper! — Segurei o braço dela e virei-a para me encarar quando ela correu para o carro. — Podemos resolver isto. Sei que podemos.

— Não podemos — disse ela com teimosia. — Por que não?

— É pessoal, Blake. Mas acredite, o problema sou eu. Você é um cara incrível e, se eu fosse uma mulher normal, faria de tudo para mantê-lo na minha vida.

Os olhos cor de esmeralda brilharam com lágrimas. Meu coração se despedaçou ao vê-la daquele jeito. Alguma coisa a atormentava e eu queria saber exatamente o que era para poder eliminar o problema. — Por que você não é normal?

Não havia absolutamente nada de errado com ela. Para mim, ela era perfeita.

— Não pode só aceitar que nunca teremos nada além do tempo que tivemos nas últimas semanas?

— Não, caralho, não posso — respondi em tom duro. — Não posso aceitar que nunca mais nos veremos. Não posso aceitar que não temos como resolver isto. E com certeza não posso aceitar que você não goste de mim como gosto de você.

A expressão dela ficou distante. — Você precisa. Vou embora e não poderei encontrar você de novo.

— E se você estiver grávida? — perguntei em tom desesperado.

— Não vamos pensar nisso. Você quer mesmo ser pai? — Ora, sim.

Claro que quero. Se você estiver grávida, quero que fiquemos juntos. Quero que fiquemos juntos mesmo se você não estiver grávida agora.

— Não estou grávida — disse ela em tom direto. — Mas mandarei uma mensagem assim que souber com certeza.

Ela puxou o braço, virou-se e começou a andar para o carro.

Eu estava magoado e furioso, mas tinha que enfrentar a verdade, lidar com ela. Ela só... não me queria.

Não havia nenhum outro motivo para que ela não quisesse resolver aquilo de alguma forma. E a última coisa que eu queria era bancar o idiota por causa de uma mulher que não queria nada além de sentir o mesmo prazer que tivéramos juntos doze anos antes.

Eu queria negar isso, mas a única desculpa real dela para me afastar fora o fato de não querer um lugar permanente na minha vida. Talvez fosse por isso que dissera não ser normal. Ela não queria grandes compromissos nem responsabilidades.

Depois de respirar fundo e soltar o ar lentamente, segui-a até o meu veículo, determinado a, de alguma forma, salvar um pouco do meu orgulho.



Capítulo 21



Harper

Passei o meu último dia em Rocky Springs evitando Blake. Eu dissera a ele que não estava sentindo-me bem e queria descansar.

Mas eu sabia que ele não tinha acreditado na minha desculpa.

Meu Deus, partia meu coração magoá-lo desse jeito, mas que opção eu tinha? Não podia ter um compromisso permanente com ele, apesar de meu coração nunca ter desejado outra coisa. E eu não aguentava ficar perto dele sem implorar para que me aceitasse, com todas as minhas imperfeições.

Não, certamente era melhor ficar afastada, mas não fora fácil. Quando percebi que ele saía da casa para verificar algumas coisas no rancho, fui nadar na piscina interna e, em seguida, tentei desesperadamente relaxar na banheira quente. Voltei para o andar de cima, tomei um banho e tentei ler um livro.

Nada, realmente nada, conseguia tirar minha mente do fato de que eu preferia ficar no rancho com Blake do que fazer qualquer outra coisa.

Meu Deus, como isso tudo acontecera? Como eu chegara ao ponto de deixar Blake parecer que estava deixando uma grande parte do meu coração e da minha alma para trás?

Meu coração já estava partido quando finalmente deixei o livro de lado.

Tudo dentro de mim dizia que eu deveria contar a verdade a Blake. O

problema era que ele provavelmente me diria que era ok eu não ser normal e que poderíamos resolver tudo.

Mas eu sabia que não havia como me consertar. Eu sabia que o que estaria à nossa frente como casal seria um caminho feio que poderia muito bem terminar destruindo nós dois.

Blake merecia tudo o que queria: amor e uma família. Ele deveria ter uma esposa que o consideraria o mundo dela. E uma capaz de amá-lo como ele queria.

Furiosa, limpei as lágrimas. Desejar que eu pudesse ser dele era egoísmo. Sim, eu queria Blake. Quisera desde o momento em que ele fora resgatar uma garota boba de dezoito anos de um abrigo para pessoas sem-teto tantos anos antes.

O problema era que as coisas tinham mudado desde que nos conhecêramos doze anos antes. E ele não era mais apenas uma paquera minha.

Eu era uma mulher e amava Blake com todas as fibras do meu corpo.

Aquele amor mais maduro me fez perguntar a mim mesma se queria dar a ele parte da vida que queria. Ou se ele deveria ter tudo.

A resposta para mim era simples. Eu o amava. Blake merecia ter tudo e isso não incluía uma mulher como eu.

Eu estava muito inquieta e fiquei andando de um lado para outro no quarto, tentando descobrir o que fazer comigo mesma. Pensei em sair para uma caminhada, mas eu notara o que parecia chuva congelada mais cedo e tinha certeza de que ela se transformaria em neve mais tarde. Finalmente, coloquei uma calça de moletom, uma camiseta e um par de tênis. Em seguida, fui para a parte da casa onde vira uma academia de ginástica.

Se eu não encontrasse uma forma de queimar um pouco da minha energia nervosa, acabaria perdendo a cabeça.

Eu tinha aberto apenas uma fresta da porta quando ouvi um barulho constante, rápido e furioso, proveniente da academia.

Blake? Eu achava que ele ainda estava fora de casa.

Empurrei a porta um pouco mais e espiei.

A academia de ginástica era imensa, considerando que era uma instalação residencial, com teto alto. Havia tapetes para exercício e muitos equipamentos que eu nunca vira. Não que eu fosse viciada em exercícios.

Minha preferência era andar ao ar livre e aproveitar a vista enquanto me exercitava.

Observei o homem grande, de costas para mim, pulando corda em uma velocidade que fazia com que ele e a corda parecessem borrões. Ao focalizar melhor, a corda continuou borrada por se mover tão depressa, mas

não tive dúvidas de quem era o homem forte que se exercitava. Ele estava nu da cintura para cima, vestindo apenas uma calça de moletom leve.

Prendendo a respiração, fiquei imaginando por quanto tempo ele manteria o ritmo punitivo, mas finalmente tive que soltar o ar antes de desmaiar. Ele continuou, sem diminuir o ritmo por um momento sequer.

Entrando, sentei-me em um canto, torcendo para que ele não me visse e eu não interrompesse seu exercício.

Pareceu demorar uma eternidade até que ele finalmente soltou a corda e fiquei surpresa ao vê-lo ir até um saco de pancada pendurado do teto. Ele ficou completamente imóvel por um momento e em seguida, começou uma série de chutes. Os pés voaram alto quando ele atingiu várias das marcas no saco, que balançava e voltava. Mas ele sincronizou os chutes tão bem que o saco mal chegava perto dele antes de ser atingido de novo. E de novo.

Eu o vi se mover com a graça de uma bailarina e a força de um tigre furioso. Encolhi-me no canto quando ele girou para dar um chute incrivelmente fluido e rápido, mas tive certeza de que se virara tão depressa que não me vira.

Porém, eu estava errada.

Ele parou e virou-se, com as mãos nos quadris e a respiração pesada.

— Achei que tinha decidido se esconder no seu quarto até que estivesse pronta para ir embora — disse ele, meio sem fôlego.

Levantei-me, pensando na pergunta dele, mas não afastei os olhos do corpo coberto por uma fina camada de suor. — Uma vez você me disse que gostava de artes marciais. Parece que ainda gosta.

Avancei, percebendo que estava fazendo a única coisa que jurara nunca mais fazer.

Eu tinha que me esconder, fugir.

Ele pegou uma toalha de cima de uma bancada e esfregou-a no rosto e no peito. — Taekwondo. Faixa preta. Sim. Ainda tento manter minhas habilidades. É mais fácil quando tenho um parceiro de luta, mas Marcus é meu único adversário decente e, obviamente, ele não está disponível.

— Então isso torna você uma arma letal? — perguntei brincando.

Ele jogou a toalha em um cesto perto do tapete. — Nunca — respondeu ele em tom sério. — Se você encontra uma pessoa que realmente pratica a arte, ela seria a primeira a se afastar da luta, em vez de piorá-la. Uso o que sei somente se preciso usar.

Blake era forte, poderoso, mas nunca usava a força e o treinamento para ferir alguém, se pudesse evitar. Admirei essa atitude ainda mais do que suas habilidades.

Dei de ombros. — Lamento não poder ajudar. Não sei absolutamente nada sobre artes marciais.

Os olhos cinzentos dele encontraram os meus e ele assentiu. — Eu sei.

Você gosta de caminhar. — Gosto, mas parece que vai nevar e resolvi descer para ver se conseguia encontrar outra coisa para fazer.

— Energia nervosa? — perguntou ele. Eu assenti.

— Fugir das coisas faz com que isso aconteça às vezes — respondeu ele em tom solene.

— Blake, eu...

— Não — advertiu ele, cerrando o maxilar com força. — Não me diga que não é isso que está fazendo.

— Não vou — respondi em tom sombrio. — Porque eu estaria mentindo. Gosto de pensar que parei de fugir, mas não parei. Não desta vez.

— Então por que está fazendo isso? — Ele me encarou e a intensidade de seu olhar foi constrangedora.

Eu me contorci de forma desconfortável. — Circunstâncias que estão fora do meu controle. Sinto muito.

— Pelo amor de Deus, só me diga qual é o problema, Harper. Farei qualquer coisa ao meu alcance para corrigir. Mas, por favor, não me deixe de novo. Não desta vez.

Encarei os olhos escuros e tempestuosos dele. A indecisão me deixou imóvel.

Eu poderia de verdade falar para ele?

Eu já repassara aquilo na mente um milhão de vezes, mas não resultaria em nada bom contar a ele por que tinha que ir embora, por que não poderia continuar nosso relacionamento.

— Tenho que ir — disse eu ao abaixar os olhos para não ver o rosto dele. Ele avançou muito depressa, erguendo meu queixo rudemente para que eu fosse forçada a encará-lo de novo. — Que merda, essa não é você,

Harper. Você não foge, não se esconde. Fomos sinceros um com o outro desde o início. Você sabe muito bem que não quero ver o que existe entre nós acabar. Nem agora nem nunca. O que mais quer que eu diga?

Meu coração batia com muita força e minha respiração estava irregular quando olhei para ele, com medo de meu coração estar nos meus olhos.

Memorizei as feições maravilhosas e a necessidade feroz nos olhos dele.

Eu me odiei muito por obrigá-lo a ser quem o deixaria vulnerável. Não era justo, pois eu precisava dele tanto quanto ele precisava de mim. Mas eu o amava demais para mantê-lo preso a mim.

Balancei a cabeça lentamente. — Nada. Não quero que diga mais nada.

— Está bem — disse ele. — Então isto servirá.

Os movimentos rápidos dele me jogaram no tapete em questão de segundos. Nós dois estávamos ajoelhados e virados um para o outro.

Eu não sabia como ele tinha feito aquilo, mas não me machucara.

Colocando a mão rapidamente atrás da minha cabeça, ele me puxou para perto e abaixou a cabeça para me beijar.



Capítulo 22



Harper

Eu estava perdida no momento em que nossas bocas se encontraram.

Blake começou atacando meus lábios, invadindo minha boca com a língua e possuindo-me completamente, de corpo e alma. Gemi contra a boca de Blake e passei os braços em volta do pescoço dele.

A pele dele ainda estava suada e quente. Corri as mãos pelas costas dele, saboreando cada momento de contato com a pele nua.

Ele estava muito quente e vivo. Gemi baixinho quando ele mordeu meu lábio inferior, como se estivesse reclamando-me com cada mordida leve na minha pele e cada movimento da língua.

— Blake — disse eu, inclinando a cabeça para que ele conseguisse alcançar com a boca cada centímetro de pele nua que encontrasse.

Ele se levantou subitamente. — Já que vai me deixar, vou lhe dar algo para se lembrar — disse ele ao tirar os sapatos e abaixar a calça até os tornozelos.

Em momentos, eu estava olhando para ele, completamente nu. Meu corpo tremia de um desejo profundo, que me invadiu depressa. Segurei o pênis

rígido que estava bem à frente do meu rosto. — Temos negócios não terminados — lembrei.

— Harper. Não — disse ele com voz rouca.

Lambi a cabeça sensível enquanto o segurava firmemente com a mão direita. Ele não me afastou, o que me deu a certeza de que queria que eu continuasse.

Ele enterrou as mãos nos meus cabelos, soltando a presilha e deixando que os cachos caíssem sobre meus ombros.

Entrei em um ritmo que pareceu deixá-lo louco, pois apertou as mãos nos meus cabelos. Ele guiou meus movimentos enquanto eu o enfiava mais fundo a cada movimento dos quadris dele. Toquei nos testículos com a mão livre, provocando-os. Em seguida, movi a mão e acariciei o traseiro mais firme que poderia imaginar.

Ele gemeu meu nome, o que me deixou ainda mais excitada. Passei os dedos livres na minha boceta e, em seguida, acariciei o traseiro dele novamente, desta vez usando um dos dedos úmidos para pressionar o ânus.

Não cheguei muito longe antes de começar a resistência. Dobrei um pouco o dedo para acariciá-lo por dentro.

— Caralho, Harper. Vou gozar. — A voz dele era feral e irreconhecível.

Ele agarrou meus cabelos com mais força e continuei a mover o dedo para dentro e para fora do ânus enquanto tentava dar um boquete que Blake nunca esqueceria.

O pênis pareceu inchar dentro da minha boca e ele puxou meus cabelos até doer. Mas, finalmente, o sêmen se derramou na minha boca e eu o engoli, saboreando os gemidos selvagens e eróticos que explodiram dele ao gozar de forma violenta.

Lambi o restante do sêmen que ainda estava no pênis. Sorri quando ele se abaixou sobre o tapete e jogou-se de costas. — Jesus! Acho que você me

matou — murmurou ele enquanto tentava recuperar o fôlego.

Sentei-me no tapete, observando enquanto a respiração dele normalizava.

Alguns minutos depois, ele se moveu rapidamente e prendeu meu corpo sob o seu antes mesmo que eu conseguisse pensar em me afastar. —

Por que diabos você fez aquilo? — perguntou ele. — Por quê?

Olhei para ele e respondi: — Eu só queria fazer com que você se sentisse bem.

— Eu me senti bem. Mas, pelo amor de Deus, não consigo entender você — resmungou ele antes de colocar a boca sobre a minha. — Mulheres não fazem um boquete desses para um cara que não querem ver nunca mais.

O que Blake não entendia era que não era que eu não *quisesse* vê-lo de novo. Eu não *podia*.

Ele me beijou até que eu ficasse sem fôlego. Passei os braços em volta dos ombros suados dele, tentando lhe dar tudo que eu tinha no coração e na alma com aquele abraço.

Recuando, ele me colocou sentada e puxou a camiseta sobre a minha cabeça. Em seguida, parou antes de jogá-la longe. — Esta camiseta é minha

— disse ele incrédulo. — A que deixei você usar doze anos atrás.

— Eu a guardei — admiti.

Não importava quantos anos tinham se passado, por algum motivo, eu nunca conseguira jogar fora aquela camiseta velha. Talvez fosse porque era a única coisa que eu tinha que pertencia a ele.

Blake a jogou longe. Em seguida, tirou o restante da minha roupa e jogou-a na mesma pilha.

Soltei uma exclamação quando ele se virou novamente para mim e abaixou o corpo até estarmos pele contra pele.

— Você pode fugir, Harper, mas saiba que sempre vou encontrá-la —

prometeu ele em tom grave, erguendo as minhas pernas e colocando-as em volta da cintura. — É o nosso destino estarmos assim.

Com uma investida, Blake deslizou suavemente para dentro de mim, esticando-me por dentro até que eu estivesse preenchida totalmente por ele.

— Isso! — sibilei eroticamente, com uma reação completamente carnal e primitiva. — Trepe comigo. Por favor.

Não havia como discutir que estávamos destinados a ficarmos unidos.

A sensação era tão profunda que não adiantava negar a verdade.

Era nosso destino ficarmos juntos.

Mas a realidade nos separaria.

— Sinta-me, Harper. Diga-me que não é certo — rosnou ele. — Trepe comigo — respondi. — Eu sinto que é certo, sim.

Por enquanto, ele vencera. Eu me perdi em cada toque, em cada investida do pênis enorme enquanto ele me possuía mais completamente do que imaginei ser possível.

Nossos corpos se moviam juntos freneticamente, chegando cada vez mais perto do prazer máximo.

Parte de mim queria ir mais devagar, aproveitar o momento. Mas Blake determinava o ritmo, esfregando-se contra minha boceta molhada com cada investida brutal.

O orgasmo me atingiu com força, deixando-me trêmula enquanto eu gritava o nome dele: — Blake. Isso. Mais forte.

— Você é tão maravilhosa, querida — murmurou ele. — Goze bem gostoso. Eu gozei, agarrando-me a ele enquanto espasmo após espasmo percorria meu corpo em um clímax quase doloroso. Não fechei os olhos

porque queria observá-lo. Ele recuou, segurou minhas coxas e jogou a cabeça para trás ao investir mais algumas vezes. Percebi o olhar agoniado no rosto dele antes que saísse do meu campo de visão. Os músculos do pescoço dele ficaram tensos quando ele atingiu o orgasmo.

Ele desabou sobre mim, ofegante.

— Não vou deixar você ir embora, Harper. Não vou. Não posso.

Empurrei o peito dele com força. — Hoje à noite não, ok? — supliquei.

— Venha comigo. Tome banho e durma comigo.

Era minha última noite e tudo o que eu queria era ficar perto dele. Não importava que as lembranças me torturassem mais tarde. Eu queria viver para aquela noite porque era tudo o que tinha.

Ele se levantou e estendeu a mão. Eu a segurei, deixando que ele me ajudasse a levantar.

— Fizemos de novo, esquecemos da camisinha — disse ele com voz rouca.

— Não pense nisso agora — pedi com voz suplicante, colocando os dedos sobre os lábios dele. — Se alguma coisa acontecer, avisarei você.

Ele assentiu e pegou-me no colo, segurando meu corpo nu nos braços ao sair da academia em direção ao quarto dele.

Pouquíssimas palavras foram ditas naquela noite. Tudo foi dito com nossos corpos. Dormi nos braços dele, completamente exausta, até a manhã seguinte.



Capítulo 23



Harper

—Por favor, não me diga que saiu de lá escondida sem se despedir de Blake — disse Dani com decepção na voz ao se deitar no sofá do meu alojamento temporário em Boston. Ela estava lendo uma revista, mas eu sabia muito bem que ouvia tudo o que era dito.

Sentei em uma cadeira do apartamento mobiliado com um saco de batatas fritas, jogando-as na boca sem nem pensar no que estava comendo.

Dani chegara no dia anterior e ver o rosto dela fora a única coisa que conseguira me deixar feliz. — Eu não *saí escondida* — objetei, apesar de *ter* feito isso. Eu não conseguiria lidar com uma despedida de Blake.

Também tivera medo que, se tivesse feito isso, acabaria cedendo e contaria tudo a ele. — Peguei um voo de manhã cedo e precisava devolver o carro que aluguei. Precisava sair cedo e não quis acordá-lo.

Dani ergueu o olhar da revista, jogando-a de lado, e revirou os olhos ao olhar para mim. — Você é uma escrota. Fugiu, sim. Por quê?

Para quem ficara prisioneira em condições deploráveis, Dani parecia muito bem. O rosto dela ainda estava machucado e ela estava incrivelmente magra. Mas comia como um cavalo e eu tinha certeza de que logo recuperaria o peso perdido. Ela cortara os cabelos em um estilo muito bonito, que deixava seus olhos enormes e lindos.

Eu tivera que insistir várias vezes para que ela descansasse. Ela queria sair e explorar Boston, o que provavelmente significava que queria

encontrar uma boa história. Porém, ela precisava descansar. As costelas quebradas ainda causavam muita dor, apesar de ela raramente reclamar.

— Por quê? — perguntou Dani de novo quando não respondi.

— Ok. Sim. — Coloquei mais algumas batatas na boca antes de responder: — Eu estava com medo.

— Você se apaixonou por ele, certo?

Assenti lentamente enquanto continuava a mastigar as batatas.

— Harper, entendo que esteja hesitante, mas, quando pensei que morreria, as coisas sem importância não tinham mais sentido. A única coisa com que me preocupei de verdade foram as pessoas que amo e quanto queria voltar para elas. Tive arrependimentos, talvez porque havia tantas coisas que não me esforcei o suficiente para resolver. — Ela se levantou e espreguiçou-se, tirando o saco de batatas fritas da minha mão antes de se jogar lentamente no sofá de novo.

— Dani, você sabe que não posso me casar com ele — argumentei.

Ela terminou de mastigar antes de responder: — Sinceramente, Harper, não, não sei. Se você parasse com toda essa bobagem e contasse a verdade a ele, teria duas opções. Ou ele a ama o suficiente ou não ama. É bem simples. Parece que você nem deu uma chance a ele. É tão injusto. E você é a pessoa mais justa e gentil que conheço.

— Se eu fizesse isso, sei que ele diria que está tudo bem e que lidaríamos com o problema — disse eu em tom triste. — Mas não acho que estaria tudo bem. Ele terminaria se arrependendo quando a novidade passasse.

— Ora, pelo amor de Deus, você não sabe disso. Quando foi que se tornou tão pessimista? Esse é o meu trabalho.

Eu normalmente era animada e positiva, mas não me sentia assim naquele momento. Eu me sentia deprimida, com o coração partido e tão solitária que minha alma gritava por Blake. — Desde que me apaixonei por um homem que merece o mundo — respondi em tom solene.

— Ele merece *você*. Parece que *você* é o mundo dele — retrucou Dani.

— Não existe garantia de felicidade, Harper. Ora, como sabe que ele não morrerá amanhã? Como sabe que isso não acontecerá com você? Qualquer um de nós pode sumir desta Terra em um instante. Jurei nunca mais deixar que nada me impedisse de conseguir o que quero. Não quero ter nenhum arrependimento — disse ela. — E também não quero que você tenha.

Eu já tinha arrependimentos e todos eles envolviam Blake Colter. — E se ele acabar se ressentindo de mim? — perguntei.

— E se ele não fizer isso? E se ele nunca se casar porque não pôde ter a mulher que queria? Você me disse que foi a única mulher que ele quis durante doze anos. O cara estava na melhor forma e não queria sair por aí espalhando a própria semente. E se ele ainda se sentir assim?

Franzi a testa. — Acho que nunca considereirei o fato de que Blake poderia não encontrar uma mulher para amar. Ele é o cara dos sonhos da maioria das mulheres.

— Ele ama *você* — retrucou Dani com a boca cheia de batatas fritas.

— Se ele não saiu antes com nenhuma outra mulher, por que sairia agora?

Como eu tivera alguns dias para pensar, percebi que deveria ter contado toda a verdade a Blake e deixar que as coisas se resolvessem da melhor forma. Agora que eu estava longe do tormento emocional de ficar perto dele, sabia que nunca esqueceria Blake Colter. Eu o amava demais.

Ele dissera que estivera me esperando. Bem no fundo, eu sabia que também estivera esperando. O tempo se passara e a vida continuara, mas sempre houvera algo faltando, um buraco dentro de mim que ficava vazio sem ele. — Talvez eu devesse ter lidado com as coisas de forma diferente

— confessei. — Talvez devesse ter dito a ele o verdadeiro motivo pelo qual está com medo?

Observei quando Dani se levantou e foi até a geladeira procurar mais comida. — Vou preparar algo saudável para você — disse eu, indo para a cozinha.

— Sério, mana? — disse ela brincando. — Depois de ser prisioneira e quase morrer de fome, a última coisa que quero é algo saudável. Que tal uma pizza?

— Teríamos que pedir — respondi distraída.

— Por mim, tudo bem — concordou Dani, pegando um refrigerante da geladeira. Telefonei para a pizzaria que víamos mais adiante na rua e pedi metade do cardápio. Parecia que minha comilança depressiva continuaria por algum tempo. Além do mais, Dani *precisava* ganhar peso.

Dani fez um som de desprezo quando desliguei o telefone. — Não que eu esteja reclamando, mas precisamos *mesmo* de tanta comida? Quero dizer, você podia ter parado antes das sobremesas. Acho que ficaremos bem

cheias com várias pizzas, asinhas de frango, sanduíches e não sei o que mais você pediu.

— Você precisa ganhar peso — retruquei na defensiva.

— Vou recuperar meu peso logo. Se eu ficar aqui por mais uma semana, acho que recuperarei tudo — brincou ela.

Eu queria encará-la friamente, mas acabei sorrindo quando vi o sorriso malicioso dela. Dani estivera animada e feliz desde que chegara a Boston.

Ela contara parte do terror que vivera durante o sequestro e dissera que não a tinham estuprado. Mas parte do tormento psicológico pelo qual a fizeram passar fora bem horrível.

— Vai voltar para a sua rede? — perguntei com cautela. Eu não queria encorajá-la. Pessoalmente, eu preferia que ela tivesse uma carreira diferente, mais segura.

— Quando eu estiver pronta — respondeu ela. — Meus chefes não querem nem ouvir falar nisso até que eu tenha tirado férias muito longas.

Não querem ser acusados de arrastar uma heroína de volta ao trabalho antes que ela esteja completamente curada — contou ela com voz desgostosa.

— Vai querer voltar para a mesma posição? Ela assentiu. — Sim. Mas nunca mais deixarei de dar valor às coisas que tenho. — Você sempre foi cuidadosa — disse eu, sentindo vontade de apoiá-la.

— Sim. Infelizmente, Marcus, o Imbecil, acha que sou imprudente. Ele ameaçou estar por perto sempre que eu tiver uma missão nova. O que ele planeja fazer? Ser minha babá?

Eu ri. — Marcus pode ser qualquer coisa, mas não a babá de alguém.

Ele é bem frio.

— Nem sempre — comentou Dani. — Ele tem bons momentos. Não existem muitos deles entre as vezes em que ele é um idiota, mas há alguma bondade bem no fundo.

— Aposto que sim — concordei. — Ele resgatou você, algo que não precisava ter feito. Até mesmo Tate se arriscou.

— Tate é um cara legal — disse Dani em tom apreciativo. — Marcus é muito nervoso. Blake é parecido com ele?

Balancei a cabeça negativamente. — Eles parecem idênticos, mas têm personalidades bem diferentes. Blake não tem medo de ser gentil e gosta de pessoas. Talvez seja isso que o faça ser um bom senador. Ele é doce e

apaixonado pelo que acha ser certo e errado. Tem uma mente científica e é brilhante. Ele também é paciente. Daria um pai maravilhoso.

Dani voltou para o sofá e retornei para minha poltrona quando ela comentou: — Se Blake é paciente, então ele e Marcus são muito diferentes.

— Ele também tem um excelente senso de humor. E um sorriso que faria qualquer mulher derreter — admiti.

— Mas que ele só usa com você — brincou Dani. — Harper, quanto tempo levará para que você vá procurar o cara e jogar-se nos braços dele implorando misericórdia por ter fugido escondida?

— Eu não fugi — disse eu em um tom altivo. — Eu só... fui embora.

— Harper — disse Dani, com repreensão na voz.

Olhei para a expressão decepcionada dela e disse: — Eu sei que você tem razão. Agora que tive um pouco de espaço, percebo que o que eu fiz não foi justo. Fiquei com medo de que ele me rejeitasse. Tive medo de não conseguir dar o que ele queria. Tive medo de que meus problemas fossem, em certo ponto, arruinar nosso relacionamento e deixá-lo infeliz.

— Você precisa pelo menos dar uma chance a ele. Se não fizer isso, nunca saberá como ele se sentirá. Eu o vi rapidamente quando estava saindo de Washington. Vou lhe dizer uma coisa: o pobre coitado parecia assombrado e miserável. E com certeza não estava sorrindo.

Ergui a cabeça de súbito e olhei para ela. — Você viu Blake?

— Sim. Eu estava embarcando no avião de Marcus e ele estava saindo do jatinho dele. Passamos ao lado um do outro, mas ele nem me notou.

Acho que estava perdido em um mundo próprio.

Franzi a testa. — Não sei o que fazer — sussurrei, sem esconder a dor da voz.

— Vá. Procurar. Blake. — insistiu Dani. — Washington é perto daqui e temos três irmãos com um jatinho particular cada. Ou você pode alugar um jatinho. Poderia chegar lá em pouco mais de uma hora.

Eu não iria a lugar algum até que Dani estivesse bem. — Vou pensar no assunto — prometi.

— Pense muito bem — sugeriu ela. — Odeio ver você assim e tudo o que aconteceu no passado está fora do seu controle. Você merece ser feliz, tanto quanto Blake merece. Você só não enxerga isso.

A campainha tocou e acenei para que ela ficasse onde estava. Ela se levantara o suficiente por um dia.

Olhei pelo olho mágico e vi o coitado do entregador tentando equilibrar todas as comidas que eu tinha pedido.

Fui buscar a carteira, sabendo que o pobre rapaz merecia uma gorjeta bem gorda.



Capítulo 24



Blake

Pela primeira vez desde que eu me tornara senador, sabia que estivera distraído durante a sessão mais cedo naquele dia.

Eu me odiei por isso.

Eu tinha um trabalho a fazer, mas não parecia conseguir me concentrar.

Desde o momento em que acordara e descobrira que Harper partira para Boston, eu não fora mais eu mesmo.

Eu passara de estar deprimido para períodos de raiva, sem ter certeza se queria gritar com Harper ou implorar para que ela voltasse.

Meu orgulho não importava mais. Algumas coisas valiam mais do que evitar a humilhação.

— Consegui — disse Marcus ao entrar na minha casa histórica em Georgetown, minha residência quando eu trabalhava em Washington.

Eu provavelmente poderia morar mais perto de Capitol Hill, mas preferia o charme de uma residência histórica em vez de um apartamento contemporâneo. Eu me sentia mais em casa nela.

Eu estava servindo uma bebida, mas virei-me para olhar para ele. —

Conseguiu o quê?

Voltando ao que eu estava fazendo, servi uma para Marcus também.

— Consegui o endereço de Harper em Boston. Você sabe que irá para lá assim que essa sessão terminar — respondeu Marcus, soando como se estivesse desafiando-me a negar que iria atrás dela de novo. Eu assenti. —

Ótimo. Fico feliz por ter conseguido o endereço dela. Isso me poupará

algum tempo. — *Foda-se o meu orgulho*. Eu não me importava mais se fizesse papel de idiota. De alguma forma, eu teria Harper de volta. Não importavam os problemas que ela tinha com compromissos, eu os resolveria. A última coisa que eu queria era segurá-la. Tudo o que eu queria era amá-la e ter o amor dela.

Marcus sorriu e soltou o pedaço de papel sobre uma mesinha. — Não podia ter simplesmente pedido a ela? Você tem o número do celular dela, certo? Eu tinha o número atual dela, mas não conseguira me forçar a ligar para ela. Se ela pretendia terminar tudo, eu a obrigaria a fazer isso pessoalmente. — Telefonemas nunca funcionaram muito bem para nós no passado — respondi ao entregar um copo de uísque a Marcus. — E duvido que ela me daria o endereço, caso atendesse.

— Tem certeza de que quer perseguir essa mulher? — perguntou Marcus em dúvida.

— Sim — respondi bruscamente.

— E por que diabos ela chutou você?

— Bem que eu queria saber — respondi com um suspiro pesado. —

Mas alguma coisa não está certa e preciso descobrir o que está acontecendo.

Harper não é do tipo de simplesmente fugir. Se ela não me quisesse, não teria problema algum em dizer isso na minha cara. Alguma coisa a está segurando. Alguma coisa a perturba. Só não sei qual é o problema.

— Quer que eu tente descobrir alguma coisa? — sugeriu Marcus. —

Sim... Não... — Eu queria saber? Claro que sim. Mas queria ouvir diretamente de Harper. — Não. Preciso que ela mesma me conte. Chega de mal-entendido.

— Ok. Mas telefone se precisar de mais alguma coisa — disse Marcus.

— Vou voltar para Rocky Springs.

— Voltarei para o Colorado em breve. As coisas irão bem em Boston ou não. — Eu ficaria em Washington por quase duas semanas e depois teríamos um recesso.

— Boa sorte — disse Marcus em tom sombrio ao terminar de beber o uísque e andar em direção à porta.

— Vou precisar. — Eu o segui até o carro com motorista e observei enquanto a limusine descia a rua e desaparecia.

Na manhã seguinte, eu iria para Boston e estava determinado a arrancar informações de Harper... principalmente o motivo de ter ido embora e por



que não estava disposta nem mesmo a tentar fazer nosso relacionamento dar certo.

A cada dia, eu a queria mais e essa necessidade estava devorando-me por dentro. Harper sempre fora a parte de mim que faltava. Eu só precisara vê-la de novo para perceber isso.

Terminando meu uísque, coloquei o copo na pia do bar e virei-me para subir a escada. Eu precisava colocar algumas coisas na mala para partir cedo no dia seguinte.

Subi a escada correndo, torcendo para finalmente conseguir quebrar as defesas de Harper e fazê-la me dar as informações de que eu precisava.

Harper

Dani ficou comigo por uma semana antes de partir para visitar nossos irmãos. Depois que ela se foi, tudo o que eu tinha era a própria companhia, o que odiei.

Não demorou muito para que eu decidisse que precisava parar de fugir de Blake. Eu tinha que contar a ele e lidar com o resultado emocional dessa decisão.

Minha irmã tinha razão. A vida era curta demais para aquele tipo de bobagem. Eu estava evitando.

Eu estava fugindo de algo bom.

Sim, poderia acabar rejeitada ou até mesmo ressentida em algum momento, mas pelo menos não haveria mais confusão para Blake sobre os meus sentimentos.

Eu o amava. Ele fora o único cara para mim desde a primeira vez em que estivéramos juntos. Ele obviamente se sentia do mesmo jeito, já que afastara todas as mulheres que olharam em sua direção ou tentaram atrair sua atenção nos doze anos anteriores.

Eu meditara por vários dias sobre o que exatamente faria. Finalmente, decidi que precisava vê-lo pessoalmente.

Eu iria para Washington. Meu irmão, Jett, tinha conseguido o endereço de Blake em Georgetown e enviara o próprio jatinho particular para me levar até lá.

No fim do dia, Blake seria meu ou eu estaria com o coração partido.

Mas isso seria muito melhor do que não saber o que teria acontecido se eu tivesse contado a ele.

Dani tivera razão ao dizer que eu merecia ser feliz e que o que acontecera anos antes estivera fora do meu controle. Eu não precisava me sentir tão

afetada, o que só acontecera quando me tornara tão vulnerável. Eu aceitara o que seria a minha vida... mas vira Blake de novo e tudo que eu sentira me deixara de ponta cabeça de novo.

Mas eu estava pronta agora. Minha irmã estava em segurança e eu não vivia em um constante estado de medo. Finalmente conseguira botar a cabeça no lugar para saber o que eu queria e o que precisava fazer para conseguir.

Eu tinha que correr um grande risco com o coração, mas Blake valia a pena.

Fiquei inquieta enquanto esperava o jatinho de Jett decolar. A aeronave era luxuosa, com bancos de couro cor de creme e um quarto no fundo, mas mal notei. Só o que eu queria era encontrar Blake e despejar os segredos que estivera mantendo.

Suspirei quando o jatinho decolou.

E se ele não quiser falar comigo? E se ele não me quiser depois de saber?

Por que os pensamentos negativos têm que surgir quando uma pessoa decide colocar o coração em risco?

Grande parte daquela decisão resultara de ouvir Dani falar durante a semana anterior, discutindo os encontros dela com os sequestradores e por que ela nunca queria arrependimentos. Percebi como eu não aproveitava direito a vida. Eu estava feliz com as coisas que fazia, mas meu coração e minha alma estavam vazios. E eu não queria continuar assim.

Não se não precisasse ficar sozinha.

Não se Blake gostasse de mim o suficiente.

Recusei comida e bebida que a comissária de bordo me ofereceu, pois havia um nó no meu estômago. Jett enviara um carro para me esperar no aeroporto e tentei respirar fundo para me acalmar a caminho da casa de Blake.

Quando chegamos, peguei minha malinha e agradei o motorista com uma gorjeta gorda. Em seguida, fui até a porta. Eu estava aterrorizada, mas não

deixei de notar a fileira de casas históricas, cada uma mais impressionantemente preservada que as outras.

Adorei o fato de Blake ter escolhido aquela casa em vez de um apartamento perto do trabalho. A arquiteta em mim quis dar uma volta e conferir as conservações que tinham sido feitas em todas as casas, mas eu tinha questões mais urgentes com que lidar no momento.

Toquei a campainha e esperei até que alguém atendesse.

Infelizmente, não foi o rosto que eu queria ver.

A mulher era de meia idade e segurava um espanador. — Estou procurando Blake Colter — disse eu em tom hesitante.

— Ele não está aqui, senhora. — A mulher foi educada e bem direta.

Merda! — Ele voltou para o Colorado?

Meu celular começou a tocar e vasculhei minha bolsa em busca dele.

Atendi com a voz ofegante por causa do medo e da decepção de não ter encontrado Blake.

— Alô.

— Onde diabos está você? — perguntou Blake em tom exigente. —

Georgetown — respondi com sinceridade. — Vim procurar você. —

Merda! — xingou ele. — Estou em Boston. Eu precisava ver você.

Demorei um momento para perceber que ainda estávamos em cidades diferentes, apesar de termos tido a mesma ideia de estarmos no mesmo lugar.

Comecei a rir. A mulher, que devia ser a governanta de Blake, me encarou como se eu fosse louca.

No outro lado da linha, percebi que ele também ria. — Inacreditável.

Tentamos encontrar um ao outro e acabamos em lugares diferentes — disse Blake com humor na voz.

Eu ri. — Se você tivesse ficado aqui...

— Ou se você tivesse ficado em Boston. Não vá a lugar nenhum.

Estarei aí em poucas horas — exigiu ele. — Minha governanta está aí?

— Sim. — Entreguei o celular à mulher espantada que ainda estava à porta.

Ela falou com Blake por vários minutos, dando respostas monossilábicas. Quando finalmente desligou e devolveu meu telefone, ela deu um passo atrás. — Por favor, entre. O senador Colter gostaria que você se sentisse em casa.

Entrei, admirando a decoração enquanto analisava como a arquitetura original fora bem preservada. Era uma casa adorável. Não era pretensiosa, mas certamente decorada com antiguidades para corresponder ao período da construção. Ela me levou até uma sala de estar que tinha mobílias mais novas, um espaço que provavelmente era o mais usado. — Obrigada — murmurei.

— Quer comer alguma coisa? Alguma bebida?

Apesar de querer muito manter a minha compulsão por comida e aceitar, acabei dizendo: — Não, estou bem, obrigada.

A mulher saiu da sala e fechou a porta atrás de si. Tirei o casaco e as botas pesadas que usava e sentei no sofá de couro confortável, ainda atônita com o fato de Blake ter ido atrás de mim em Boston.

Aquilo me deu esperança.

Deixou meu coração mais leve.

Liguei a televisão e enrolei-me em um cobertor.

Tentei ficar acordada e concentrada, mas eu mal dormira nas noites anteriores e estava exausta.

Alguns minutos depois, não consegui mais manter os olhos abertos e dormi.



Capítulo 25



Blake

Meu voo de volta para Washington pareceu demorar uma eternidade.

Apesar de o trecho ser curto, fiquei inquieto durante toda a viagem, torcendo para que Harper ainda estivesse na minha casa quando eu chegasse lá.

Quando finalmente subi a escada da minha mansão histórica, respirei fundo ao colocar a chave na fechadura, com o coração batendo forte de ansiedade.

E se ela não me quiser?

E se for a última vez que a verei?

Afastei os pensamentos negativos ao entrar em casa e perceber que tudo estava muito quieto. Minha governanta obviamente fora embora e, ao andar pela sala de estar formal, ouvi a televisão ligada na outra sala.

Chegara a hora de lutar pelo que eu realmente queria, pelo que realmente precisava. Minha vida não valia nada sem Harper e precisava fazê-la entender que, não importava o que estivesse no caminho, eu resolveria.

Abrindo a porta, espiei para dentro, olhando da televisão na parede para o sofá de couro onde Harper estava deitada. Ela parecia tão confortável que, antes mesmo de me aproximar, percebi que estava dormindo.

Jesus, ela era linda. Os cabelos estavam caídos e cobrindo parcialmente seu rosto. Sem pensar, agachei ao lado dela e empurrei os cachos para trás, revelando as feições delicadas.



As olheiras fundas me disseram que ela provavelmente dormira tanto quanto eu nos dias anteriores. Porém, tirando isso, ela estava linda.

Minha!

Parecia tão perfeitamente natural que ela estivesse ali que meu coração ficou apertado quando olhei para os sapatos, a bolsa e o casaco dela sobre a cadeira.

— Ela tem que ficar — murmurei para mim mesmo ao ajeitar o cobertor em volta dela.

Acariciei de leve os cabelos dela, o que a fez se mexer. — Blake — disse ela com voz sonolenta.

— Durma, Harper. Podemos conversar depois. Estou aqui.

Eu a ouvi suspirar e, em seguida, quando a respiração dela voltou a ficar regular. A confiança dela em mim fez meu coração dar um salto.

Fui até uma poltrona ao lado do sofá, sentei-me, tirei os sapatos e observei o sono dela.

Harper

Senti a presença de Blake no momento em que comecei a despertar. Meus olhos se abriram e quase imediatamente encontrei o olhar dele. — Você está

aqui. — *Brilhante, certo?* Era óbvio que ele estava em casa. Eu estava olhando para ele.

— Estou aqui a algum tempo. Quis deixar você descansar.

Sentei-me, esfregando os olhos. — Quando você chegou?

Ele deu de ombros. — Algumas horas atrás.

— Você deveria ter me acordado. Desculpe. Eu estava tão cansada que peguei no sono. — Sei como é — respondeu ele com voz rouca. — Eu também não tenho dormido muito.

Enquanto eu olhava para ele, ainda tentando entender onde estava, ficou óbvio que ele estava cansado. Os cabelos escuros estavam desgrehados, como se ele tivesse corrido a mão por eles com frustração. O

olhar normalmente aguçado estava esmaecido e a barba estava por fazer, como se ele não a tivesse feito em alguns dias.

Mesmo naquele estado bagunçado, o terno feito sob medida sem a gravata e com alguns botões da camisa abertos, Blake ainda era a coisa mais linda que eu vira em muito tempo. Meu coração ficou apertado quando

percebi a tristeza genuína nos olhos dele. Tudo o que eu queria era consertar o que estivesse errado.

Eu queria que tudo ficasse certo novamente no mundo dele, especialmente por saber que o estado dele era culpa minha. Reconheci o pesar dele, que encontrou eco no meu próprio pesar.

— Eu sinto tanto — disse eu, torcendo para que a emoção naquelas três palavras ajudassem a desfazer a dor que eu lhe causara.

E eu *tinha* causado essa dor nele. O tormento estava espalhado em seu rosto. — Por que você me deixou, Harper? Por quê? — A voz dele estava furiosa e suplicante, exigindo saber por que eu fugira.

— Por que não posso ser tudo para você, Blake. Não posso ser a mulher de que você precisa — comecei a explicar.

— Você é tudo para mim — interrompeu ele. — Tudo.

— Mas não sou do tipo de ter um relacionamento de longo prazo —

arguntei. — Não sou uma mulher com quem você pode ter um final feliz.

— Por que não? Pelo amor de Deus, Harper, esperei doze malditos anos só para ver você de novo. Talvez eu nunca tenha admitido isso conscientemente para mim mesmo até vê-la de novo, mas é verdade. — Ele se levantou e foi se sentar no sofá. Em seguida, segurou-me pelos ombros para que eu o encarasse. — Acha que não tive a oportunidade de ter outra pessoa? De transar com outras mulheres? De fazer sexo só para me aliviar?

Olhei para a expressão frenética dele. — Eu sei que sim e sei que poderia ter feito isso.

— Mas não fiz — retrucou ele. — Quer saber o motivo? — Eu não conseguia falar e só assenti.

— Porque eu nunca consegui deixar de amar você. Não importava o quanto eu tentasse... você me assombrou por mais de uma década. Uma noite com você foi o suficiente para me arruinar. Você arrancou meu coração do peito e ficou com ele esse tempo todo. Nem uma única vez eu quis outra pessoa. Sempre foi você.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto quando respondi: — Eu senti a mesma coisa. — Então me diga por que diabos não pode ficar. Eu amo você, Harper. Sempre amei.

Senti como se uma faca entrasse no meu peito, uma dor tão intensa que tive que colocar a mão no peito para ter certeza de que meu coração

continuava inteiro. — Isto está errado, Blake. Muito errado.

Ele me sacudi de leve. — O quê? Diga-me o que é tão errado. Vou consertar. Vou dar um jeito.

Limpei as lágrimas ao responder: — Você não tem como consertar.

Ninguém pode.

— Diga-me.

— Você seria um pai maravilhoso — disse eu com a voz cheia de dor.

— Sim. E adoraria engravidar você, se é o que quer. Caso não tenha notado, praticar não é problema nenhum para mim.

— É esse o problema. Você não pode e nunca poderá. — Respirei fundo e encontrei o olhar dele. — Não posso ter filhos, Blake. Nunca. E

você não tem como consertar isso.

Houve um silêncio completo na sala enquanto Blake só me encarava, parecendo confuso. — Por quê?

— Eu engravidei doze anos atrás. Sei que você usou camisinha, mas alguma coisa deu errado.

— Nós temos um filho? — perguntou Blake com cautela. Balancei a cabeça devagar. — Não.

— Camisinhas velhas — respondeu ele. — Um dos meus colegas de faculdade me deu essas camisinhas quando encontrou uma namorada e começou um relacionamento sério. A namorada dele tomava anticoncepcional. Não sei por quanto tempo ele as tinha, mas, quando vi a caixa ao voltar para a faculdade, vi que estava vencidas. O látex se rompe depois de algum tempo. Não pensei muito no assunto porque nunca mais tive notícias de você. — Ele hesitou antes de perguntar em tom grave: —

Por que não me telefonou? O que aconteceu?

Respirei fundo e botei para fora, tentando relaxar antes de explicar: —

Perdi o bebê. Tive o que é chamado de gravidez tubária, quando o óvulo fertilizado se prende à trompa. Ela rompeu e precisei de uma cirurgia de emergência. Não posso mais ter filhos, Blake. Sou infértil.

Vi o brilho nos olhos dele e quase consegui ouvir as perguntas formando-se em sua mente. Eu queria deixar a explicação simples, mas percebi que não me livraria sem responder a mais perguntas.



Capítulo 26



Harper

—Você sabia que estava grávida? — Os olhos de Blake tinham uma expressão feroz e a mandíbula estava cerrada quando ele fez a pergunta. —

Eu tinha acabado de descobrir — expliquei. — Eu mal tinha aceitado o fato de estar grávida. E sim, eu ia contar a você. Você tinha o direito de saber.

Mas não cheguei tão longe antes de ter que passar pela cirurgia. A gravidez não era viável. Descobri, depois da cirurgia, que tinha endometriose nas duas trompas, que estavam bloqueadas. O médico removeu uma delas e tentou limpar a outra, mas tenho cicatrizes agora e meu ginecologista testou para ver se um óvulo passaria. Ele disse que as chances são praticamente nulas.

— Há outras maneiras. Fertilização *in vitro*?

— Possível, mas difícil. Blake, depois que perdi o bebê, fiquei deprimida. Desanimada. Não sei se consigo passar por algo assim de novo.

Não fui eu mesma durante anos.

Ele tirou o casaco e jogou-o na cadeira. Em seguida, colocou os braços em volta de mim e puxou-me para o colo. — Você queria o bebê quando achou que a gravidez era normal?

Olhei para ele com os olhos vermelhos e as lágrimas ainda escorrendo.

— Sim. Quando me acostumei com a ideia de que estava grávida, eu queria muito o bebê. Eu tinha como sustentá-lo e ainda continuar a faculdade. E eu o queria porque... — Eu nem sabia como explicar.

— Porque era nosso — terminou ele.

Eu assenti. — Porque era seu — corrigi. — Eu não consegui admitir isso para mim mesma na época, mas sei agora que é verdade.

Ele usou o polegar para limpar algumas das lágrimas do meu rosto ao perguntar: — Achou, mesmo por um momento, que o fato de não poder ter filhos faria alguma diferença no que sinto por você?

— Faz diferença para mim — admiti. — Você disse que queria ser pai e seria um pai maravilhoso.

— Não me importo nem um pouco, Harper. Odeio o fato de você ter sofrido e queria muito que tivesse me procurado para que eu pudesse lhe dar apoio. Mas, sob as circunstâncias, entendo por que não fez isso. Porém, não somos mais jovens universitários. E tudo o que eu sempre quis foi você.

— Você vai querer uma família, Blake — protestei.

— Não posso ter uma família sem você — disse ele com voz rouca. Os olhos suplicavam para que eu entendesse.

— Nem pode ter uma *comigo* — disse eu com tom de incerteza. —

Harper, você é tudo para mim. Se eu não tiver você, não terei nada.

— Eu amo você — disse eu, sem conseguir mais conter as emoções.

Meu Deus! Amei este homem forte e teimoso que não me esqueceu.

Senti o corpo dele estremecer contra o meu. — Eu também amo você, querida. Estive tentando fazer você entender isso desde o momento em que a vi de novo. Não existe outra mulher para mim. Nunca existiu e nunca existirá.

Passei os braços em volta do pescoço dele e abracei-o com força, apoiando a cabeça em seu ombro. — Então, basicamente, estamos ferrados.

— Querida, eu estou ferrado desde o dia em que você olhou para mim naquele abrigo. Mas, se disser que será minha, serei um ferrado muito feliz.

Bati de leve no braço dele. — Isto não é algo que você pode decidir sem pensar bem, Blake. Se me aceitar, você provavelmente não terá filhos.

— Por que não podemos adotar uma criança, uma daquelas sem-teto que precisam de pais? Harper, uma criança não precisa ter o meu DNA para que eu a ame e para que nós sejamos pais. — Ele acariciou o meu pescoço, tentando me reconfortar.

Eu sempre quisera adotar uma criança e planejava fazer isso como mãe solteira quando me estabelecesse em algum lugar. Para muitas crianças que precisavam de um lar, um pai ou uma mãe estável era muito melhor do que nenhum. Mas o fato de Blake realmente não parecer se importar se a

criança fosse filha natural dele ou não fez meu coração flutuar com uma felicidade que nunca ousei acreditar que existisse.

Eu poderia ter Blake.

E poderíamos ter a nossa família.

Tudo o que eu tinha que fazer era acreditar que ele ficaria feliz com isso.

Recuei e inclinei a cabeça, encontrando os olhos cinzentos acolhedores.

Meu coração derreteu como se fosse manteiga. — Você consegue conviver com o fato de nunca podermos ter um filho nosso?

— De que adianta passar pelo processo de tentarmos ter um filho quando tantas crianças precisam de um lar? — perguntou ele, soando genuinamente perplexo.

— Meu Deus, você é um homem tão incrível, Blake Colter — disse eu com voz maravilhada.

— Não sou tão incrível assim — retrucou ele. — Muitas pessoas adotam.

Sim, era verdade. Mas normalmente era uma decisão tomada quando não havia outra opção ou para aumentar a família. Mas meu Blake maravilhoso queria adotar porque era certo. — Eu amo você. Eu amo você pelo seu apoio, sua compreensão e seu coração generoso. Amo o fato de você me aceitar, mesmo eu sendo defeituosa.

— Você. Não. É. Defeituosa. — A voz dele era grave. — Harper, eu a engravidei e depois não estava lá para dar apoio a você. Você estava gravemente doente e quem estava lá?

— Ninguém — respondi com sinceridade. — Eu não queria que meus pais soubessem e tudo aconteceu muito depressa. A única pessoa que sabe é Dani e só contei para ela anos depois, quando eu soube que tinha cicatrizes demais para ser fértil.

Ele me puxou contra o corpo e segurou-me lá, acariciando meus cabelos. — Fique comigo, Harper. Nunca me deixe de novo. Quero estar ao seu lado quando precisar de mim. Quero que se case comigo e nós *seremos* felizes para sempre. Prometo. Eu preciso só de você. O resto é bônus.

— Eu amo você — sussurrei contra o ombro dele. — Eu amo você demais. Eu queria que você tivesse tudo.

— Eu tenho — disse ele com voz rouca. — Eu a tenho bem aqui, nos meus braços. E, desta vez, você não vai a lugar algum.

— Não, não vou. — Suspirei feliz. — Pelo menos, não agora. Tenho que voltar a Boston em alguns dias.

Ele me ergueu, colocando minhas pernas nos lados do corpo dele. —

Então acho melhor eu me ocupar logo.

Sorri para ele, um sorriso de pura felicidade. — Fazendo o quê, exatamente? — Convencendo você de que, se casar comigo, eu a farei tão feliz que nunca sentirá que falta alguma coisa — respondeu ele.

Ai, meu Deus. Eu viveria em um constante estado de sonho se Blake fosse meu. — E como pretende fazer isso, senador Colter? — perguntei em tom malicioso.

— Fazendo você gozar até que não consiga mais se mexer, mesmo que queira — informou ele com um sorriso sexy.

Meu coração batia depressa quando comecei a desabotoar lentamente a camisa dele. — Talvez devesse ser meu trabalho fazer você feliz. Fui eu quem partiu e quero muito ficar com você para o resto da vida — sugeri.

— Não me entenda mal, adoro a ideia de você fazer isso. Porém, querida, só o que precisa fazer é respirar para que eu continue querendo você. Nunca deixei de querer. — Ele falou com a voz baixa e cheia de luxúria.

Quando cheguei ao último botão, abri a camisa dele e coloquei as mãos sobre o peito musculoso. Tudo o que eu queria era derreter contra o corpo protetor de Blake. — Eu também nunca deixei.

Ele se levantou, levando-me com ele, e segurou-me até que meus pés estivessem no chão. Ele me soltou para tirar a camisa. Rapidamente, tirei toda a minha roupa na frente dele, mostrando que não tinha mais segredos.

Eu era dele, pronta para me expor completamente... literal e figurativamente.

Jurei que nunca mais haveria segredos entre nós de novo. Se Blake conseguia lidar com o fato de eu não poder ter filhos com tanta facilidade, não havia nada que não pudéssemos resolver juntos.

Ele me observou com um olhar feral enquanto eu me despia, tirando o restante das próprias roupas sem afastar o olhar de mim.

O ar à nossa volta estava cheio de tensão sexual, mas nenhum de nós disse nada. Nós nos comunicamos com os olhos e o corpo. Ele entendeu exatamente o que eu queria transmitir e, no momento em que deixei cair a última peça de roupa, Blake abriu os braços.

Eu me aproximei dele, mordendo o lábio inferior para me impedir de gemer quando a minha pele encostou na dele. Passei os braços em volta da cintura dele e acariciei a pele quente de suas costas. Ele agarrou meus cabelos para puxar minha cabeça para trás e devorar-me com o beijo mais intenso que já me dera.

Meu corpo respondeu de forma quase violenta, com crescente excitação ao perceber como ele precisava de mim e como estávamos vulneráveis um ao outro.

Gemi contra a boca de Blake, desesperada para que nossos corpos se juntassem. Porém, ele liberou meus lábios e continuou segurando meus cabelos, passando a boca sobre cada centímetro de pele nua que encontrou.

— Blake. Por favor. Preciso de você — murmurei, agarrando os cabelos dele.

Minhas emoções transbordavam do corpo e eu precisava liberá-las.

— Você me terá. Cada centímetro — respondeu ele, recuando um passo para que pudesse colocar as mãos nos meus seios, provocando os mamilos.

Em seguida, ele desceu a mão e colocou os dedos entre as minhas coxas.

— Isso — disse eu em tom encorajador. — Toque em mim.

Eu já estava molhada e pronta para ele. Senti quando o corpo de Blake ficou tenso ao deslizar os dedos com facilidade pelas minhas dobras. —

Querida, você está tão pronta para mim...

— Estou pronta há tempos. — Deslizei a mão entre nós e segurei o pênis rígido.

— Harper, não — rosnou ele, afastando a minha mão. — No momento, preciso estar dentro de você.

Ele passou os braços em volta da minha cintura, pegou-me no colo e levou-me até uma mesa, colocando as minhas mãos sobre a superfície depois de deixar que meus pés encostassem no chão. — Agente firme —

disse ele ao usar os pés para fazer com que eu abrisse as pernas.

Eu sabia o que ele faria e estava pronta. Meu sexo se contraiu ao pensar em recebê-lo o mais fundo possível.

Estremeci de ansiedade quando ele se posicionou atrás de mim, com as mãos acariciando minhas costas e meu traseiro. Ele colocou a mão entre minhas coxas, massageando o clitóris sensualmente enquanto eu esperava que me possuísse.

— Blake. Por favor — implorei, precisando que ele transasse comigo de forma quente, dura e rápida para saciar a dor dentro de mim.

Ele agarrou meus cabelos de novo, puxando minha cabeça para cima.

— Olhe — insistiu ele. — Olhe para nós enquanto faço você gozar.

Eu não tinha notado o espelho na parede até que ele falou aquilo. Meus olhos voaram para o rosto dele. Ele já me observava e nossos olhos se encontraram no espelho.

O desejo nu de Blake e os olhos prateados devoraram minha imagem. E

eu não tinha nada a esconder. Não mais. Eu amava aquele homem ferozmente e nunca mais esconderia minhas emoções dele. Lancei um olhar cheio de desejo a ele e exigi: — Transe. Comigo. Agora. — Ele perdeu o controle, com as mãos ásperas agarrando meus quadris, e, com uma investida rápida, enterrou-se fundo dentro de mim, estendendo-me até que gemi de satisfação. — Ai, meu Deus. Isso.

Mantive a cabeça erguida, observando avidamente a expressão de Blake ficar selvagem e faminta, com a tensão crescendo enquanto ele entrava e saía de mim. — Tão molhada. Tão apertada. Meu Deus, Harper, nunca vou ter o suficiente de você.

— Pegue tudo. Tudo o que quer — encorajei-o sem fôlego, precisando que Blake finalmente, depois de todos aqueles anos, me reclamasse para sempre.

— Minha. — Aquela única palavra saiu da boca dele.

— Sim. Sempre fui sua. Possua-me.

Ele começou a se mover de forma quase selvagem, mas apreciei a força e o ritmo punitivos.

Eu precisava disso. Eu precisava dele.

Quanto mais forte eram as investidas, mais feroz era nosso desejo.

Minhas mãos deslizaram para a frente para segurar as bordas da mesa de madeira sólida. Eu me sentia como se estivesse perdendo o juízo enquanto nossa respiração pesada e o som de nossos corpos encontrando-se eram os únicos sons na sala.

Senti o clímax acumulando-se a uma intensidade que quase me assustou quando o rosto de Blake mostrou uma expressão descontrolada.

A mão dele deslizou do meu quadril para a frente do meu corpo. Ele colocou os dedos dentro da minha boceta e acariciou o clitóris enquanto continuava o ritmo frenético com o pênis.

— Blake. Ai, meu Deus. Não aguento — gritei. — Aguenta. Goze para mim — comandou ele.

Olhei para o espelho, sem me reconhecer direito na imagem carnal quando o orgasmo tomou conta do meu corpo. — Blake! Eu amo você! Eu amo você! — As palavras saíram da minha boca em um grito de êxtase que não consegui controlar.

— Isso, querida. Goze para mim.

As pulsações eram tão intensas e os espasmos tão fortes que mal consegui ficar de pé enquanto Blake investia mais algumas vezes até finalmente gozar com um gemido longo. — Eu amo você, Harper. Sempre foi só você.

Estremeci com as palavras dele e com os espasmos finais do orgasmo.

Blake me puxou contra o próprio corpo, passando os braços seguramente em volta da minha cintura para que eu não caísse.

Ele saiu de dentro de mim e pegou-me no colo, carregando-me de volta para o sofá. Em seguida, deitou-se e colocou-me sobre ele. Deitei a cabeça no peito dele e ouvi as batidas de seu coração voltarem para um ritmo mais lento. Meu corpo estava saciado e meu coração cheio de tanta felicidade que eu mal conseguia respirar. Acariciei o maxilar e o pescoço dele. — Eu amo você — repeti, sem conseguir dizer aquilo o suficiente agora que finalmente dissera.

— Eu também amo você. E vamos nos casar — disse ele, passando os braços de forma protetora em volta do meu corpo.

Eu sorri. Sem ter mais motivos para objetar, respondi: — Sim. Sim, vamos. Nunca mais vou fugir.

— Porra, amém — disse ele com alívio na voz.

Eu ri, perguntando-me o que os eleitores dele diriam se o ouvissem xingar tão livremente.

Ele bocejou e percebi que estava realmente exausto. — Você não tem uma cama perfeitamente boa aqui?

Ele sorriu para mim. — Tenho. Uma ótima. Quer vê-la? — Claro.

Ele se levantou comigo nos braços e com um sorriso feliz no rosto que fez meu coração dar um salto.

Blake me mostrou o quarto dele. E realmente *tinha* uma cama perfeitamente boa.

Saber que eu a dividiria com Blake para sempre fazia que com a cama fosse melhor do que boa, ela era espetacular.



Epílogo



Harper

Dois meses depois...

—Estou grávida. — Não havia como suavizar o fato de que eu teria um filho de Blake, portanto, só joguei a notícia.

Eu esperara até podermos estar juntos em Rocky Springs para contar a novidade a ele pessoalmente. O ultrassom confirmara que o óvulo passara pela trompa contra todas as chances e agora o bebê dele crescia dentro da minha barriga. Eu ficara aterrorizada quando fora fazer o exame, com muito medo de ter outra gravidez tubária, mas o pior não acontecera. Depois disso, eu ficara tão empolgada para contar a Blake que quase deixara escapar pelo telefone a caminho de Boston para o Colorado.

Não tínhamos problema em adotar, mas esse evento feliz parecia como a cereja de um bolo já muito doce.

Os dois meses anteriores tinham sido uma loucura, durante os quais fizemos o possível para nos encontrarmos sempre que havia a chance. Eu sentia tanta falta dele que, quando não estávamos juntos, meu coração doía.

Portanto, mesmo se fosse apenas um ou dois dias, eu voava para Washington para encontrá-lo ou ele ia para Boston para passar um dia livre

comigo.

Fora o período mais feliz da minha vida. Blake me mimava muito, enchendo-me de amor e pequenas coisas que comprava apenas porque o faziam se lembrar de mim. Eu retribuí o amor que ele me dava e fazia pequenas coisas só para vê-lo sorrir.

E ele sorria com frequência e, a cada vez, meu coração dava um salto.

Eu não tinha dúvidas de que ele estava feliz. E eu ficaria em êxtase se nunca mais visse aqueles belos olhos torturados e atormentados de novo.

Ele se virou e olhou para mim, esquecendo a bebida que servia para voltar ao sofá e sentar-se ao meu lado. — Você acabou mesmo de dizer que está grávida? — perguntou ele confuso.

— Acho que eu deveria dizer que estamos grávidos — corriji com um sorriso trêmulo.

— Caralho! Temos que ir para o hospital — disse ele com voz preocupada ao começar a se levantar.

Agarrei a camiseta dele, forçando-o a se sentar novamente. — Você não entendeu. Eu estou bem. Fiz um ultrassom. Estou grávida. Uma gravidez normal por enquanto. O médico disse que pode acontecer. Algumas vezes, a trompa tem algum problema, mas o óvulo consegue passar.

Observei quando ele correu a mão preocupado pela cabeça, deixando os cabelos que eu amava tanto totalmente desgrehados.

— Você está segura? — perguntou ele, com as sobrancelhas ainda franzidas de preocupação.

Meu coração deu um salto quando percebi o medo na expressão dele.

Peguei a mão dele e garanti: — Está tudo bem. Estou bem. Mas vamos ser pais um pouco mais cedo do que planejáramos.

Ele parecia muito orgulhoso de si mesmo quando finalmente começou a sorrir. — Nós fizemos um bebê. — Ele disse as palavras como se fôssemos o único casal a realizar tal feito.

Ele moveu nossas mãos entrelaçadas para que repousassem sobre meu abdômen ainda plano. Se eu não tivesse um problema de infertilidade tão grave, provavelmente teria rido. Como passáramos muito tempo transando, eu inevitavelmente teria engravidado se não tivesse problemas.

— Nós certamente praticamos bastante — brinquei.

— Ainda estou preocupado — confessou Blake com expressão atônita.

— Quero esse bebê, mas estou com medo de que alguma coisa ruim aconteça com você.

Meu coração ficou apertado e meu amor pelo homem sentado ao meu lado me deixou sem palavras.

Não havia nada de errado comigo nem com a gravidez. Mas Blake ainda estava preocupado com a forma como ela me afetaria. — A parte

difícil e quase impossível já acabou. Não há nada de errado com o resto dos meus órgãos femininos — disse eu em tom firme. — Querida, posso confirmar o fato de que *nunca* houve nada de errado com suas outras partes femininas — respondeu ele em tom provocador.

Bati de leve no braço dele. — Estou falando sério, Blake. Vou ficar bem. Nosso bebê vai ficar bem. Neste ponto, não há nada de errado com nenhum de nós dois.

Ele soltou um suspiro de alívio e puxou-me para seu colo. — Nada pode acontecer com você nunca, Harper. Eu não sobreviveria. — Ele hesitou antes de perguntar: — Você está feliz?

Passei os braços em volta do pescoço dele. Ele me abraçou com força.

— Está brincando? Estou incrivelmente feliz. Ainda poderemos adotar mais tarde — disse eu em tom suave.

— Não devemos nunca mais correr este risco — disse ele ao colocar a mão protetoramente na minha barriga. — E se não tivesse dado certo? E se tivesse dado errado?

— Deu certo. Pare de se preocupar.

Ele beijou a minha testa. — Não posso. Você é tudo para mim, querida.

Quando uma mulher tem a minha vida inteira nas mãos, é muito assustador

— resmungou ele.

Se os papéis fossem invertidos e se tivesse acontecido algo que poderia representar risco para ele, eu ficaria frenética, portanto, sabia como era. A forma como nos amávamos, como precisávamos um do outro, *era* assustadora. Mas eu não desejaria que fosse de outra forma.

Eu o amava com cada célula do meu ser. E eu nem queria pensar em como me sentiria se algo acontecesse com ele.

— Você está feliz? — perguntei a ele.

Os olhos dele encontraram os meus quando ele disse: — Você sabe que sim. Não há nada que eu queira mais neste mundo do que você e essa criança que fizemos. Mas acho que essa gravidez vai tirar anos da minha vida.

— Não, não vai. Estou ótima — argumentei. — Na verdade, nunca me senti tão bem. — Eu amo você. Vou garantir que permaneça saudável —

jurou ele. — Preciso alimentar você e depois levá-la para a cama.

Sentei no colo dele e passei as mãos pelos cabelos desgrehados. —

Prefiro ir para a cama primeiro — murmurei com a voz cheia de ansiedade.

Eu não vira Blake em duas semanas e a última coisa que queria era comida.

— Comida — rosnou ele. — E podemos fazer sexo?

Eu ri desta vez porque não consegui me segurar. — Estou perfeitamente saudável. E acho que meus hormônios estão loucos, pois só consigo pensar em você nu.

Ele encostou a cabeça no sofá e gemeu. — É foda. — Exatamente —
retruquei e abaixei a boca sobre a dele.

Blake saiu rapidamente da posição desconfortável, apertando os braços em volta de mim e movendo as mãos possessivamente para agarrar meu traseiro.

Saboreei o toque dele enquanto explorava sua boca, adorando a sensação de saber finalmente que ele era meu.

Quando levantei a cabeça, meu olhar faminto encontrou o dele e meu coração acelerou.

— Você está me matando — reclamou ele.

Afastei os meus cabelos do rosto com um sorriso. — Você parece bem vivo para mim — disse eu em tom de brincadeira ao descer o corpo sobre a evidente ereção.

— Não existe um momento em que não fico de pau duro quando você está perto de mim — disse ele com voz rouca.

— Eu amo você. E vamos ter um bebê. Uma gravidez saudável. Minha vida não poderia estar melhor — confidenciei com a voz cheia de emoção.

— Eu também amo você, querida — respondeu ele no mesmo tom. —

Estou feliz. Só preciso de tempo para me acostumar com a ideia de que vamos ter um filho. E ainda não consigo acreditar que você vai se casar comigo.

Eu tinha o anel dele no meu dedo e estávamos planejando o casamento seis meses depois. Eu queria me mudar para Rocky Springs permanentemente antes de nos casarmos lá. — Vou terminar o trabalho em Boston cedo.

— Ótimo. — Ele assentiu. — Então você pode se casar comigo mais cedo.

— Não pretendo discutir sobre isso. — Sem dúvida, a barriga estaria aparecendo quando nos casássemos, mas isso não importava para mim.

Blake Colter se tornar meu parceiro e meu marido seria o dia mais feliz da minha vida.

— Quero mudar meu estilo de vida. Se vamos ter um bebê, não quero mais viajar o tempo inteiro — murmurou ele.

— Conversaremos sobre isso. — Blake tinha que pensar em breve se queria se candidatar à reeleição. — Não quero que desista de nada só para ficar comigo.

— Vamos achar um jeito — insistiu ele. — No momento, você está desistindo de viajar a trabalho toda hora.

— Não é nada demais — expliquei pela vigésima vez. — Há muitos trabalhos no Colorado. E não queremos ficar separados por semanas a cada vez.

— Então talvez eu não concorra à reeleição.

— Ou talvez concorra. E eu encontrarei trabalhos nas épocas em que você estará Washington. — Meu trabalho era muito mais flexível do que o dele. E viajar com ele não seria nem um pouco difícil.

— Perdemos doze anos. Não vou perder nem mais um minuto com você.

Sorri para ele com ternura. O amor na voz dele tocou meu coração e minha alma. — Vamos achar um jeito — prometi.

Ele assentiu. — Logo depois do jantar — disse ele.

— Que será logo depois disto. — Entrelacei os dedos nos cabelos dele e movi os quadris para encorajá-lo a ver as coisas do meu jeito.

— Comida, mulher. Você está grávida — respondeu ele em um rosnado. — Eu almocei — argumentei. — Preciso de você mais do que de comida agora.

— Eu sempre precisarei de você, Harper. E sempre precisei. Você era o que faltava na minha vida.

Suspirei. — Leve-me para a cama, Blake.

Ele se levantou lentamente, deixando-me prender as pernas em volta de sua cintura. — Vou lhe dar o que quer... desta vez. Mas só porque não consigo me segurar.

— Só o que eu quero é você — sussurrei no ouvido dele enquanto Blake me carregava para o quarto.

— Eu sou seu — respondeu ele com voz rouca.

— Finalmente — concordei com um suspiro, deitando a cabeça no ombro dele. Talvez eu não tivesse percebido que estivera esperando aquele homem e aquele momento da minha vida para tê-lo. Quando não soubera que fora Blake quem me salvara tantos anos antes, eu me odiara porque achara que me apaixonara por Marcus. Mas, mesmo então, eu nunca conseguira me convencer totalmente que não precisava do homem que, de forma tão doce, fora o meu primeiro. Mal sabia eu que o homem de que precisava não era Marcus. E que eu tinha todos os motivos do mundo para ainda estar apaixonada pelo cara que me resgatara naquela noite gelada tanto tempo antes.

Pela primeira vez desde que me tornara adulta, minha vida finalmente fazia sentido de novo, pois o amor da minha vida era *Blake Colter*. E

sempre fora.

— Tem certeza de que deveríamos estar fazendo isto? — perguntou Blake com incerteza na voz ao me deitar gentilmente na cama enorme.

A hesitação em um homem que normalmente era tão seguro de si derreteu meu coração. Eu sabia que era por preocupação comigo e nosso bebê, e fiquei emocionada com a vulnerabilidade dele.

— Tenho certeza — respondi ao passar os braços em volta dele quando Blake deitou na cama. — Se não fizermos isto, vou ser uma grávida muito rabugenta. Hormônios — lembrei a ele em tom de brincadeira.

Ele sorriu. — Você nunca é rabugenta, mas não pretendo arriscar.

Eu assenti. — Você é esperto — comentei.

O sorriso dele foi maliciosamente sedutor quando ele me mostrou como conseguia ser brilhante.

~ Fim ~

Acesse:

<http://www.authorjsscott.com>

<http://www.facebook.com/authorjsscott>

Você pode falar comigo pelo e-mail

jsscott_author@hotmail.com

Ou pode enviar um tweet:

[@AuthorJSScott](#)

Registre-se para receber meu boletim informativo com novidades, novos lançamentos e excertos exclusivos aqui:

<https://landing.mailerlite.com/webforms/landing/i0j7c2>

Livros em de B. A. Scott

Série A Obsessão do Bilionário:

[A Obsessão do Bilionário: A Coleção Completa \(Simon\)](#)

[O Coração do Bilionário \(Sam\)](#)

[A Salvação do Bilionário \(Max\)](#)

[O Jogo do Bilionário \(Kade\)](#)

[A Perdição do Bilionário \(Travis\)](#)

[Bilionário Desmascarado \(Jason\)](#)

[Bilionário Indomado \(Tate\)](#)

[Bilionário Sem Limites \(Chloe\)](#)

[Bilionário Destemido \(Zane\)](#)

Bilionário Desconhecido (Blake)

Série Um romance dos Irmãos Walker:

[Liberte-se! \(Trace\)](#)

[O Playboy! \(Sebastian\)](#)

Série Os Sinclair:

[Um bilionário raro \(Dante\)](#)

[O bilionário proibido \(Jared\)](#)

[O Toque do Bilionário \(Evan\)](#)

OceanofPDF.com

Document Outline

- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Epílogo](#)